

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE - UNICENTRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LETRAS NÍVEL DE
MESTRADO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: INTERFACES ENTRE LÍNGUA E LITERATURA

ALINE RAFAELLA DE SOUZA

VARIAÇÃO DO COMPLEMENTO PREPOSICIONAL DE LOCATIVO DO VERBO IR DE
MOVIMENTO NA FALA DE DESCENDENTES DE ESLAVOS

GUARAPUAVA

2017

ALINE RAFAELLA DE SOUZA

**VARIAÇÃO DO COMPLEMENTO PREPOSICIONAL DE LOCATIVO DO VERBO IR DE
MOVIMENTO NA FALA DE DESCENDENTES DE ESLAVOS**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras, Curso de Pós-Graduação em Letras, área de concentração Interface entre língua e literatura, da UNICENTRO.

Orientadora: Dra. Loremi Loregian-Penkal.
Co-orientadora: Dra. Lucelene Teresinha Franceschini.

GUARAPUAVA

2017

Ficha elaborada pela Biblioteca da Unicentro-Guarapuava, Campus Santa Cruz
Bibliotecária responsável: Vânia Jacó da Silva CRB 1544-9

S729v Souza, Aline Rafaella de
Variação do complemento preposicional de locativo do verbo ir de movimento na fala de descendentes de eslavos / Aline Rafaella de Souza. – Guarapuava: Unicentro, 2017.
xiv, 123 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Centro-Oeste, Programa de Pós-Graduação em Letras, área de concentração: Interfaces entre Língua e Literatura.
Orientadora: Profa. Dra. Loremi Loregian Penkal;
Coorientadora: Profa. Dra. Lucelena Tarszinha Franceschini;
Banco examinadora: Prof. Dr. Marcos Luiz Wiedemör, Profa. Dra. Luciane Trennepohl da Costa.

Bibliografia

1. Variação linguística. 2. Poloneses. 3. Ucrânicos. 4. Preposições. I. Título. II. Programa de Pós-Graduação em Letras.

CDD 20. ed. 401.916162



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE/UNICENTRO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PROPEP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS- PPGL



TERMO DE APROVAÇÃO

Aline Rufella de Souza

VARIAÇÃO DO COMPLEMENTO PREPOSICIONAL DE LOCATIVO DO VERBO IR DE MOVIMENTO NA BALADA DE DESCENDENTES DE ESLAVOS

Dissertação aprovada em 27/11/2017 como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO, área de concentração Interfaces entre Língua e Literatura, pela seguinte Banca Examinadora:

Prof.(a) Dr.(a) Loreni Loregian Puskal - UNICENTRO - Presidente/Orientador(a)

Prof.(a) Dr.(a) Lucelene Terezinha Franceschini - UNICENTRO - Co-Orientador(a)

Prof.(a) Dr.(a) Marcos Luiz Wiedemer - UERJ - Membro Titular

Prof.(a) Dr.(a) Luciane Ireneophol da Costa - UNICENTRO - Membro Titular

GUARAPUAVA-PR
2017

A Deus, pela sua graça e pela oportunidade que me deu.

A minha família amada, pelo apoio e por sempre acreditarem em mim. A vocês meu amor, meu respeito e minha gratidão!

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela sua graça, pela sua ajuda, pelo seu amor incondicional, enfim, por cada dia da minha vida!

À Dra. Loremi Loregian-Penkal, minha orientadora, pela atenção, paciência e dedicação direcionadas ao meu trabalho e ao meu aprendizado.

À Dra. Lucelene Teresinha Franceschini, minha co-orientadora, por todas as horas dedicadas ao meu trabalho, pela paciência e pelo conhecimento que me proporcionou.

Aos membros da banca, Dr. Marcos Luiz Wiedemer e Dra. Luciane Trennephol da Costa, pelas contribuições tão importantes para a realização deste trabalho.

Aos professores que compõem o corpo docente do Departamento de Letras da UNICENTRO, em especial, ao Mestre Ari José de Souza, pelo seu incentivo e pelos valiosos ensinamentos de Latim.

Aos informantes, descendentes de escravos, de Mallet e Prudentópolis que, gentilmente, colaboraram para que pesquisas como esta pudessem ser feitas.

A CAPES, pelo apoio financeiro.

Ao meu esposo William, pela paciência, pelo carinho, por me apoiar e entender minha ausência durante este período. Obrigada, sempre vou amá-lo!

Aos meus pais que, com tanta dedicação e amor, me ensinaram os caminhos da vida. Não tenho palavras para expressar meu amor por vocês. Valeu cada incentivo, cada correção e cada abraço... Amo vocês!

Paula, minha irmã querida! Obrigada por me ajudar a chegar até aqui e por acreditar em mim. Sempre serei grata... Alana, minha irmãzinha que me acompanha, que chora e ri comigo... Obrigada por tudo! Vitória, minha sobrinha linda! Obrigada por abrilhantar os nossos dias. Eu amo muito vocês!

A toda a minha família, aos amigos...

Muito, muito obrigada!

*Ainda que eu falasse a língua dos
homens e dos anjos e não tivesse amor,
seria como o metal que soa ou como o
sino que tine.*

(Apóstolo Paulo).

SOUZA, ALINE RAFAELLA. **Variação do complemento preposicional de locativo do verbo *ir de movimento* na fala de descendentes de eslavos.** Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, 2017.

RESUMO: O presente trabalho objetiva analisar a alternância entre as preposições *para* e *em*, que introduzem o complemento de locativo do verbo *ir de movimento*, na fala de descendentes de poloneses e ucranianos. Nossa fundamentação teórica enquadra-se nos estudos sociolinguísticos, com base na teoria variacionista laboviana, visando estudar os fatores linguísticos e sociais que motivam essa variação e também compará-los aos estudos já feitos sobre esse mesmo tema. Para a realização desta pesquisa, foi feito um levantamento de 433 dados a partir de 48 entrevistas retiradas do banco de dados VARLINFE (Variação linguística de fala eslava), montado por pesquisadores da UNICENTRO – campus de Irati, que buscam observar as variações linguísticas na fala de descendentes de eslavos. Dos 48 informantes, selecionamos 24 entrevistas de descendentes de eslavos do município de Mallet – PR e 24 entrevistas de descendentes de eslavos do município de Prudentópolis – PR, os quais se dividem em duas faixas etárias, 25 a 49 anos e 50 anos ou mais; três níveis de escolaridade – fundamental I, fundamental II e ensino médio, sexos masculino e feminino e etnias polonesa e ucraniana. Sendo que, na norma culta da língua portuguesa, o verbo *ir de movimento* é regido somente pelas preposições *a* e *para* e a preposição *em* constitui-se uma variante não padrão, observamos que, no polonês, assim como no ucraniano, a preposição de complemento locativo também varia – polonês *do* e *na*, ucraniano *До* e *Ha* – dependendo do grau de determinação do locativo. Dessa forma, buscamos estudar a influência dessas características linguísticas eslavas no uso dessas preposições na fala de descendentes de poloneses e ucranianos. Os resultados mostraram que as variáveis mais significativas foram *configuração do N locativo* e *aspecto/frequência*. Na análise da variável *concretude do complemento locativo*, a interferência linguística eslava foi confirmada. As variáveis sociais não foram relevantes nesta análise. Houve mais uso de *para* tanto em Mallet, quanto em Prudentópolis, mostrando que, na fala desses informantes, descendentes de eslavos, predomina o uso da preposição que representa a forma padrão.

Palavras-chave: variação linguística; poloneses; ucranianos; preposições.

RESUMEN: El presente trabajo objetiva analizar la alternancia entre las preposiciones *para* y *en*, que introducen el complemento de locativo del verbo *ir de movimiento*, en el habla de descendientes de polacos y ucranianos. Nuestra fundamentación teórica se enmarca en los estudios sociolingüísticos, con base en la teoría variacionista laboviana, buscando estudiar los factores lingüísticos y sociales que motivan esa variación y también compararlos a los estudios ya hechos sobre ese mismo tema. Para la realización de esta investigación, se realizó un levantamiento de 433 datos a partir de 48 entrevistas retiradas del banco de datos VARLINFE (Variación lingüística de habla eslava), montado por investigadores de UNICENTRO - campus de Irati, que buscan observar las variaciones lingüísticas en el habla de descendientes de eslavos. De los 48 informantes, seleccionamos 24 entrevistas de descendientes de eslavos del municipio de Mallet - PR y 24 entrevistas de descendientes de eslavos del municipio de Prudentópolis - PR, los cuales se dividen en dos grupos de edad, de 25 a 49 años y 50 años o más; tres niveles de escolaridad - fundamental I, fundamental II y secundaria, sexos masculino y femenino y etnias polaca y ucraniana. Siendo que, en la norma culta de la lengua portuguesa, el verbo *ir de movimiento* es regido solamente por las preposiciones *a* y *para* y la preposición *em* se constituye una variante no estándar, observamos que, en el polaco, así como en el ucraniano, la preposición de complemento locativo también varía - polaco *do* y *na*, ucraniano *До* y *На* - dependiendo del grado de determinación del locativo. De esta forma, buscamos estudiar la influencia de esas características lingüísticas eslavas en el uso de esas preposiciones en el habla de descendientes de polacos y ucranianos. Los resultados mostraron que las variables más significativas fueron la *configuración del N locativo* y el *aspecto / frecuencia*. En el análisis de la variable *concreción del complemento locativo*, la interferencia lingüística eslava fue confirmada. Las variables sociales no fueron relevantes en este análisis. Hubo más uso de *para* tanto en Mallet, como en Prudentópolis, mostrando que, en el habla de estos informantes, descendientes de eslavos, predomina el uso de la preposición que representa la forma estándar.

Palabras clave: variación lingüística; polacos; ucranianos; preposiciones.

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadros:

Quadro 01	
Os seis casos latinos: nomes e funções.....	35
Quadro 02	
Os sete casos poloneses e ucranianos: nomes e funções.....	40
Quadro 03	
Preposições <i>para</i> e <i>em</i> no Polonês e no Ucraniano.....	42
Quadro 04	
Grupos de variáveis linguísticas selecionados por Mollica (1996).....	44
Quadro 05	
Variáveis sociais do trabalho de Mollica (1996).....	45
Quadro 06	
Variáveis linguísticas e extralinguísticas da dissertação de Wiedemer (2008).....	49
Quadro 07	
Variáveis linguísticas e extralinguísticas do trabalho de Vieira (2009).....	54
Quadro 08	
Distribuição dos informantes de acordo com a estratificação do VARLINFE.....	65
Quadro 09	
Variáveis linguísticas e sociais elencadas para análise.....	74
Quadro 10	
Variáveis selecionadas nas rodadas <i>com</i> e <i>sem aspecto/frequência</i>	87
Quadro 11	
Variáveis selecionadas nas rodadas <i>com</i> e <i>sem configuração do N locativo</i>	88
Quadro 12	
Variáveis selecionadas nas rodadas <i>com todas as variáveis, sem configuração do N locativo e sem concretude do complemento locativo</i>	94
Quadro 13	
Variáveis selecionadas nas rodadas <i>com</i> e <i>sem configuração do N locativo</i> – Mallet.....	100

Quadro 14	
Variáveis selecionadas nas rodadas com todas as variáveis, sem <i>configuração do N locativo</i> e sem <i>concretude do complemento locativo</i> – Mallet.....	101
Quadro 15	
Variáveis selecionadas nas rodadas com e sem <i>configuração do N locativo</i> -Prudentópolis..	107
Quadro 16	
Variáveis selecionadas nas rodadas com todas as variáveis, sem <i>configuração do N locativo</i> e sem <i>concretude do complemento locativo</i> – Prudentópolis.....	110
Quadro 17	
Variáveis selecionadas nas rodadas por localidade.....	111
Quadro 18	
Variáveis selecionadas nas rodadas sem a <i>configuração do N locativo</i>	113
Tabelas:	
Tabela 01	
Resultados da aplicação <i>a/para</i> x <i>em</i> , Mollica (1996).....	46
Tabela 02	
Resultados das variáveis sociais selecionadas no trabalho de Mollica (1996), aplicação <i>a/para</i> x <i>em</i>	47
Tabela 03	
Distribuição das preposições A, PARA/EM por cidade.....	50
Tabela 04	
Influência da variável <i>demarcação do espaço</i> sobre o uso de A, PARA e Em.....	51
Tabela 05	
Resultado da aplicação das preposições <i>a</i> e <i>para</i> , na variável <i>destino</i> , Wiedemer (2008).....	51
Tabela 06	
Influência da variável <i>configuração do espaço</i> sobre o uso de A, PARA e EM.....	52
Tabela 07	
Resultados da aplicação da preposição <i>a/para</i> na regência do verbo <i>ir</i> , Vieira (2009).....	55
Tabela 08	
Variáveis selecionadas na primeira rodada: resultados gerais.....	77
Tabela 09	
Resultados da aplicação <i>para</i> vs <i>em</i> na variável <i>configuração do N locativo</i>	78
Tabela 10	

Resultado da aplicação <i>para</i> vs <i>em</i> na variável <i>aspecto/frequência</i>	80
Tabela 11	
Resultado da aplicação <i>para</i> vs <i>em</i> na variável <i>distância entre o verbo e a preposição</i>	81
Tabela 12	
Resultado da aplicação <i>para</i> vs <i>em</i> na variável <i>traço semântico</i>	82
Tabela 13	
Resultado da aplicação <i>para</i> vs <i>em</i> na variável <i>tempo/modo verbal</i>	83
Tabela 14	
Resultado da aplicação <i>para</i> vs <i>em</i> na variável <i>pessoa do discurso</i>	84
Tabela 15	
Comparação dos resultados da variável <i>pessoa do discurso</i> em rodadas <i>com</i> e <i>sem</i> P4.....	86
Tabela 16	
Variáveis selecionadas na rodada sem <i>configuração do N locativo</i>	89
Tabela 17	
Aplicação de <i>para</i> vs <i>em</i> na variável <i>configuração do espaço</i>	90
Tabela 18	
Aplicação de <i>para</i> vs <i>em</i> na variável <i>concretude do complemento locativo</i>	91
Tabela 19	
Aplicação de <i>para</i> vs <i>em</i> na variável <i>forma do sintagma nominal</i>	92
Tabela 20	
Variáveis selecionadas na rodada por localidade – Mallet.....	94
Tabela 21	
Aplicação de <i>para</i> vs <i>em</i> na variável <i>configuração do N locativo – Mallet</i>	96
Tabela 22	
Aplicação de <i>para</i> vs <i>em</i> na variável <i>aspecto/frequência – Mallet</i>	97
Tabela 23	
Aplicação de <i>para</i> vs <i>em</i> na variável <i>traço semântico – Mallet</i>	97
Tabela 24	
Aplicação de <i>para</i> vs <i>em</i> na variável <i>tempo/modo verbal – Mallet</i>	98
Tabela 25	
Aplicação de <i>para</i> vs <i>em</i> na variável <i>configuração do espaço – Mallet</i>	99
Tabela 26	
Aplicação de <i>para</i> vs <i>em</i> na variável <i>concretude do complemento locativo – Mallet</i>	100
Tabela 27	

Aplicação de <i>para</i> vs <i>em</i> na variável <i>pessoa do discurso</i> – Mallet.....	102
Tabela 28	
Variáveis selecionadas na rodada por localidade: Prudentópolis.....	103
Tabela 29	
Aplicação de <i>para</i> vs <i>em</i> na variável <i>configuração do N locativo</i> –Prudentópolis.....	105
Tabela 30	
Aplicação de <i>para</i> vs <i>em</i> na variável <i>distância entre o verbo e a preposição</i> -Prudentópolis.....	105
Tabela 31	
Aplicação de <i>para</i> vs <i>em</i> na variável <i>aspecto/frequência</i> – Prudentópolis.....	103
Tabela 32	
Aplicação de <i>para</i> vs <i>em</i> na variável <i>forma do sintagma nominal</i> – Prudentópolis.....	106
Tabela 33	
Aplicação de <i>para</i> vs <i>em</i> na variável <i>tempo/modo verbal</i> – Prudentópolis.....	106
Tabela 34	
Aplicação de <i>para</i> vs <i>em</i> na variável <i>configuração do espaço</i> – Prudentópolis.....	108
Tabela 35	
Aplicação de <i>para</i> vs <i>em</i> na variável <i>concretude do complemento locativo</i> -Prudentópolis...108	
Tabela 36	
Aplicação de <i>para</i> vs <i>em</i> na variável <i>escolaridade</i> – Prudentópolis.....	109
Tabela 37	
Atuação das variáveis significativas por localidade sobre o uso da preposição <i>PARA</i>	112
Tabela 38	
Atuação da variável <i>concretude do complemento locativo</i> por localidade sobre o uso da preposição <i>PARA</i>	114

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO DO TEMA	16
1.2 Para e em: duas possibilidades de complemento preposicional de locativo	18
1.3 Objetivos	20
1.3.1 Objetivo geral	20
1.3.2 Objetivos específicos	20
1.4 Hipóteses gerais	20
2 REFERENCIAL TEÓRICO	22
2.1 A sociolinguística variacionista	22
2.2 Breves conceitos e nomenclaturas	25
2.3 Sociolinguística quantitativa	27
2.4 Por que as línguas variam e mudam?	28
3 PREPOSIÇÕES: PARA E EM	33
3.1 O que são preposições?	33
3.2 As preposições para e em no Latim	35
3.3 As preposições para e em no Português	37
3.4 As preposições para e em no Polonês e no Ucraniano	39
4 ALGUNS TRABALHOS SOBRE PREPOSIÇÕES	43
4.1 Sobre o trabalho de Maria C. de M. Mollica (1996)	43
4.1.1 Das variáveis selecionadas por Mollica	44
4.1.2 Das variáveis estratificadas sociais elencadas por Mollica	45
4.1.3 Dos resultados do trabalho de Mollica	46
4.2 Sobre a dissertação de Marcos Luiz Wiedemer (2008)	48
4.2.1 Das variáveis selecionadas por Wiedemer	48
4.2.2 Dos resultados da dissertação de Wiedemer	50
4.3 Sobre o trabalho de Maria José Blaskovski Vieira (2009)	52
4.3.1 Dos resultados do trabalho de Vieira (2009)	54
5 UM BREVE HISTÓRICO DAS IMIGRAÇÕES POLONESA E UCRANIANA NO BRASIL	56
5.1 A emigração polonesa	56
5.1.1 Mallet e a cultura polonesa	57
5.2 A emigração ucraniana	59
5.2.1 Prudentópolis e a cultura ucraniana	60
6 METODOLOGIA	64
6.1 Detalhamento da amostra	64
6.2 Levantamento de dados	66

6.3 Codificação	67
6.4 Análise dos dados	75
7 RESULTADOS E DISCUSSÕES	76
7.1 Rodadas realizadas com todos os dados	76
7.1.1 Variáveis selecionadas na rodada geral	76
7.1.2 Variáveis selecionadas na rodada sem <i>aspecto/frequência</i>	86
7.1.3 Variáveis selecionadas na rodada sem a variável <i>configuração do N locativo</i>	87
7.1.4 Variáveis selecionadas na rodada sem a variável <i>concretude do complemento locativo</i>	93
7.2 Resultados por localidade: Mallet	94
7.2.1 Variáveis selecionadas na rodada de Mallet	95
7.2.2 Variáveis selecionadas na rodada sem <i>configuração do N locativo</i> – Mallet	99
7.2.3 Variáveis selecionadas na rodada <i>sem concretude do complemento locativo</i> – Mallet	101
7.3 Resultados por localidade: Prudentópolis	102
7.3.1 Variáveis selecionadas na rodada de Prudentópolis	103
7.3.2 Variáveis selecionadas na rodada sem a variável <i>configuração do N locativo</i> : Prudentópolis	107
7.3.3 Variáveis selecionadas na rodada sem <i>concretude do complemento locativo</i> – município de Prudentópolis	110
7.4 Comparação dos resultados de Mallet e Prudentópolis	111
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	116
REFERÊNCIAS	119
ANEXOS	123

1 APRESENTAÇÃO DO TEMA

O estudo da classe das preposições na língua portuguesa vem intensificando-se a cada dia. Desde os gramáticos que procuram descrevê-la ou prescrevê-la até os pesquisadores das mais diversificadas áreas (linguistas, dicionaristas etc) que questionam o seu uso na modalidade escrita ou oral, bem como suas funções semânticas e sintáticas.

Para delinear o nosso tema, começamos, pois, do geral ao específico, apresentando a definição de preposição¹, segundo Almeida (1978, p. 334):

[...] tanto a preposição quanto a conjunção são *conectivos*, isto é, são classes que desempenham função de ligação; ambas essas classes ligam, mas entre elas há esta diferença: a preposição liga *palavras* (substantivo a substantivo, substantivo a adjetivo, substantivo a verbo, adjetivo a verbo etc.), ao passo que a conjunção liga orações.

Sendo assim, as preposições são, conforme o autor citado acima, *conectivos*, palavras que ligam palavras dando-lhes vários sentidos como, por exemplo, posse, direção, meio, finalidade, entre outros.

Atendo-nos a essa classe de palavras da língua portuguesa e aos estudos sociolinguísticos variacionistas, fundamentados na teoria de William Labov (2008 [1972]), buscamos analisar, fazendo uso do VARLINFE², como os descendentes de eslavos, especificamente, poloneses e ucranianos, fazem uso das preposições *para* e *em*³ como introdutoras do complemento locativo do verbo *ir de movimento*.

Nosso interesse pelo tema partiu do fato de nosso estado (Paraná) ser um dos maiores acolhedores de imigração eslava e, por isso, é notável que, mesmo na fala da língua portuguesa dos descendentes dessa etnia, as heranças linguísticas das línguas eslavas ainda subsistem, principalmente no sotaque diferenciado.

A princípio, baseando-nos em alguns trabalhos como, por exemplo, o de Mollica (1996) e o de Wiedemer (2008) que estudam a variação das preposições do complemento locativo do verbo *ir de movimento*, podemos afirmar que, nos lugares onde as variáveis foram testadas, há uma confirmação de variação entre as preposições *a*, *para* e *em* como introdutoras do complemento locativo desse verbo.

Sendo assim, nessa pesquisa, buscamos analisar se há variação das preposições (*para/em*) como introdutoras do complemento locativo do verbo *ir de movimento* na fala de

¹Neste trabalho, dedicamos um capítulo exclusivo para a definição das preposições estudadas.

²Banco de dados Variação Linguística de Fala Eslava. No capítulo metodológico, detalhamos um pouco mais sobre as especificidades desse banco.

³A preposição “a” não será analisada devido ao seu raro aparecimento nos dados usados para investigação.

descendentes de eslavos, nesta pesquisa, poloneses e ucranianos, observando as variáveis linguísticas e extralinguísticas que condicionam essa variação e depositando uma atenção especial à etnia eslava, já que essas línguas, embora, historicamente, tenham relações aproximadas com o Latim que se desmembrou em várias línguas, mantêm-se muito conservadoras à estrutura gramatical e aos casos que regem as línguas desses povos. Seria possível uma interferência linguística eslava, como condicionadora da variação preposicional *para/em*, na língua portuguesa falada por descendentes de poloneses e ucranianos?

A fundamentação teórica desta pesquisa baseia-se, essencialmente, na teoria variacionista postulada por Labov (2008 [1972]) e Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) que sistematizam os estudos sociolinguísticos, analisando a regularidade das variações e mudanças linguísticas, permitindo-nos buscar os condicionamentos linguísticos e sociais que interferem na principal forma de manifestação da língua: a fala.

Dessa forma, ancorados na sociolinguística variacionista, propomos o estudo sistematizado da variação das preposições *para* e *em* como introdutoras do complemento locativo do verbo *ir de movimento* na fala de descendentes de eslavos, analisando se, além dos demais fatores elencados para essa pesquisa, a etnia eslava pode ou não estar interferindo no uso dessas preposições dentro desse contexto.

Neste primeiro capítulo, apresentamos o tema deste trabalho, bem como a importância dos estudos nesta área. Também apresentamos nossos objetivos - gerais e específicos, e as hipóteses gerais que guiarão nossa pesquisa.

No capítulo 2, tratamos, brevemente, da teoria norteadora deste estudo, a Sociolinguística variacionista (Labov, 2008 [1972]), abordando seus principais conceitos e discorrendo sobre a Sociolinguística quantitativa e a variação linguística.

O capítulo 3 foi reservado para a descrição das preposições *para* e *em* no Latim, no Português, no Polonês e no Ucraniano. Comparando o funcionamento dessas preposições, nessas línguas, pretendemos entender como essas funcionam a fim de obtermos uma base para a formulação de nossas hipóteses, já que nossos dados foram retirados de um banco de variação linguística eslava.

Ainda, como aporte teórico, no capítulo 4 apresentamos, resumidamente, alguns trabalhos que têm como tema principal a variação das preposições *a*, *para* e *em*. Iniciamos discorrendo sobre a análise de Maria C. de M. Mollica (1996), considerado como um dos primeiros trabalhos de orientação sociolinguística, no Brasil, na investigação da variação entre essas preposições como introdutoras do complemento locativo do verbo *ir de movimento*. Em seguida, abordamos o trabalho de Marcos Luiz Wiedemer (2008), no qual nos baseamos para

a formulação de vários grupos de fatores utilizados em nossa análise e, por fim, discorreremos sobre o trabalho de Maria José Blaskovski Vieira (2009), no qual também nos baseamos para a formulação de nossas variáveis. Esses trabalhos contribuíram muito para nosso estudo, já que pudemos comparar nossos resultados aos desses autores e observar o uso das preposições em análise em diversas comunidades.

No capítulo 5, apresentamos um breve histórico da imigração polonesa e ucraniana no Brasil, descrevendo as duas comunidades de fala (Mallet e Prudentópolis), das quais foram obtidos nossos dados para pesquisa.

A metodologia é apresentada no capítulo 6 onde, além de discorrer sobre o levantamento de dados e sua respectiva codificação, organizamos as variáveis com suas respectivas hipóteses.

Após a metodologia, no capítulo 7, apresentamos os resultados obtidos em cada uma das rodadas que foram realizadas, comentando se as hipóteses foram confirmadas ou não. Para isso, apresentamos quadros comparativos e tabelas de resultados a fim de mostrar os resultados estatísticos das variáveis selecionadas.

Por fim, no capítulo 8, inserimos nossas considerações finais, apontando nossos principais resultados, encerrando esta pesquisa.

1.2 Para e em: duas possibilidades de complemento preposicional de locativo

De acordo com a norma padrão da língua portuguesa, o verbo *ir de movimento* pode ser regido apenas pelas preposições *a* e *para*. No entanto, é notável que a preposição *em* vem ocupando um espaço significativo como concorrente das preposições prescritas pela norma. É muito comum, no PB⁴, ouvirmos frases como “*você foi **na** escola hoje?*” ao invés de “*você foi **para** escola hoje?*”. Conforme alguns autores citados por Wiedemer (2008), a variação dessas preposições foi notada em outras línguas além do Português, como no Espanhol, no Inglês, no Francês e no Italiano.

Ao observar a fala de descendentes eslavos contidas no VARLINFE, notamos que a variação de *para* e *em* é bastante recorrente. O que diferencia essa variação das demais já confirmadas em outras regiões são as pouquíssimas ocorrências com a preposição *a*, sendo que *para* e *em* disputam a posição de introdução do complemento locativo do verbo *ir de*

⁴Português brasileiro.

movimento. É por esse motivo que não consideramos a preposição *a*, nesse contexto, como variante junto a *para* e *em*⁵.

Os exemplos a seguir, retirados do VARLINFE, mostram a variação das preposições em estudo como introdutoras do complemento locativo do verbo *ir de movimento*.

(1) *Hoje, né, minha filha vai pra São Mateus, vai pro Rio Azul* (Ma12f1cP)⁶;

(2) *Daí, no outro dia, a gente vai na casa dos outro* (Ma14f1pP);

Nos exemplos acima, podemos notar que é feito uso das duas preposições ocupando a mesma função nas frases (1) e (2). Conforme a norma padrão, o primeiro exemplo é aceitável. Enquanto o segundo é classificado como não-padrão. No entanto, podemos notar que essa norma se consolidou na língua portuguesa, pois, conforme Almeida (1995), no Latim, a preposição *in*, que assumiu a forma *em* no português, era usada, no caso *acusativo* para indicar verbos de movimento, como exemplificado abaixo:

*Ego in scolam veni*⁷ (*Eu cheguei à aula*);

Esse exemplo reforça a afirmação de que as línguas variam e mudam conforme seus falantes exercem a fala, pois a língua portuguesa é resultado das variações do Latim vulgar e a diferença de uso da preposição *em (in)* nas duas línguas mostra como uma língua ainda continua presente na outra, já que, embora essa preposição não seja usada na escrita padrão diante de verbos de movimento, na fala, ela continua regendo alguns desses verbos.

Essa característica do Latim reforça ainda mais a possibilidade de variação entre as duas preposições como complemento preposicional do verbo *ir de movimento*, visto que, no Latim, língua que possibilitou a existência do português, o uso da preposição *em* regendo verbos de movimento era aceitável desde que essa fosse posta no caso *acusativo*.

Tendo em vista a confirmação da variação dessas preposições na língua portuguesa, pretendemos analisar se, na fala de descendentes de eslavos, essa variação pode receber

⁵Nesse contexto, consideramos *para*, *pa* e *pra* como **para** e *em*, *na* e *no* como **em**. Portanto, não há distinção entre as formas das preposições. Maiores detalhes podem ser conferidos na metodologia deste trabalho.

⁶Os códigos entre parênteses representam os dados do falante, postos da seguinte forma: Pr, Ma = Prudentópolis e Mallet; o número na sequência corresponde ao número da entrevista; m, f = masculino e feminino; 1 e 2 = primeira e segunda faixa etária; p, g e c = primário, ginásio e colegial; P, U e H = etnias polonesa, ucraniana e híbrida (descendente de polonês e ucraniano).

⁷Exemplo elaborado pela própria autora.

alguma interferência de suas línguas maternas, visto que, tanto no Polonês, quanto no Ucrâniano, também há variação da preposição que introduz o complemento de locativo.

Adiante, apresentaremos nossos objetivos e nossas hipóteses gerais que guiarão o andamento de nosso trabalho.

1.3 Objetivos

1.3.1 Objetivo geral

O objetivo geral deste trabalho é analisar a variação das preposições *para* e *em* como complementos preposicionais de locativo do verbo *ir de movimento* na fala de descendentes de eslavos poloneses e ucranianos dos municípios de Mallet e Prudentópolis, no estado do Paraná.

1.3.2 Objetivos específicos

Como objetivos específicos propomos analisar as variáveis linguísticas e sociais que condicionam o uso das preposições *para* e *em* nos dados de Mallet e Prudentópolis. Procuramos também, a partir da análise das variáveis e dos fatores que condicionam o uso das preposições *para* e *em*, observar a possível interferência das línguas polonesa e ucraniana no português falado nessas comunidades.

No intuito de compreender melhor as preposições em estudo, pretendemos demonstrar como essas funcionam tanto no Português, assim como no Polonês e no Ucrâniano.

Ainda propomos um breve histórico da imigração polonesa e ucraniana no Paraná, voltando-nos para os municípios de Mallet e Prudentópolis.

1.4 Hipóteses gerais

Para realização dessa pesquisa, partimos de três hipóteses iniciais:

- a) A variação das preposições *para* e *em* como complemento preposicional do verbo *ir de movimento* não é aleatória. Antes, é condicionada por fatores linguísticos e sociais o que nos permite elaborar um estudo de caráter sociolinguístico, fundamentado na teoria variacionista laboviana, afirmando que

não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo (LABOV, 2008 [1972], p. 21).

- b) Em vista da preposição *para* ser considerada padrão em relação à preposição *em*, considerada não padrão, a preposição considerada padrão pela norma gramatical tende a ser mais usada na fala dessas comunidades, já que a maioria dos informantes tem entre 5 a 11 anos de escola e, sendo assim, podemos dizer que há um certo contato com a norma gramatical portuguesa;
- c) Pelo fato das comunidades de fala serem compostas por descendentes de eslavos, poloneses e ucranianos, há uma interferência dessas línguas na fala desses habitantes. Sendo assim, as línguas eslavas maternas podem ser um dos condicionadores da variação das preposições *para* e *em* como complemento preposicional do verbo *ir de movimento*.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, explanaremos, de forma sucinta, a respeito da teoria variacionista laboviana que fundamenta, teórica e metodologicamente, nossa pesquisa. Também abordaremos a pesquisa quantitativa e apresentamos uma breve fundamentação a respeito de variação e mudança linguística.

2.1 A sociolinguística variacionista

O século XX foi marcado por várias correntes de pesquisa a respeito da língua. Nesse momento, o maior fenômeno de comunicação humana é posto em cheque a partir dos estudos de Ferdinand Saussure, que interrompem a ideia de analisar a língua somente por meio dos estudos históricos comparativos – o que se fazia até o momento – e toma a própria língua como objeto de estudo. Conforme Labov (2008 [1972], p. 217), “a orientação básica para a análise estrutural da língua tal como a maioria dos linguistas a empreendem hoje em dia parte do ponto de vista expresso por Ferdinand de Saussure no início do século XX”.

Não se pode negar que a teoria saussuriana, conhecida, posteriormente, como estruturalismo, foi de suma importância para a investigação dos conceitos linguísticos e análise da linguagem.

Sob a ótica do estruturalismo, a língua é definida como a parte social da linguagem por ser convencional e autônoma. Já a fala é vista como a parte individual, conforme destaca Marcuschi (2008, p.31) “a *parole* era a visão da língua no plano das realizações individuais de caráter não social e de difícil estudo sistemático por sua dispersão e variação”. Contudo, apesar de a língua ser considerada como social, no estruturalismo, é encarada como um sistema de signos arbitrários convencionais, formando uma estrutura autônoma que não estabelece relações com os fatores sociais externos, devendo ser analisada a partir de seus fatores internos, ou seja, a língua estudada a partir dela mesma.

Sendo assim, Saussure estabelece quatro dicotomias para se estudar a língua: diacronia vs sincronia, sintagma vs paradigma, significante vs significado e língua vs fala, sendo, esta última, para Marcuschi (2008), a mais fundante e decisiva. Embora essas dicotomias visem à análise da língua por meio de recortes temporais (sucessão de sincronias), as seleções e as combinações que formam a estrutura da frase, a relação de um conceito com uma imagem acústica, a dicotomia “língua vs fala” deixa bem demarcada a ideia da língua como um sistema organizado e a fala como uma forma particular do falante que usa esse sistema. Sendo assim, podemos dizer que, no estruturalismo, embora as variações sejam vistas

como parte do sistema linguístico, não são consideradas como objeto de estudo, pois, essas seriam a forma individual de cada falante fazer uso da língua.

É imprescindível a grande contribuição do estruturalismo saussuriano para os estudos linguísticos,

no entanto, de modo bastante curioso, os linguistas que trabalham dentro da tradição saussuriana (e isso inclui a grande maioria) não levam em conta de modo nenhum a vida social: trabalham com um ou mais informantes em seus escritórios, ou examinam seu próprio conhecimento da *langue*. Além disso, insistem em que as explicações dos fatos linguísticos sejam derivadas de outros fatos linguísticos, não de quaisquer dados “externos” sobre o comportamento social. (LABOV, 2008 [1972], p. 217).

Após a dominação da teoria estruturalista, nos Estados Unidos, na década de 60, surge uma nova corrente linguística conhecida como gerativismo. Nessa nova teoria, fundada por Noam Chomsky, a língua é admitida como uma faculdade mental inata às capacidades do ser humano.

Para Chomsky, as sentenças na língua são formadas a partir de um conjunto abstrato de regras inerente às faculdades mentais do falante. Sendo assim, a relação entre língua e sociedade tornava-se ainda mais estreita, já que, nesse caso, a língua continua sendo vista como homogênea e autônoma e estudada somente dentro da área das ciências biológicas, como capacidade inata do ser humano, sem dar relevância às suas relações históricas e sociais como objeto de estudo científico, assim como explica Marcuschi (2008, p. 32):

Para Chomsky, o objeto da ciência só poderia ser a *competência*, assim como a *langue* para Saussure. [...] No entanto [...] para Saussure a linguagem é uma instituição social e convenção social, para Chomsky a linguagem é uma faculdade mental inata e geneticamente transmitida pela espécie. Central, em ambos, são a forma, o sistema, a abstração e o universal como objeto da ciência controlada. Aqui, a língua enquanto atividade social e histórica, bem como a produção e a compreensão textual e as atividades discursivas ficam em segundo plano, mas não são negadas. Esse aspecto deve ser sempre enfatizado: nem Saussure, nem Chomsky negam que as línguas tenham seus lados social e histórico, mas estes não são, para eles, o objeto específico do estudo científico.

Porém, nessa mesma década de 60, nos Estados Unidos, começam a aparecer os estudos sobre a mudança linguística e suas relações com a sociedade. Sob a visão das pesquisas de Uriel Weinreich, William Labov e Marvin Herzog (2006 [1968]), essa corrente, conhecida como Sociolinguística variacionista ou teoria da variação e mudança linguística, vai à contramão do estruturalismo e do gerativismo, pois considera a língua aderida aos fatores históricos e sociais, já que, segundo essa teoria, ela só existe pela necessidade de os homens conviverem em sociedade. Conforme os autores acima, “Muito antes de se poder

esboçar teorias preditivas da mudança linguística, será necessário aprender a ver a língua – seja do ponto de vista diacrônico ou sincrônico – como um objeto constituído de heterogeneidade ordenada.” (WEINREICH, LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 35)

E é essa definição de língua, constituída por uma heterogeneidade ordenada que vai fundamentar os novos estudos sobre variação e mudança linguística. Assim, pode-se dizer que a análise sociolinguística passa a se orientar para essa variação sistemática inerente ao objeto de estudo, conforme destacam Weinreich, Labov e Herzog (2006, p.36):

A chave para uma concepção racional da mudança linguística – e mais, da própria língua – é a possibilidade de descrever a diferenciação ordenada numa língua que serve a uma comunidade. (...) Um dos corolários de nossa abordagem é que numa língua que serve a uma comunidade complexa (i.é., real), a ausência de heterogeneidade estruturada é que seria disfuncional.

Do estruturalismo, a Sociolinguística variacionista considera a ideia de língua como sistema organizado, mas não como autônomo, pois esse sistema sofre mudanças e acompanha as transformações da sociedade, sendo visto como um sistema condicionado também pelo próprio falante e não por si só. Do gerativismo, considera que a mudança na língua é regular, mas afirma que essa mudança tem a ver com as próprias mudanças da sociedade em que convivem os falantes. Bortoni-Ricardo (2014, p. 53) infere:

O trabalho de William Labov e de seus colegas e seguidores representa uma síntese entre a língua e a fala, saussureanas, bem como entre a competência e o desempenho da teoria de Noam Chomsky, à medida que enfatiza a gramaticalidade dos enunciados até então considerados próprios da província da fala ou da performance.

Sendo assim, para a Sociolinguística variacionista, a língua é vista como um sistema heterogêneo, que admite variações não como forma individual de manifestação da língua, mas como uma regularidade do grupo social que faz uso dessas variações dentro de uma comunidade de fala. Nessa perspectiva, além dos fatores internos, os fatores exteriores à língua, históricos e sociais são essenciais para a análise da mudança e variação no contexto linguístico.

Dessa forma, o pesquisador da teoria variacionista deve ater-se aos estudos da língua usada no cotidiano. Já que, diferentemente do estruturalismo e do gerativismo, a Sociolinguística variacionista propõe um estudo da língua em uso e, no caso da dicotomia língua vs fala, nossa atenção maior dirige-se à fala.

Como já mencionamos, o estudo sobre a variação linguística é realizado a partir de dados coletados em uma determinada comunidade de fala. Segundo Labov ([1972] 2008, p. 188), a comunidade “não pode ser concebida como um grupo de falantes que usam todas as

mesmas formas; ela é mais bem definida como um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua”. Sendo assim, a variação linguística é entendida dentro de uma comunidade de fala como um conjunto de normas linguísticas (padrão ou não-padrão) usadas pelo mesmo grupo de falantes.

Por manter essa postura atrelada ao lado social da língua e às influências exteriores que interferem sobre ela, a Sociolinguística variacionista dialoga com os campos da Antropologia, Sociologia e Geografia linguística. Ainda em relação às influências exteriores, Mollica e Braga (2013), em sua obra *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*, assinalam que os fatores exteriores ao sistema linguístico interferem de forma muito significativa na língua em prática. Nessa obra, temos a afirmação de que a origem da variação linguística está justamente na correlação existente entre os aspectos linguísticos e os aspectos sociais.

Bortoni-Ricardo (2014, p. 53), ressalta que “a Sociolinguística laboviana é também conhecida como correlacional, por admitir que o contexto social e a fala são duas entidades distintas que podem ser correlacionadas”.

Os trabalhos de William Labov sobre a variação e mudança linguísticas, como, por exemplo, a pesquisa sobre a mudança sonora na fala de habitantes da ilha Martha’s Vineyard, em Massachusetts (1962), contribuíram sobremaneira para o desenvolvimento das pesquisas variacionistas. Uma das mais importantes obras de William Labov é *Padrões sociolinguísticos* (2008 [1972]). Nesse livro, o autor traz detalhes da pesquisa citada acima, além de especificações teóricas a respeito da teoria variacionista. Outra obra sua, juntamente com outros autores (Weinreich e Herzog), também pode ser citada como referencial teórico para a pesquisa sociolinguística: *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística* (2006 [1968]). Nessa obra, os autores apresentam razões teóricas e históricas, embasadas em vários autores, para a mudança linguística.

Por seu influente trabalho e suas publicações nessa área, essa teoria também é chamada de Sociolinguística laboviana, isso por William Labov ser considerado, segundo Coelho (2015) e vários outros estudiosos, o principal expoente dessa teoria.

2.2 Breves conceitos e nomenclaturas

Para compreendermos a teoria variacionista, é necessário conhecermos algumas de suas nomenclaturas e conceitos como: variedade, variação, variante e variável. Essas nomenclaturas, embora muito parecidas na grafia, diferem-se no significado. Ainda, é

importante ter em mente, de forma esclarecida, o que são os condicionadores que tornam possível a pesquisa variacionista.

Começemos definindo o que é variedade. Segundo o *Minidicionário escolar da língua portuguesa*, um dos significados de variedade é ‘diversidade’. Esse conceito agregado à teoria variacionista e respectivo à língua pode ser definido como as diversas formas de falar uma mesma língua, ou seja, cada grupo social tem uma forma de falar a língua, como, por exemplo, os paranaenses mais próximos do sul que pronunciam palavras como “quente” com o fonema /e/ fechado: [‘kēte]. Já na região norte do Paraná, pronuncia-se [‘kētʃi]. Essas formas regulares de uso da língua em uma determinada região ou âmbito social constitui uma variedade linguística. Em um país tão amplo como o Brasil, com tantas regiões, grupos sociais, etnias diferenciadas, temos, portanto, muitas variedades do Português.

Variação, conforme Coelho *et. al.* (2015, p. 16), “é o processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo valor referencial/representacional, isto é, com o mesmo significado”. Um exemplo de variação pode ser o uso do pronome “nós” e a expressão “a gente” com o mesmo significado dentro de uma comunidade de fala. É importante mencionar que a variação é fato inerente a todas as línguas e não causa problemas de compreensão entre seus falantes, simplesmente são opções diferentes para a mesma forma linguística.

Compreendendo os conceitos de variedade e variação, podemos exemplificar o que são variável e variante. Ainda de acordo com Coelho *et. al.* (2015), variável pode ser entendida como o termo gramatical que se encontra em variação, como, por exemplo, em “nós” e “a gente”, o termo gramatical que está em variação é a primeira pessoa do plural que pode ser representada pelas duas formas sem alteração no significado. Já as variantes são os termos (no caso do exemplo “nós” e “a gente”) que disputam a representação do termo gramatical no uso do falante. Considerando o lado histórico e social da língua, outro exemplo de variável pode ser a etnia dos falantes. Nesse caso, a variável é o grupo social étnico e as variantes são as diversas etnias que podem ser inclusas, como, por exemplo, em nossa pesquisa, temos a variável etnia e as variantes *polonesa, ucraniana e híbrida* (descendente de polonês e ucraniano).

As variações e mudanças na língua são inerentes, no entanto, elas não acontecem de forma aleatória. Segundo Labov (2008 [1972], p. 326), “a mudança é vista como encaixada numa matriz de outras mudanças (ou constantes) linguísticas, e também como encaixada num complexo social, correlacionada com mudanças sociais”.

Existem fatores internos e externos à língua que induzem, ou melhor, cooperam para que o falante faça uso dessas variações, o que, na teoria, são nomeados como condicionadores. Esses condicionadores são divididos em dois grupos: internos e externos. No caso dos internos, enquadram-se os condicionadores que estão ligados aos aspectos linguísticos, como, por exemplo, o termo precedente ou subsequente ao elemento em análise (tipo de vogal ou consoante), a classe da palavra (substantivo, adjetivo, etc). E esses fatores linguísticos condicionam alternâncias no léxico, nos sons, no uso de preposições, conjunções, pronomes, entre outros. No caso dos condicionadores externos, enquadram-se os fatores históricos e sociais do falante como influenciadores na sua forma de falar. Conforme Coelho [et. al] (2015, p. 20), “os mais comuns são o sexo/gênero, o grau de escolaridade e a faixa etária do informante”.

Esses conceitos e nomenclaturas são apenas parte da teoria variacionista que demonstram como a pesquisa Sociolinguística deve ser organizada e analisada. Portanto, todo pesquisador que se atém a essa teoria deve conhecê-la a fim de evitar possíveis problemas de análise e interpretação dos dados.

2.3 Sociolinguística quantitativa

Segundo o minidicionário da língua portuguesa Aurélio (2001), o termo *quantitativo* está relacionado com noções de quantidade. É nesse sentido próprio da palavra que a Sociolinguística variacionista enquadra-se na pesquisa conhecida como *quantitativa* por lidar com coleta e análise de dados. Portanto, é muito comum o uso de gráficos, tabelas e números em trabalhos que analisam fenômenos de variação linguística.

Mencionamos que a pesquisa sociolinguística, em geral, lida com uma quantidade considerável de dados, o que requer uma análise estatística. O linguajar próprio do método estatístico é, por vezes, incorporado à terminologia que adotamos na Sociolinguística variacionista. (COELHO [et. al], 2015, p. 20).

Conforme Guy e Zilles (2007), a análise quantitativa pode ser dividida em três fases: coleta de dados, redução e apresentação dos dados e interpretação dos dados.

A partir desse sistema de trabalho, a análise quantitativa permite que o pesquisador entenda a variação linguística, não como algo secundário ou aleatório, mas como sistemática e inerente às línguas. Esses aspectos, contudo, só podem ser analisados e compreendidos a partir da pesquisa quantitativa, observando dados reais da língua em uso.

Para que se possa laborar uma pesquisa de cunho variacionista é necessário, como já mencionado anteriormente, levar em conta os fatores linguísticos e extralinguísticos que agem

sobre a língua, buscando entender como agem e de que forma, exatamente, implicam nas variações e mudanças linguísticas. Para isso, deve-se, primeiramente, efetivar uma boa coleta de dados como, por exemplo, entrevistas cedidas por informantes, tanto masculinos como femininos, de faixas etárias diferenciadas e com dois ou mais graus de escolaridade. Conforme Coelho et. al (2015, p. 103), “no decorrer da entrevista, os dados mais interessantes provêm de narrativas de experiências pessoais”.

Após coletar os dados da comunidade de fala escolhida, dá-se início ao processo de análise que implicará em resultados estatísticos. Sobre esse assunto, Guy e Zilles (2007, p. 73) afirmam que “o uso de métodos estatísticos [...] tem permitido demonstrar o quão central a variação pode ser para o entendimento de questões como identidade, solidariedade ao grupo local, comunidade de fala, prestígio e estigma, entre outras tantas”.

Para a realização da análise dos dados, a pesquisa que se atém no quadro sociolinguístico quantitativo conta com recursos tecnológicos desenvolvidos especificadamente para a pesquisa variacionista. O programa computacional mais conhecido é o VARBRUL que, conforme Guy e Zilles (2007, p. 105), “[...] é um conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística”.

Atualmente, esse programa é conhecido como *GoldVarb* (versão em windows do VARBRUL, cuja versão é em DOS) e é fundamental para a análise dos dados coletados a fim de se chegar à confirmação ou não da hipótese inicial em uma pesquisa variacionista, pois, após codificar os dados, esses são lançados no programa e, dessa forma, o pesquisador obtém os cálculos estatísticos dos dados fornecidos e pode ter a confirmação ou a negação de sua hipótese inicial. Vale ressaltar que esse é o programa usado para análise dos dados coletados para o desenvolvimento deste trabalho.

A análise dos dados, na pesquisa sociolinguística, também conta com o auxílio de métodos da pesquisa qualitativa no que se refere à interpretação dos dados, por isso, a metodologia usada na análise variacionista pode ser conhecida como pesquisa quali quantitativa.

2.4 Por que as línguas variam e mudam?

A resposta para essa questão exige, primeiramente, que se reflita sobre a língua. É visto que, ao se perguntar por que as línguas variam e mudam, já se tem, nesse caso, uma afirmação de que a variação e a mudança linguística são inerentes a qualquer língua.

Mas, o que vem a ser variação linguística? Toda variação implica em mudança linguística?

A variação linguística acontece, segundo a teoria variacionista, quando, na língua, há duas maneiras, ou mais, de se referir à mesma coisa. Por exemplo, os pronomes “tu” e “você” são duas formas alternativas de se referir à segunda pessoa do singular, nesse caso, podemos dizer que há variação no nível lexical, mas, além desse nível, pode haver variações nos níveis fonético, morfológico, sintático e discursivo.

É importante ressaltar que toda mudança linguística pressupõe um estágio anterior de variação, mas que nem toda variação linguística resulta em mudança, pois, há casos que as variantes linguísticas mantêm-se na fala da comunidade investigada por muito tempo e, assim, há um uso estável tanto de uma variante como das demais. A mudança só ocorre quando uma variante de uma variável linguística suplanta as demais e, dessa forma, “conquista” o lugar na língua que antes pertencia a todos os concorrentes que o disputavam.

No entanto, para admitir as variações e mudanças linguísticas não podemos ater-nos à concepção de língua como um sistema fechado, autônomo e homogêneo, como propõe a teoria saussuriana. A língua é sistematizada, sim, mas não é autônoma, muito menos fechada e homogênea, pois, se assim fosse, no caso das línguas neolatinas, ainda hoje, falaríamos Latim. Se falamos novas línguas provindas do Latim é porque esse Latim mudou, sofreu influências internas e externas e, por fim, línguas como o Português, o Francês, o Italiano, o Espanhol, entre outras, vieram a existir.

Se a língua varia hoje, ela variou ontem e antes de ontem e, assim, sucessivamente. Não podemos negar que a língua foi criada pelo e para o homem, pela sua necessidade de interação. Destacamos, pois, que o homem de hoje não é o mesmo de ontem, logo, a língua de hoje não é a mesma de ontem.

Segundo a narrativa bíblica, no livro de Gênesis, no capítulo 11, houve um tempo, após o dilúvio, em que os homens reuniram-se para construir uma grande torre no intento de chegar aos céus e não se espalharem sobre a face da Terra. Como esse plano desobedecia à ordem divina de povoar a Terra, Deus, então, confundiu-lhes as línguas para que não se entendessem. Essa narrativa, de tradição judaico-cristã, embora muito antiga, já busca uma forma de explicação para a mudança linguística. É importante ressaltar que, de acordo com Ravelli (2009), em outras culturas e tradições não-cristãs também há antigas narrativas que intentam uma explicação para o mesmo fato.

Ilari (1992, p. 57), assinala que

todas as línguas vivas apresentam naturalmente uma variação vertical (correspondente à estratificação da sociedade em classes), e horizontal (correspondente a diferenças geográficas); além disso, os falantes expressam-se de maneiras diferentes conforme o grau de formalidade da situação da fala.

Dessa forma, é fácil percebermos que não falamos da mesma forma em casa e em nosso trabalho. Também percebemos que uma pessoa que habita a região sul do Brasil, há um tempo considerável, fala diferente de uma pessoa que habita a região norte, apesar de falarem a mesma língua.

Segundo Bakhtin (1979), as variações linguísticas refletem as variações na sociedade em que o sujeito falante convive. Sendo assim, a língua é aprendida, falada e modificada de acordo com as necessidades do falante e com as imposições sociais que lhe cercam.

Labov (2008 [1972], p. 263) afirma que “a capacidade dos seres humanos de aceitar, preservar e interpretar regras com condicionamentos variáveis é sem dúvida um aspecto importante de sua competência linguística ou *langue*”. Ou seja, a variação é inerente às línguas e faz parte da competência linguística do falante que é quem introduz essas regras variáveis na língua conforme os próprios condicionamentos linguísticos e sociais que possibilitam que fale.

De acordo com Bortoni-Ricardo (2014, p. 61),

a mudança linguística pode dar-se em qualquer nível, na fonologia, na morfossintaxe, no léxico etc. É justamente no léxico que ela se torna mais perceptível pelos usuários. Um bom exemplo são as gírias. As gírias são itens lexicais informais, efêmeros no tempo e, pelo menos no início, circunscritos a grupos sociais, como, por exemplo, um grupo de jovens surfistas, colunistas sociais, bandidos e presidiários, escolares etc.

As colocações de Bortoni-Ricardo (2014) levam-nos a refletir a respeito das diversas formas que temos de dizer a mesma coisa, as diversas variações linguísticas que ouvimos em nosso dia-a-dia e, por vezes, não nos damos conta. As gírias, como bem exemplifica a autora, compõem um ótimo exemplo da língua correlacionada aos grupos e fatores sociais. Sendo assim, a língua varia de acordo com o grupo de falantes que a usa em determinadas circunstâncias.

Mollica e Braga (2013, p. 09) afirmam que “todas as línguas apresentam um dinamismo inerente, o que significa dizer que elas são heterogêneas”. O conceito de heterogeneidade implica em algo que é composto por elementos distintos, ou seja, a língua não é pura, homogênea, mas sim composta de elementos que variam e que, contudo, não implicam em desentendimento entre seus falantes.

Coelho *et. al.* (2015, p. 07), em consonância com os demais autores citados acima, concluem que

numa língua, não existe apenas uma forma para cada significado. O que existe são *variantes*, um conjunto de opções do qual retiramos as formas que empregamos ao falar e ao escrever. Essa escolha, contudo, não é aleatória: há motivações de toda ordem nos guiando no constante processo de formulação linguística.

Essas motivações são os fatores linguísticos, históricos e sociais que interferem no discurso de um falante no momento de suas escolhas pelas palavras que irá usar e como irá usá-las. Essas escolhas vão depender muito do contexto, do lugar em que esse falante se encontra e das realidades sociais em que esse falante convive em seu dia-a-dia.

Embora o final do século XIX e o século XX sejam expoentes temporais muito marcantes para os estudos linguísticos, no que se trata de percepção da mudança linguística, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), afirmam que já se havia notado a constante mudança nas línguas muito tempo antes desses séculos chegarem.

Conforme os mesmo autores citados acima, dentre os linguistas mais notáveis que se tem conhecimento, entre eles Hermann Paul e Ferdinand Saussure, a maioria desses reconheceu que a mudança linguística ocorre nas línguas de forma contínua.

No entanto, para pesquisar sobre a mudança linguística no intento de lograr algum sucesso, segundo os autores postos acima, é necessário que se tenha em mente sete princípios gerais: o primeiro afirma que a mudança linguística não é aleatória; o segundo infere, decididamente que, no que se trata de língua, estrutura e homogeneidade é uma associação ilusória; o terceiro explica que nem toda a variação implica em mudança linguística; o quarto nega a uniformidade e a instantaneidade da generalização da mudança linguística por meio a estrutura linguística; o quinto: “as gramáticas em que ocorre a mudança linguística são gramáticas da comunidade de fala” (Weinreich, Labov, Herzog, 2006 [1968], p. 126); o sexto explica que a mudança linguística não se dá por meio de etapas dentro da família, mas sim, na comunidade linguística como um todo; por fim, o sétimo correlaciona os fatores linguísticos e sociais totalmente atrelados às razões da mudança linguística.

Paiva e Duarte (2014, p. 139), em relação às colocações de Weinreich, Labov e Herzog, concluem que “a mudança é entendida como uma consequência inevitável da dinâmica interna das línguas naturais”.

Diante das considerações dos autores citados e tantos outros que abordam sobre o tema da variação e da mudança linguística, podemos reconhecer e afirmar que tanto a variação quanto a mudança são inerentes a toda e qualquer língua natural, isso porque, como

já dito, a língua é um sistema organizado, mas não fechado. A língua acompanha a sociedade e seus falantes. É o homem que molda a língua de acordo com suas necessidades de comunicação e interação e não o contrário.

Sendo assim, as línguas variam e mudam porque seus falantes mudam e apropriam-se da língua, inovando-a e transformando-a dia após dia. É por isso que a língua carrega a história dos homens e é o próprio meio de contá-la. Cada qual a conta da sua maneira, usando a língua conforme sua cultura e aprendizagem.

Enfim, falamos diferente porque somos diferentes!

3 PREPOSIÇÕES: PARA E EM

Neste capítulo, pretendemos estudar as preposições *para* e *em* na língua portuguesa, bem como suas funções no Latim, língua da qual derivou o Português. Também discorreremos sobre o uso dessas preposições nas línguas polonesa e ucraniana a fim de entendermos as funções que desempenham nessas línguas eslavas.

3.1 O que são preposições?

A língua portuguesa é composta por dez classes gramaticais. Entre essas, encontramos a classe das preposições que, de acordo, com o *Minidicionário da língua portuguesa Aurélio*, as palavras que compõem essa classe podem ser definidas como: “palavra invariável que liga partes da oração, estabelecendo entre elas numerosas relações” (FERREIRA, 2001, p. 554). Palavras como *de*, *em*, *para*, *sobre*, *pois* são exemplos de preposição.

Entre os muitos gramáticos e dicionaristas que se propõem a definir e explicar essa classe, selecionamos alguns, citando suas definições, a fim de formularmos uma concepção básica do que são preposições.

Almeida (1959, p.160) infere que “preposição é toda a palavra que serve para ligar duas outras. [...] Toda a preposição, portanto, liga palavras: substantivo a substantivo, substantivo a adjetivo, substantivo a verbo etc.”. Anuente a essa definição, Klug (2010, p. 247) em seu *minidicionário escolar*, explica preposição como “ato de prepor. Palavra invariável que liga duas outras, estabelecendo a relação existente entre elas”. Tanto Klug (2010) como Almeida (1959) associam preposição ao ato de “ligar palavras”. Ainda nessa mesma concepção, mas alargando um pouco mais os critérios em relação ao sentido das preposições, Macambira (1974, p. 65)

a preposição é palavra conectiva, o que a confunde com a conjunção, o pronome interrogativo e relativo, o advérbio interrogativo, bem como o próprio verbo de ligação; portanto o sentido falha como critério classificatório. Por outro lado, o termo *conectivo* supõe grupo, supõe sintaxe, pois só pode haver conexão gramatical se houver dois vocábulos a ser unidos.

Nesse mesmo sentido de ligação como função das preposições, Castilho (2003, p. 54) infere: “preposições e conjunções integram a classe dos nexos gramaticais. Ambas ligam palavras e sentenças, diferindo nisto que as preposições, em seus usos prototípicos, posicionam NO ESPAÇO os referentes dos termos que relacionam”.

Tomando, como exemplo, uma frase retirada de nosso levantamento de dados, podemos perceber essa “ligação” de um termo ao outro por meio da preposição.

(3) *Eu falei, né, vamo ensiná as duas língua porque, depois, vai **pra** escola, já vai sabê, né?* (Ma28f1gP).

Nesse exemplo, é possível perceber que a preposição *pra* liga o verbo (vai) ao substantivo (escola), relacionando uma palavra à outra. Sendo assim, conforme os autores citados acima, concordamos que a preposição tem a função de ligar as palavras.

Rocha Lima (1986, p. 157) traz uma definição um pouco diferenciada dessa classe: “preposições são palavras que subordinam um termo da frase a outro – o que vale dizer que tornam o segundo dependente do primeiro”. Em concordância, Said Ali (1969, p. 101) compreende preposição quase da mesma forma, mas acrescentando algumas particularidades: “[...] palavra invariável que se antepõe a nome ou pronome para acrescentar-lhes uma noção de lugar, instrumento, meio, companhia, posse, etc., subordinando ao mesmo tempo o dito nome ou pronome a outro termo da mesma oração”.

Em consonância com Rocha Lima (1986) e Said Ali (1969), trazemos a definição de Cunha (1976): “chamam-se preposições os vocábulos gramaticais invariáveis que relacionam dois termos de uma oração, de tal modo que o sentido do primeiro (antecedente) é explicado ou completado pelo sentido do segundo (consequente)”.

Ainda, em concordância com esses autores, no sentido de subordinação de palavras na frase, Castilho (2014, p. 583) insere:

a função sintática aproxima as preposições das conjunções, e por isso ambas as classes são reunidas sob a denominação geral de *nexos*. A diferença entre elas é que preposições ligam palavras e sentenças apenas por subordinação, enquanto as conjunções ligam palavras e sentenças por coordenação, subordinação ou correlação.

Nas explicações desses autores, notamos que a preposição está mais relacionada ao termo “subordinação”, o que significa que, além de ligar palavras, a preposição ainda torna um termo dependente do outro. Analisaremos, pois, em outro exemplo retirado de nosso levantamento de dados, essa relação de subordinação e dependência.

(4) *Porque daí, na época, tinha aquelas guerra (s) lá na Ucrânia, daí eles foram **pra** Áustria, né?* (Pr20m2gU).

Nesse exemplo, podemos observar que, como explicam os autores, a preposição *pra* estabelece uma relação de dependência entre o verbo (*foram*) e o substantivo (*Áustria*), ou seja, o sentido do verbo (termo antecedente) só é completado no substantivo (termo conseqüente). Sendo assim, nessa oração, o substantivo (*Áustria*) é subordinado ao verbo (*foram*).

Neves (2000), por sua vez, insere as preposições num grupo de funções mais abrangentes como, por exemplo, as de juntar os elementos do discurso e Wiedemer (2014, p. 103) opta pelo sentido de relação: “de um ponto de vista tradicional, não há divergência a respeito do *status* da preposição como unidade funcional que relaciona elementos na sentença”.

Diante das definições desses autores, podemos explicar a classe das preposições como palavras que ligam, relacionam, subordinam e criam relações de dependência nos termos que entremeiam.

3.2 As preposições para e em no Latim

Antes de estudarmos, brevemente, o funcionamento dessas preposições no Latim, é necessário sabermos que, nessa língua, as preposições não se consolidavam enquanto classe, pois essas pertenciam à classe dos advérbios. De acordo com Said Ali (1971, p. 203), “há pontos de contacto entre os advérbios e as preposições, e sabe-se que as preposições latinas foram primitivamente advérbios”. Nesse caso, podemos entender porque algumas palavras ora funcionam como preposição, ora como advérbio.

Também é importante ressaltar que as preposições, no Latim, regem, dos seis casos, apenas dois: o acusativo e o ablativo. Embora o caso acusativo seja mais usado para a função de objeto direto, quando usado com preposição, esse caso serve mais para reger os complementos circunstanciais de deslocação de um lugar para outro. Como, nessa língua, as preposições consolidam-se na área dos adjuntos adverbiais, as preposições tendem a aparecer, mais comumente, no caso ablativo.

O quadro 01 mostra os seis casos latinos e suas respectivas funções, a fim de entendermos melhor os dois casos regidos por preposições, nessa língua.

Quadro 01: Os seis casos latinos: nomes e funções

CASOS	FUNÇÕES
NOMINATIVO	Indica função de sujeito

GENITIVO	Indica a função de complemento restritivo
DATIVO	Indica a função de objeto indireto
ACUSATIVO	Indica a função de objeto direto
VOCATIVO	Indica a função de vocativo
ABLATIVO	Indica a função de complemento circunstancial (adjunto adverbial, por exemplo)

Observando o quadro 01, notamos que as preposições não se fazem tão precisas no Latim, já que os casos são responsáveis por indicar as funções sintáticas das palavras na frase. Sendo assim, essas funções eram identificadas por meio da terminação das palavras. Já, no Português, as preposições, assim como os artigos, substituem os casos latinos. As preposições substituem, essencialmente, os casos *genitivo*, *dativo* e *ablativo*. Das preposições latinas mais conhecidas, as que passaram para o Português sem modificação foram: *ante*, *contra*, *de* e *per*. As que se modificaram foram: *ad*, *post*, *cum*, *inter*, *sine*, *trans*, *pro*, *secundum*, *in*, *sub* e *super*.

De início, não temos a preposição *para*, no Latim. Conforme Said Ali (1971), a preposição que mais se aproxima é *per*, usada mais para indicar os sentidos de “através de” ou “por onde”. Esse mesmo autor explica que essa preposição (*para*) surgiu da combinação de *per* + *ad*, ou ainda de *pro* + *ad*. Sendo que, no Latim, a função de designar destino pertencia à preposição *ad*. Segundo esse gramático, a preposição *para*

empregada com o valor de “destinação” e “lugar para onde”, rivaliza fortemente com a partícula *a*, sendo a diferença tão difícil de perceber que os casos de regência fixa, em que certos verbos e adjetivos se ‘construem’ uns sempre com *a* e outros sempre com *para*, não se explicam senão pelo capricho do uso. Compete ao dicionário, e não à gramática, particularizá-los. (SAID ALI, 1971, p. 216).

Essa alternância entre essas duas preposições reforça a ideia de variação e mudança linguística, pois, nesse caso, temos uma preposição que resultou da combinação de outras duas com fins diferenciados.

Quanto à preposição *em*, no Latim *in*, muito usada nessa língua, conforme Almeida (1995), era utilizada tanto no caso acusativo, quanto no caso ablativo. Como já dito anteriormente, no caso acusativo, essa preposição indicava verbos de movimento, assim como explica Said Ali (1971, p. 212), “a construção latina a que êste complemento se filia é *in* com acusativo, usando-se êste caso, por significarem tais verbos movimentos encaminhados em determinado sentido”. Já, para indicar lugar fixo, era usada no caso ablativo ante os adjuntos adverbiais.

Também é importante ressaltar, segundo Wiedemer (2014, p. 375), sobre a preposição *em* que “ainda, no latim, *ad* e *in*, que regiam o acusativo, e *in*, que regia o ablativo, disputavam um mesmo espaço sintático, fato que pode explicar a multifuncionalidade da preposição *em*, em determinadas construções, na indicação de movimento”. Sendo assim, é possível percebermos que, no Latim, já havia variação entre as preposições *ad* e *in* (*em*, na língua portuguesa).

Dessa forma, podemos observar que, no Latim, a preposição *em* era muito utilizada em vários contextos, indicando tanto lugar *onde*, como *para onde*; a preposição *para*, advinda, de *per + ad* ou *pro + ad*, é usada de forma mais notável, na língua portuguesa.

3.3 As preposições para e em no Português

Na língua portuguesa, como já dito, as preposições substituem os casos latinos. Com isso, essas palavras passam a constituir uma das dez classes gramaticais do Português e, conseqüentemente, aparecem com mais frequência diante dos adjuntos adnominais, dos objetos indiretos e dos adjuntos adverbiais. Como destaca Wiedemer (2014, 376), “nas línguas românicas, a perda de casos levou à ampliação do uso das preposições também para complementos antes expressos pelos casos dativo e genitivo”.

Como nossa pesquisa está ligada ao complemento preposicional do verbo *ir de movimento*, na exposição das preposições *para* e *em*, não entraremos em questões mais peculiares agregadas aos vários valores que essas preposições podem ter na língua portuguesa; apenas nos ateremos aos seus valores de movimento ou estabilidade, buscando explicar o porquê de *para* ser considerada *padrão* e *em* não-padrão como introdutora do complemento locativo, regendo o verbo em destaque.

Sobre os verbos de movimento, Castilho (2014) explica que são assim denominados porque “envolvem deslocamento da figura em direção a um ponto de referência, sendo a figura representada pelo sujeito verbal, ou seja, é o sujeito que se desloca ao ponto de referência” (p. 593).

Como já mencionado anteriormente, não consideramos, neste trabalho, a preposição *a* por esta ocorrer apenas três vezes em nossos dados, o que indica, na fala desses descendentes de eslavos, uma possível substituição desta preposição pelas outras duas que foram bastante utilizadas. O desaparecimento dessa preposição em nossos dados pode ser explicado por Castilho (2014, p. 590): “quando uma preposição é substituída por outra, ambas convivem por algum tempo, até que uma delas desapareça. Esse é o grau zero da gramaticalização das preposições, fenômeno que ocorre igualmente com outras classes”. Ao

mencionar as preposições que estão sendo substituídas, esse mesmo autor afirma que a preposição *a* está sendo substituída por *em* ou *para*.

Segundo Cunha (1976), o valor da preposição *para* é, principalmente, de movimento. Essa afirmação explica o uso mais frequente dessa preposição, regendo os verbos de movimento. Conforme esse mesmo autor, o uso de *para* sugere “tendência para um limite, finalidade, direção, perspectiva. (Distingue-se de *a* por comportar um traço significativo que implica maior destaque do ponto de partida)” (CUNHA, 1976, p. 526).

Said Ali (1971, p. 216) comenta sobre a regência dessa preposição relacionada aos verbos de movimento, enfatizando a sua concorrência, nesse sentido, com a preposição *a*: “assim, ao mesmo tempo que se diz *partir para algum lugar*, dando ao complemento sempre a mesma preposição, junto a *ir, caminhar, fugir*, sinônimos de *partir*, é lícito optar entre *a* e *para*”. O exemplo, retirado de nossos dados, contempla o uso dessa preposição, regendo o verbo *ir de movimento*.

(5) *Depois a gente ia pra igreja se confessá i tudo* (Ma18m2pP).

Observando o exemplo, podemos notar que o sentido de movimento do verbo é complementado pela preposição *para* que introduz o complemento locativo *igreja*. Embora alguns gramáticos defendam a ideia da não-significação das preposições, alegando que essas palavras são desprovidas de sentido ou significado, Cunha (1976, p. 513) afirma que

embora as preposições apresentem grande variedade de usos, bastante diferenciados no discurso, é possível estabelecer para cada uma delas uma significação fundamental, marcada pela expressão de movimento ou de situação resultante, e aplicável aos campos espacial, temporal e nocional.

É nesse sentido que Cunha (1976) apresenta a preposição *para* ligada à contextos de espaço, tempo e noção, comprovando seu valor de movimento.

Ao que diz respeito à preposição *em*, sabemos que, na língua portuguesa, inicialmente, dá-nos a ideia de lugar fixo, diferente de *para* que nos dá ideia de movimento. Afirmando esse significado, Said Ali (1971, p. 211) explica que “esta partícula exprime interioridade com referência tanto a lugar como a tempo”. O autor ressalva que, no entanto, seu emprego não se limita somente a esse sentido.

Porém, apesar da ideia de interioridade, essa preposição não se resume no sentido de estaticidade, pois Cunha (1976), atribui a *em* o valor de movimento, assim como no caso de

para. Esse autor define o significado dessa preposição como: “superação de um limite de interioridade; alcance de uma situação dentro de” (CUNHA, 1976, p. 524). Por isso, é importante sabermos que *em* também relaciona-se a contextos de movimento, mas não no mesmo sentido que *para*.

Almeida (1995, p. 144), em nota, faz-nos entender que:

indicam movimento os verbos que encerram ideia de deslocação **de** um lugar **para** outro lugar e não de simples movimentação no mesmo lugar; a própria ação de “movimentar-se” ora se exerce **em** ora **para** um lugar. Assim, quem passeia no jardim não vai do jardim para outro lugar, senão que fica passeando **no** jardim (lugar onde).

Sendo assim, a noção de movimento da preposição *em* sempre dar-se-á no lugar onde se passa a ação, pois, de acordo com a norma padrão da língua portuguesa, essa preposição não deve ser empregada nos contextos de movimento que indicam deslocamento de um lugar para outro. Nesse ponto, retomamos Said Ali (1971, p. 212), em relação à *em*, que argumenta: “podem-se, sem dúvida, imaginar com vários destes verbos situações de ‘lugar onde’, isto é, casos em que o complemento significa o ponto em que a ação se efetua, e não aquê para o qual ela se encaminha ou destina”.

Analisando as colocações desses autores, podemos entender que as preposições *para* e *em* podem ser relacionadas ao contexto de movimento, porém, *em* ligada ao sentido de interioridade e *para* ao sentido de deslocamento e direcionamento.

3.4 As preposições para e em no Polonês e no Ucrainiano

As línguas eslavas formam um conjunto de línguas enraizadas ao Indo-europeu. De acordo com Salles (1993), cerca de 450 milhões de pessoas, na Europa, na Ásia e na América (nos núcleos de imigração), falam essas línguas ligadas ao ramo eslavo. Tanto o Polonês como o Ucrainiano pertencem a esse ramo, sendo que o Polonês pertence ao grupo de línguas eslavas ocidentais e o Ucrainiano ao grupo oriental.

Diferente do Latim, que se desmembrou em várias línguas neolatinas que substituíram seus casos por novas classes de palavras, o Polonês e o Ucrainiano conservaram-se, mantendo sua estrutura linguística sustentada pelos casos até os dias atuais, por isso “dentro da família Indo-européia, as línguas eslavas são das mais conservadoras” (SALLES, 1993, p. 90).

São sete os casos que regem as línguas polonesa e ucraniana, a saber: nominativo, genitivo, dativo, acusativo, vocativo, instrumental e locativo (esse caso também é conhecido como prepositivo).

O quadro 02 mostra os sete casos das línguas polonesa e ucraniana, bem como suas funções.

Quadro 02: Os sete casos poloneses e ucranianos: nomes e funções

CASOS	FUNÇÕES
NOMINATIVO	Indica o sujeito da ação
ACUSATIVO	Indica a função o objeto direto
DATIVO	Indica o objeto indireto
GENITIVO	Indica o adjunto adnominal restrito
LOCATIVO OU PREPOSITIVO	Indica o adjunto adverbial de lugar
INSTRUMENTAL	Indica o adjunto adverbial de meio ou de instrumento
VOCATIVO	Indica a função de vocativo

Como podemos observar no quadro, com exceção do caso latino *ablativo*, os demais casos são repetidos nessas duas línguas eslavas. O que mais diferencia essas línguas do Latim é a existência dos casos *locativo* e *instrumental*.

Já que, nas línguas regidas por casos, as funções sintáticas das palavras são representadas por suas respectivas terminações, as preposições não são tão influentes na construção frasal, assim como no Latim, porém, os casos não as substituem de todo, sendo que elas aparecem, regendo alguns casos.

Embora o caso *locativo* também seja conhecido por *prepositivo*, segundo a professora Sônia E. Niewiadomski⁸, no Polonês, o caso em que as preposições mais aparecem é no *genitivo*, mesmo que elas sejam bastante utilizadas no *locativo*.

Ainda, conforme Niewiadomski, a preposição *para*, no Polonês, é representada pela forma *do*, enquanto a preposição *em* é representada pela forma *w*. No entanto, há mais uma forma – *na*, que pode ser traduzida tanto como *para*, quanto como *em*, dependendo do contexto em que é utilizada. Segundo a professora, o verbo *ir*, no Polonês, pode ser regido pelas duas preposições *do* e *na*, dependendo do sentido do complemento locativo do verbo.

⁸Graduada em Letras/Polonês pela Universidade Federal do Paraná, Mestre em Relações Internacionais, pela Universidade de Varsóvia. (Entrevista cedida em comunicação oral).

Os exemplos a seguir mostram a utilização das preposições *do* (para), *w* (em) e *na* (para ou em).

(Localização) – *Na stole: em* cima da mesa;

(Localização) – *Jestem w szkoly: estou na* escola;

(Verbo *ir*) – *Idę do szkoly: vou para* a escola;

(Verbo *ir*) – *Idę na mszę: vou para* a missa;

Olhando para os exemplos acima, observamos que a preposição *na* pode aparecer tanto nos contextos de movimento do verbo *ir*, quanto nos contextos de localização (onde). Na regência do verbo *ir*, segundo Niewiadomski, o uso das preposições *do* ou *na* depende da concretude do locativo, ou seja, se o locativo for um lugar concreto como, por exemplo, escola, igreja, praça a preposição utilizada é *do*. Já, quando o locativo pode ser entendido como abstrato, por exemplo, festa, missa, baile, a preposição utilizada é *na*. Por isso, notamos que, nos exemplos, *do* aparece diante do complemento concreto (escola) e *na* aparece diante do complemento abstrato (missa).

Na língua ucraniana, na regência do verbo *ir de movimento*, também encontramos as preposições *до* (para) e *в* (em). No ucraniano, a preposição *в* (em) rege, também, os verbos de movimento, dependendo do complemento selecionado. Mas, assim como no Polonês, surge mais uma preposição que pode, também, ser traduzida como *em* ou *para*: *На*. Essa preposição, na língua ucraniana, vai reger o verbo *ir de movimento*, quando o complemento locativo indicar um lugar abstrato, da mesma forma que no Polonês. É importante ressaltar que a língua ucraniana tem seu próprio alfabeto: o cirílico, o que segundo Ogliari (1999), dificulta o acesso à referências históricas acerca desse país nos livros.

Um exemplo é o alfabeto usado ainda hoje na escrita ucraniana, que a torna peculiar, criado a partir de caracteres gregos, pelo missionário Cirilo, de onde sua denominação: cirílico. O uso do alfabeto específico talvez seja um dos motivos para a inexistência de referências à história da Ucrânia em livros de história geral (p. 41).

Essa inexistência de referências históricas⁹ nos livros também torna, possivelmente, muito raros os documentos traduzidos sobre as peculiaridades da estrutura da língua ucraniana, o que dificulta, principalmente no que se trata das preposições, nossa pesquisa

⁹O trabalho de Ogliari data de 1999. Pode ser que nesse espaço temporal tenha surgido algum documento histórico com tais referências. Contudo, não chegou ao nosso conhecimento.

sobre essa língua. Sendo assim, guiamo-nos sobre as regras gerais das línguas eslavas para a análise das preposições, nessa língua.

De acordo com Niewiadomski, essas preposições regem o verbo *ir*, mas não se restringem somente a esses contextos nas línguas eslavas.

O quadro 03 resume as preposições *para* e *em* nas línguas polonesa e ucraniana.

Quadro 03: Preposições *para* e *em* no Polonês e no Ucraniano

PREPOSIÇÕES	LÍNGUA	TRADUÇÃO
<i>DO</i>	Polonês	Para
<i>W</i>	Polonês	Em
<i>Na</i>	Polonês	(Para ou em)
<i>До</i>	Ucraniano	Para
<i>В</i>	Ucraniano	Em
<i>Ha</i>	Ucraniano	(Para ou em)

As preposições inseridas no quadro 03 foram dirigidas ao contexto de introdutoras do complemento locativo do verbo *ir de movimento*. Sendo assim, *na* e *Ha* podem reger esse verbo tanto no Polonês, como no Ucraniano, respectivamente, diante dos complementos locativos abstratos.

Perante essas especificidades, estudaremos a possibilidade de uma transferência de característica linguística eslava para a língua portuguesa na forma da preposição *em* como representante das preposições *na* e *Ha* ante os complementos locativos abstratos na fala de descendentes de eslavos poloneses e ucranianos.

4 ALGUNS TRABALHOS SOBRE PREPOSIÇÕES

Neste capítulo, pretendemos fazer uma breve síntese de alguns trabalhos já publicados sobre variação das preposições *a*, *para* e *em* na área da sociolinguística variacionista. Sendo assim, os trabalhos encontrados são baseados na teoria de William Labov e destinam-se à análise dessa classe no PB (português brasileiro).

A partir das metodologias usadas para o desenvolvimento dessas pesquisas, observaremos a regularidade dos fatores linguísticos e extralinguísticos, bem como o processo de levantamento e análise de dados.

Essa síntese serviu de apoio para o procedimento de análise dos dados de nossa pesquisa, bem como para o conhecimento do que já se havia feito a respeito dessas preposições como introdutoras do complemento locativo do verbo *ir de movimento* nos estudos variacionistas.

4.1 Sobre o trabalho de Maria C. de M. Mollica (1996)

A pesquisa realizada por Mollica (1996), inserida na obra *Padrões Sociolinguísticos*, com dados de 64 informantes da Amostra Censo/UFRJ, discorre sobre a variação na regência do verbo *ir de movimento*. Nesse trabalho, a autora dispõe de uma organização sistemática, visando uma pesquisa de cunho variacionista, embasada na teoria laboviana.

Conforme o texto de Mollica e as gramáticas normativas, o verbo *ir de movimento* deve ser regido apenas pelas preposições *a* e *para*. No entanto, é comum, principalmente no Brasil, esse verbo também ser regido pela preposição *em*, na fala.

A fim de analisar a variação no complemento preposicional do verbo em questão, Mollica parte de duas hipóteses iniciais: a primeira propõe que o emprego variável das três preposições na regência do verbo *ir de movimento* não é aleatório, o que possibilita uma análise variacionista; a segunda intenta que há condicionamentos específicos para o uso variável das preposições em estudo na fala carioca.

Ainda, como norte, a autora mantém três premissas: a primeira alega que os fatores sociais são relevantes no contexto onde há “oposição padrão vs não-padrão” (MOLLICA, 1996, p. 154); a segunda, resumidamente, infere que a preposição *em*, em vista das demais, pode ser usada, gramaticalmente, em muitos contextos e, sendo assim, deve haver motivos muito fortes que atribuem valor de movimento a essa preposição; a terceira impõe que, conforme a norma padrão, as preposições *a* e *para* são as prescritas pela norma gramatical. Sendo assim, pode haver uma hierarquia entre as três preposições (*a*, *para* e *em*) e, nessa

ordem, a preposição *a* seria mais culta que a preposição *para*, enquanto a preposição *em* é considerada não-padrão. Vale ressaltar que, em sua pesquisa, Mollica não faz separação entre as preposições *a* e *para*, na análise dos dados, instituindo uma oposição entre forma padrão (*a/para*) e não-padrão (*em*).

4.1.1 Das variáveis selecionadas no trabalho de Mollica

Para o levantamento de dados, foi analisado o material acústico de 64 informantes. Segundo a autora, em duas entrevistas não houve ocorrência com o verbo *ir* de movimento, o que obrigou a dispensá-las da pesquisa. O programa usado para análise dos dados foi o *Varbrul 2S*.

Nesse trabalho, Mollica concentra-se nos aspectos morfo-semânticos e, para tal, apresenta os seguintes grupos de variáveis: *configuração de espaço* – dividido em locativos *mais fechados* (“casa”, “cinema”) e locativos *menos fechados* (“praia”, “cidade”); *grau de definitude* – dividido em *mais definido* e *menos definido*. A autora divide esse grupo em três graus de definitude dos referentes: *maior grau de definitude*, *grau de definitude médio* e *menor grau de definitude*. Desses três graus, desencadeiam quatro fatores a serem analisados: *mais determinante e mais definido* (“vou no MEC”), *mais determinante e menos definido* (“ele foi numa festinha”), *menos determinante e mais definido* (“vou pra Botafogo”) e *menos determinante e menos definido* (“ia para psiquiatras e analistas”). Para analisar o grau de definitude, a autora opta pelo critério sintático, observando os artigos definidos e indefinidos para determinar os fatores dessa variável.

A autora analisa as variantes *a/para* vs *em* como padrão vs não-padrão. Sendo que *a/para* é considerada variante padrão e *em* considerada variante não-padrão.

O quadro a seguir apresenta os grupos de variáveis selecionados na pesquisa.

Quadro 04: Grupos de variáveis linguísticas selecionados, Mollica (1996)¹⁰

<i>Configuração de espaço</i>	<i>Grau de definitude</i>
Locativos + fechados	+ definido
Locativos – fechados	– definido
	<i>Grau de definitude dos referentes</i>
	Maior grau de definitude
	Grau de definitude médio
	Menor grau de definitude

¹⁰Organizamos os quadros para sintetizar as variáveis usadas pela autora para realizar a análise.

	<i>Fatores de definitude dos referentes</i> + determinante + definido + determinante – definido - determinante + definido - determinante – definido
--	---

Além dessas variáveis elencadas por Mollica (1996), ainda há um terceiro grupo de variável cognominado como *traços de mais permanência e menos permanência*. Como não houve ocorrências de *mais permanência* com a preposição *em*, a autora analisou esse grupo visando somente *a* e *para*.

4.1.2 Das variáveis estratificadas sociais elencadas por Mollica

Para análise dos dados, a autora estabeleceu três variáveis estratificadas: escolarização (primário, ginásio e segundo grau), idade (7-14, 15-25, 26-49, 50-71) e sexo, que, segundo Mollica (1996, p. 292), “não age entretanto no sentido de um ou outro sexo isoladamente privilegiar uma das variantes”.

O quadro 05 mostra as variáveis sociais e seus respectivos fatores considerados na pesquisa de Mollica.

Quadro 05: Variáveis sociais do trabalho de Mollica (1996)

<i>Escolarização</i>	Primário Ginásio Segundo grau
<i>Idade</i>	7-14 anos 15-25 anos 26-49 anos 50-71 anos
<i>Sexo</i>	Masculino Feminino

Conforme o quadro, essas foram as variáveis sociais e seus respectivos fatores usados pela autora na análise de seus dados. Mollica ainda faz uso de uma variável não estratificada: colocação no mercado ocupacional.

4.1.3 Dos resultados do trabalho de Mollica

Segundo a análise realizada pela autora, para os locativos *menos fechados*, há uma tendência maior para o uso da preposição *a/para* (0,57), enquanto para os locativos *mais fechados*, há um maior uso da preposição *em* (0,58). A autora infere que essa escolha da preposição *em* para locativos *mais fechados* pode ser explicada, de acordo com várias gramáticas citadas no texto, pelo fato dessa preposição indicar, em primeiro sentido gramatical, a impressão de “estar dentro de”.

O mesmo acontece em relação ao *grau de definitude do locativo* em que a preposição *em* é mais usada (0,69) com locativo [+determinante] e [+definido]; já as preposições *a/para* predominam (0,73) com o locativo [-determinante] e [-definido]. Isso porque, segundo os gramáticos citados por Mollica, a preposição *em* corresponde ao locativo *onde* e, essa relação reforça a ideia de lugar, enquanto nos graus de definitude *menos definido* prevalece a ideia de movimento e não de lugar, por isso a tendência ao uso da preposição *a/para*.

Mollica também observa que os locativos *mais definidos* são precedidos por artigos definidos, pronomes possessivos e demonstrativos. Já os locativos *menos definidos* são precedidos por artigos indefinidos ou pronomes indefinidos.

A tabela a seguir mostra os principais resultados das variáveis linguísticas selecionadas no trabalho de Mollica (1996).

Tabela 01: Resultados da aplicação *a/para* x *em*, Mollica (1996)¹¹

VARIÁVEIS	APLIC./TOTAL	FREQUÊNCIA	PESO RELATIVO
Configuração do espaço			
[-fechado]	234/366	64%	.57
[+fechado]	146/344	42%	.42
Grau de definitude de N locativo			
[+determinante] [+definido]	208/467	45%	.31
[+determinante] [-definido]	60/97	62%	.43
[-determinante] [+definido]	85/114	75%	.50
[-determinante] [-definido]	27/32	84%	.73

Os números apontam os resultados das análises de *a/para* x *em*, comprovando que há variação entre essas preposições e que essa variação é condicionada por fatores linguísticos e extralinguísticos, o que possibilita a análise sociolinguística variacionista.

¹¹Resultados retirados das tabelas 6.1 “Configuração do espaço *a/para* (padrão) x *em* (não-padrão)” e 6.2 “Grau de definitude de N locativo *a/para* (padrão) x *em* (não-padrão)” (Mollica, 1996, p. 157 e 161).

A autora ainda conclui comentando que, das variáveis sociais, a escolarização foi mais notada entre as mulheres. No que corresponde à idade, os falantes mais jovens tendem a se distanciar mais da forma padrão e, por fim, os informantes mais aderentes no mercado de trabalho fazem mais uso da variante padrão.

A tabela 02 apresenta os resultados das variáveis sociais de Mollica (1996).

Tabela 02: Resultados das variáveis sociais selecionadas no trabalho de Mollica (1996), aplicação *a/para* x *em*¹²

VARIÁVEIS	APLIC./TOTAL	FREQUÊNCIA	PESO RELATIVO
Escolarização/sexo			
Masculino/primário	95/153	62%	.48
Feminino/primário	86/157	55%	.33
Masculino/ginásio	112/180	62%	.35
Feminino/ginásio	157/246	64%	.52
Masculino/2º grau	48/65	74%	.66
Feminino/2º grau	89/117	76%	.64
Idade			
7-14 anos	59/144	41%	.45
15-25 anos	69/159	43%	.40
26-49 anos	99/169	59%	.56
50-71 anos	153/238	64%	.57
Colocação no mercado ocupacional			
Alta/masculino	32/54	59%	.65
Alta/feminino	36/70	51%	.55
Média/masculino	46/85	54%	.48
Média/feminino	124/193	64%	.65
Baixa/masculino	50/98	51%	.36
Baixa/feminino	33/66	50%	.29

Observando os resultados, podemos notar que os números apontam a possível interferência da escolaridade na escolha das preposições *a/para* vs *em*, principalmente nas mulheres (0,33), (0,52) e (0,64) correspondentes à *primário/feminino*, *ginásio feminino* e *segundo grau/feminino*. Quanto à idade, os resultados (0,45) e (0,40), correspondentes aos falantes mais jovens, demonstram o afastamento dessa classe da forma considerada padrão. No que se trata da colocação no mercado ocupacional, os resultados (0,65) e (0,55), correspondentes aos informantes de alta cotação no mercado ocupacional em relação aos

¹²Os resultados foram retirados das tabelas 12.3 “Atuação da escolarização e sexo sobre a escolha das preposições *a* e *para* vs *em*”, 12.4 “Atuação da idade sobre a escolha das preposições *a* e *para* vs *em* e 12.6 “Atuação da colocação no mercado ocupacional sobre a escolha das preposições *a* e *para* vs *em* em homens e mulheres” (MOLLICA, 1996, p. 287, 290 e 293).

resultados (0,36) e (0,29), correspondentes aos informantes de baixa cotação no mercado ocupacional, indicam que os primeiros fazem mais uso da variante padrão, conforme a autora.

4.2 Sobre a dissertação de Marcos Luiz Wiedemer (2008)

A dissertação de Marcos Luiz Wiedemer, intitulada *A regência do verbo ir de movimento na fala de Santa Catarina*, investiga o uso variável das preposições *a*, *para* e *em* como complemento locativo do verbo em destaque. Diferente de outras pesquisas, Wiedemer não analisa as preposições da forma *a/para vs em*, optando pela análise mais específica, alegando que há condicionadores particulares para cada uma das preposições.

Para desempenhar a pesquisa, o autor ampara-se nas teorias da Sociolinguística variacionista e do Funcionalismo norte-americano.

Na busca de dados para análise, foi utilizado o banco de dados VARSUL e, deste, foram selecionadas 72 entrevistas, com 24 informantes de cada cidade: 24 de Florianópolis, 24 de Blumenau e 24 de Chapecó, com 12 perfis sociais, sendo duas entrevistas de cada.

Wiedemer (2008), inicialmente, parte de três hipóteses para elaboração da pesquisa: a primeira sugere que a preposição *em* é mais usada na fala e a preposição *para* vem em segundo lugar, sendo que *a*, por ser mais considerada pela norma padrão, não aparece em tantos contextos; a segunda propõe que os fatores linguísticos e extralinguísticos são relevantes para o uso variável das três preposições como complemento locativo; e a terceira supõe que a variação dessas preposições apresente a mesma tendência das demais regiões em que já foi feita essa análise, diferenciando-se apenas na frequência de uso.

4.2.1 Das variáveis selecionadas no trabalho de Wiedemer

Para análise dos dados, Wiedemer seleciona quatro grupos de variáveis linguísticas¹³ e quatro grupos de variáveis extralinguísticas. Esses grupos desencadeiam vários fatores a serem observados. No caso das variáveis linguísticas, o autor organiza-as da seguinte forma: associadas ao sujeito, associadas ao verbo, associadas ao N locativo (configuração de espaço) e variáveis discursivas. Já no caso das variáveis extralinguísticas, a pesquisa apresenta como relevantes a idade, a escolarização, o sexo e a localidade.

O quadro 06, extraído da dissertação de Wiedemer, expõe as variáveis utilizadas pelo autor para análise, bem como seus fatores de forma sucinta e esclarecida. No texto, o autor

¹³ Como a maioria de nossas variáveis foram embasadas no trabalho de Wiedemer (2008), exemplificaremos os diferentes fatores dessas variáveis nos capítulos 6 (Metodologia) e 7 (Resultados) de nossa pesquisa.

explica e exemplifica cada um dos fatores, fazendo uso dos dados coletados nas entrevistas, justificando a relevância das variáveis.

Quadro 06: Variáveis linguísticas e extralinguísticas da dissertação de Wiedemer¹⁴ (2008)

Variáveis linguísticas	Variáveis extralinguísticas
<p><i>Associadas ao sujeito:</i></p> <p>1) Pessoa do discurso: P1 (<i>eu, nós</i>), P2, P3 e <i>a gente</i></p> <p>2) Forma do SN: pronome, SN pleno, \emptyset</p> <p>3) (In) determinação: [+determinado], [-determinado]</p> <p>4) Agentividade: [+agente], [-agente]</p>	<p>14) Sexo: masculino, feminino</p>
<p><i>Associadas ao verbo:</i></p> <p>1) Tempo-modo: pres., pret. perf., pret. imperf. e outros</p> <p>2) Aspecto/frequência: semelfectivo e iterativo</p> <p>3) Aspecto/perfectividade: perfectivo, imperfectivo</p>	<p>15) Idade: 25-49 anos, + de 50 anos</p>
<p><i>Associadas ao espaço (N locativo)</i></p> <p>8) Configuração do espaço: lugar/objeto, instituição, Instit. Personificada, lugar/evento, espaço geográfico</p> <p>9) Demarcação: [+fechado], [-fechado]</p> <p>10) Definitude: [+definido], [-definido]</p> <p>11) Destino: [+direção], [-direção]</p>	<p>16) Escolaridade: primário, ginásio, colegial</p>
<p><i>Discursivas</i></p> <p>12) Finalidade: [+finalidade] <i>para</i>, [+finalidade], [-finalidade]</p> <p>13) Narratividade: [+narrativa], [-narrativa]</p>	<p>17) Localidade: Florianópolis, Blumenau, Chapecó</p>

Como podemos observar, para a análise da variação das preposições *a*, *para* e *em* na fala de Santa Catarina, o autor selecionou um conjunto de 17 variáveis, a fim de observar quais condicionadores, internos e externos à língua, interferem no uso dessas preposições como regentes do verbo *ir de movimento*. Diferente de Mollica (1996), que usa o critério sintático para definir o grau de definitude, Wiedemer (2008) controla essa variável a partir do critério semântico, ou seja, definido ou indefinido no discurso. Adiante, mostraremos alguns dos resultados desse autor.

¹⁴ Reprodução do quadro 02, de Wiedemer (2008, p. 82): “Variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas controladas”.

4.2.2 Dos resultados da dissertação de Wiedemer

Para descrição dos resultados obtidos, Wiedemer retoma suas hipóteses iniciais e observa se essas se confirmam. O autor faz duas análises, uma geral e uma diatópica, para obter os resultados. Desses, vamos destacar alguns dos mais significativos.

Como resultado para a análise de qual variante é mais utilizada agregada ao verbo *ir*, o autor obtém que o uso da preposição *em* está em crescimento na fala de Santa Catarina e que, embora a preposição *a* apareça com alta frequência nos dados de Blumenau, foi observado que 32% dos informantes dessa localidade não fizeram uso dessa preposição, enquanto outros apresentaram muitas ocorrências com a mesma, o que comprova um recuo na utilização de *a* junto ao verbo *ir*.

Tabela 03: Distribuição das preposições A, PARA/EM por cidade¹⁵

<i>Localidade</i>	<i>A</i>		<i>PARA</i>		<i>EM</i>		TOTAL	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Florianópolis	57	17	146	44	129	39	332	100
Blumenau	51	19	132	48	92	33	275	100
Chapecó	36	10	152	44	162	46	350	100
TOTAL	144	15	430	45	383	40	957	100

Os números dispostos na tabela acima demonstram o uso das preposições *a*, *para* e *em* e, exceto as ocorrências mais notáveis da preposição *a* (51 em 275) na cidade de Blumenau, os resultados apontam o recuo dessa preposição na fala de Santa Catarina. De acordo com Wiedemer (2008), Blumenau é a localidade que apresenta mais uso das preposições *a* e *para* em relação à *em*. Chapecó faz menos uso da preposição *a* e maior uso da preposição *em*. Já, Florianópolis aproxima-se de Blumenau quanto ao uso de *a* e *em* e iguala-se a Chapecó quanto ao uso de *para*.

Segundo o autor, das variáveis elencadas na dissertação, *demarcação de espaço* [+fechado – fechado], *destino* [+direção – direção] e *configuração de espaço* foram consideradas como as variáveis mais significativas, sendo que para os contextos de espaço mais fechado prevaleceu o uso da preposição *em*, enquanto para os menos fechados houve maior uso da preposição *para*. Nos contextos de mais direção, a tendência foi para a preposição *a* e nos de menos direção para a preposição *para*. Quanto à configuração do espaço, o autor assimila que *a* e *em* estão em maior concorrência nos contextos de *instituição*

¹⁵Reprodução da tabela 04, de Wiedemer (2008, p. 85): “Distribuição das preposições A/PARA/EM por cidade”.

personificada e lugar evento; a e para concorrem nos contextos de *espaço geográfico e para e em* competem mais nos contextos de *lugar instituição e lugar objeto*.

Dos fatores sociais, os resultados destacaram que, na cidade de Blumenau, os informantes mais velhos fazem mais uso da preposição *a*, ao passo que os mais novos têm preferência por *para*. Em Florianópolis, há mais ocorrências com a preposição *a* na fala de informantes mais escolarizados e, em Chapecó, os informantes menos escolarizados apresentaram maior uso da preposição *em*.

A tabela 04 mostra os resultados principais da variável linguística *demarcação de espaço* elencada pelo autor¹⁶.

Tabela 04: Influência da variável *demarcação do espaço* sobre o uso de A, PARA e Em¹⁷

Demarcação	A			PARA			EM		
	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR
[+ fechado]	83/602	14	0,57	227/602	38	0,43	292/602	49	0,55
[- fechado]	61/355	17	0,39	203/355	57	0,62	91/355	26	0,42
TOTAL	144/057	15		430/957	45		383/957	40	
	Input. .11 9° selecionado	Sig.: .045		Input. .45 1° selecionado	Sig.: .034		Input. .39 1° selecionado	Sig.: 023	

Conforme os números da tabela acima, podemos notar a tendência maior para o uso de *em* para a variante de demarcação de espaço *mais fechado* (0,55) e maior uso de *para* na variante de demarcação de espaço *menos fechado* (0,62).

A tabela 05 mostra os resultados da variável *destino* selecionada no trabalho de Wiedemer.

TABELA 05: Resultado da aplicação das preposições *a* e *para*, na variável “destino”, Wiedemer (2008)¹⁸

Destino	A			PARA		
	Apl./total	%	P.R.	Apl./total	%	P.R.
[+direção]	136/834	16	0,55	365/834	44	0,48
[-direção]	8/123	7	0,22	65/123	53	0,66
TOTAL	144/957	15		439/957	45	

¹⁶Como o autor traz os resultados das variáveis sociais isoladas por cidade, optamos por demonstrar em tabela somente os resultados das variáveis linguísticas que são apresentadas de uma forma mais geral.

¹⁷Reprodução da tabela 06, de Wiedemer (2008, p. 91).

¹⁸Adaptação da tabela 07, de Wiedemer (2008, p. 93): “Influência do local da variável *destino* sobre o uso de A, PARA e Em”.

Os números da tabela 05, retirados da dissertação de Wiedemer (2008), apontam a maior tendência para o uso da preposição *a* nos contextos de *mais direção* (0,55) e *para* nos contextos de *menos direção* (0,66).

A seguir, a tabela 06 trará os resultados da variável *configuração de espaço* selecionada no trabalho de Wiedemer (2008).

TABELA 06: Influência da variável *configuração do espaço* sobre o uso de A, PARA e EM¹⁹

Configuração do espaço	A			PARA			EM		
	Aplic./total	%	PR	Aplic./total	%	PR	Aplic./total	%	PR
Lugar/inst.pers.	20/69	29	0,70	17/69	25	0,30	32/69	46	0,56
Espaço geográf.	57/257	22	0,69	148/257	58	0,54	52/257	20	0,35
Lugar/evento	17/118	14	0,65	45/118	38	0,45	56/118	47	0,47
Lugar/objeto	46/462	10	0,36	195/462	42	0,51	221/462	48	0,57
Lugar/instituição	4/51	8	0,22	25/51	49	0,56	22/51	43	0,59
TOTAL	144/957	15		430/957	45		383/957	40	
	Input: .11 Sig.: .045 1 selecionado			Input: .45 Sig.: .034 7 selecionado			Input: .39 Sig.: .023 5 selecionado		

Observando os resultados do uso de *em* nos fatores *instituição personificada*, *objeto* e *instituição* (0,56, 0,57 e 0,59, respectivamente), notamos o sentido essivo (estado permanente, contínuo) que esta preposição desempenha em relação ao verbo *ir de movimento*. De acordo com Wiedemer (2014, p. 117),

as preposições desempenham, primeiramente, na ordem da oração, a função relacional. O relator, a preposição, faz a função de exprimir uma relação local entre o objeto localizado e um objeto de referência/ponto de referência. Com verbos que exigem um objeto localizado, que apresenta uma relação com um ponto de referência (essivo, alativo, ablativo e perlativo), ocorrem as preposições.

Os resultados obtidos pelo autor confirmam a variação entre as três preposições na fala de Santa Catarina. Por meio dos números associados às variantes, confirma-se o fato de que a variação dessas preposições não é aleatória, antes, é condicionada por fatores linguísticos e sociais.

4.3 Sobre o trabalho de Maria José Blaskovski Vieira (2009)

A pesquisa de Vieira (2009), intitulada *Variação das preposições em verbos de movimento*, objetiva investigar a alternância de preposições que regem verbos de movimento.

¹⁹Reprodução da tabela de Wiedemer (2008, p. 88): “Influência da variável *configuração do espaço* sobre o uso de A, PARA e EM”.

Nesse intento, assim como na maioria das pesquisas que visam esse tipo de comportamento variável, Vieira estuda a variação das preposições *a/para vs em* como complemento dos verbos *ir, vir, levar e chegar*. Nota-se que, diferente de Mollica (1996) e de Wiedemer (2008), Vieira analisa outros verbos além do verbo *ir*.

Como hipótese geral, a autora parte da ideia

de que o a variação no uso das preposições com verbos de movimento pode ser resultado de um afrouxamento, no plano conceptual, da relação entre a preposição e o verbo, por um lado, e do estreitamento da relação entre preposição e argumento do verbo ou adjunto, por outro lado (VIEIRA, 2009, p. 429).

Para o levantamento de dados, Vieira utilizou o banco de dados VARSUL, selecionando 48 entrevistas. No entanto, para esse artigo, foram analisadas apenas 39, sendo 12 de Curitiba, 12 de Florianópolis e 15 de Porto Alegre, três capitais sulistas.

Com base na teoria variacionista e, hipoteticamente, propondo que há condicionamentos linguísticos e extralinguísticos que motivam a variação no uso das preposições que regem verbos de movimento, a autora selecionou variáveis linguísticas e extralinguísticas a fim de detectar as possíveis motivações internas e externas em relação à língua que podem interferir na regência preposicional desses verbos. Como variáveis linguísticas foram elencadas: *tipo de verbo, configuração do espaço, grau de definitude e de determinação do locativo, traço semântico e existência de elemento interveniente entre o verbo e a preposição*²⁰. Já como variáveis extralinguísticas, Vieira apresenta: *gênero, idade, escolaridade e localização geográfica*.

Vale ressaltar, que das 530 ocorrências com verbos de movimento encontradas no levantamento de dados, 391 dessas envolvem o verbo *ir*. Sendo assim, os resultados apontaram um maior índice de variação na regência desse verbo do que nos demais, pois os outros três apresentam pouca variação.

Para análise dos dados, Vieira faz uso do programa VARBRUL, versão Goldvarb (2001).

Antes de mencionarmos os resultados obtidos por Vieira, dispomos de um quadro demonstrativo das variáveis elencadas pela autora.

²⁰Adiante apresentamos uma tabela com as variáveis linguísticas e extralinguísticas, bem como seus fatores, analisadas nesse trabalho.

Quadro 07: Variáveis linguísticas e extralinguísticas do trabalho de Vieira (2009)

Variáveis linguísticas	Variáveis extralinguísticas
<i>Tipo de verbo</i> : ir, vir, chegar, levar	<i>Gênero</i> : masculino, feminino
<i>Configuração de espaço</i> : [+aberto, -aberto]	<i>Idade</i> : - de 50 anos, + de 50 anos
<i>Grau de definitude e de determinação do locativo</i> : [+definido, -definido, +determinante, -determinante]	<i>Escolaridade</i> : -4 de anos, + de 4 anos
<i>Traço semântico</i> : [+permanência, - permanência]	<i>Localização geográfica</i> : Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba
<i>Distância entre o verbo e a preposição</i> : existência ou não do elemento interveniente entre o verbo e a preposição.	

Observando a tabela de variáveis selecionadas no trabalho de Vieira, podemos notar a repetição de algumas variáveis que aparecem nos trabalhos de Mollica (1996) e Wiedemer (2008). O que diferencia o trabalho de Vieira, dos outros dois autores mencionados, é a inclusão da variável *distância entre o verbo e a preposição* que não aparece nos trabalhos de Mollica e Wiedemer.

4.3.1 Dos resultados do trabalho de Vieira (2009)

Como já mencionado, os verbos *vir*, *levar* e *chegar* apresentaram, na análise, pouca variação, ao contrário do verbo *ir* que apresentou variação bem mais significativa. A autora infere que os verbos *levar* e *vir*, além de pouca variação, demonstram maior tendência para o uso de *a/para*. O mesmo acontece com o verbo *chegar*, porém, com mais tendência ao uso de *em*. A regência do verbo *ir*, que apresentou mais variação que as demais, teve mais propensão ao uso de *a/para*.

Das variáveis elencadas por Vieira, 05 foram relevantes para o processo de análise, a saber: *tipo de verbo*, *traço [+permanência, - permanência]*, *configuração do espaço*, *grau de definitude e de determinação do locativo* e *localização geográfica*.

Na análise da variável *traço semântico*, o sentido de [+permanência] favoreceu o uso de *a/para*. Essa mesma preposição é mais usada também no caso de *indeterminação do locativo* e *referente locativo [+ aberto]*. Já para os contextos de *determinação* e *definição do locativo* com *referente [- aberto]*, a variante que mais aparece é a preposição *em*.

A tabela 07 mostra os principais resultados de Vieira (2009) na análise da variação das preposições *a/para* e *em* na regência do verbo *ir de movimento*.

Tabela 07: Resultados da aplicação da preposição *a/para* na regência do verbo *ir*, Vieira (2009)

VARIÁVEIS	APLIC./TOTAL	%	P.R
<i>Traço semântico</i>			
[+permanência]	107/120	89	0,84
[-permanência]	122/271	44	0,33
<i>Grau de def. e det. do locativo</i>			
[+definido/-determinante]	66/84	78	0,72
[-definido/-determinante]	54/80	67	0,55
[-definido/+determinante]	41/86	47	0,40
[+definido/+determinante]	68/141	47	0,39
<i>Configuração do espaço</i>			
[+aberto]	164/258	63	0,55
[-aberto]	65/133	48	0,41

Os números apontam os resultados das variáveis selecionadas na análise do verbo *ir de movimento* do trabalho de Vieira (2009). Como podemos observar, os traços de *mais permanência* e configuração de espaço *mais aberto* favorecem o uso da preposição *para* (0,84 e 0,55, respectivamente), ao passo que, quanto mais *determinante* for o locativo, mais tendência haverá para a preposição *em*.

Vieira conclui que, no caso dessas variações, a preposição funciona semanticamente em harmonia com o adjunto.

5 UM BREVE HISTÓRICO DAS IMIGRAÇÕES POLONESA E UCRANIANA NO BRASIL

O Brasil é um dos países que mais recebe imigrantes no mundo. Nosso país, segundo Seniuk e Skavronski (2014, p. 81) “ao adotar uma política de estímulo e acolhida dos estrangeiros em suas terras, é visto como o ponto de encontro de todas as nações, já que respeita e assegura a estadia de seus imigrantes”.

É notável nos Estados brasileiros do Sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) a grande influência das culturas eslavas, principalmente polonesa e ucraniana. Esse grande fluxo de emigrantes eslavos da Europa para o Brasil deu-se pelo fato de que “num primeiro momento o Brasil precisava de colonizadores, aos quais oferecia grandes oportunidades” (PARANÁ, 1986, p. 21) e isso atraía poloneses e ucranianos que se encontravam em situações drásticas em seus países de origem.

A propaganda de estímulo às imigrações era convincente: o Brasil era apresentado como um verdadeiro paraíso. Durante a “febre brasileira”, como foi chamado o período das maiores emigrações para o Brasil, chegou a correr na Polônia uma lenda, espalhada pelos agentes de recrutamento nas aldeias camponesas. Dizia a lenda que havia uma terra, encoberta por névoas, desconhecida de todos. Era uma terra onde corria leite e mel. (PARANÁ, 1986, p. 23)

Era dessa forma que o Brasil era visto pelas pessoas que enfrentavam situações severas em suas terras: como um novo Éden. Sendo assim, os emigrantes eslavos esforçavam-se para chegar ao país que lhes prometia tantas regalias políticas e econômicas.

5.1 A emigração polonesa

“Faltam terras na velha Polônia, sobram espaços, perigosamente desocupados, no Brasil do século XIX” (1986, p. 21). É assim que começa a história de emigração dos poloneses para o Brasil.

A preocupação dos administradores brasileiros com os enormes vazios em suas terras fez com que, em 1885, o presidente da província do Paraná – o Visconde de Taunay – enviasse uma carta direcionada à colônia polonesa do Paraná, na qual, o presidente relatava aos poloneses que já habitavam esse Estado as dificuldades que enfrentavam seus compatriotas na Polônia e pedia que escrevessem a esses para que viessem ao Brasil, pois o governo brasileiro comprometia-se em ajudá-los.

Em 1888, com a abolição da escravidão, as classes mais favorecidas sentiam-se ameaçadas pelos escravos libertos que representavam um perigo para as elites brasileiras. Com isso, ainda no século XIX, dá-se início a um processo de preenchimento das terras vazias, principalmente no sul brasileiro.

Como a Polônia tinha uma forte base agrícola, as imensas terras brasileiras colaboravam ainda mais na atração dos poloneses para o Brasil. No entanto,

os camponeses temiam a viagem transoceânica, pois não conheciam o mar. Para acalmá-los, os agentes recrutadores espalhavam, então, nas províncias, a notícia de que estava sendo construída uma ponte sobre o oceano e, em breve, a travessia poderia ser feita a pé ou de carroça. (PARANÁ, 1986, p. 23).

Como, no fim do século XVIII, a Polônia havia sido derrotada pelos países que lhe faziam fronteira, esse país enfrentava um período de verdadeiro terror. Dia após dia suas terras eram invadidas e tomadas. Pouco a pouco a Polônia, literalmente, desaparecia do mapa e só voltaria a reaparecer depois de cem anos. Contudo, mesmo que os espaços poloneses fossem tomados e agregados a outros países, a cultura polonesa resistia e resiste até hoje. Uma das principais características dessa cultura é sua forte ligação à religião católica. Além disso, outros caracteres ainda conservam, fortemente, a cultura desse povo: “o misticismo religioso, o gosto artístico (excepto talvez a pintura), o amor pelo canto e pela dança, o conjunto de características que formam *a alma eslava*” (PORTAL, 1968, p. 21).

Assim, ao chegar ao Brasil, os poloneses recomeçam suas vidas, dedicando-se, principalmente, à agricultura e formando colônias. O Estado do Paraná foi o Estado que mais recebeu imigrantes poloneses, sendo que muitas cidades paranaenses apresentam vários elementos culturais poloneses. Segundo a história, entre os anos 1869 e 1920, aproximadamente 60000 poloneses vieram para o Brasil, dos quais 95% instalaram-se no Paraná.

5.1.1 Mallet e a cultura polonesa

O município de Mallet localiza-se na região sul do Brasil, no Estado do Paraná, a 230 km de Curitiba (capital do Estado). Conforme o último censo do IBGE, a população desse município é de 12.973 habitantes.

Segundo informações contidas no *site* da prefeitura de Mallet, os primeiros imigrantes poloneses chegaram em 1890, e estabeleceram-se em Rio Claro. Conforme as informações do *site*, muitas igrejas, escolas, clubes e casas no estilo europeu construídas nas colônias devem-se aos imigrantes poloneses e ucranianos.

De acordo com Foetsch (2006, p. 44), os imigrantes poloneses “conservaram e ainda conservam sua língua materna, usos e costumes, introduziram e ainda utilizam muito a carroça e o cultivo de cereais, e ainda encontram-se as casas construídas de troncos e tábuas”.

Ainda, conforme esta autora, esse município dispõe de terras férteis para a agricultura. Parte da extensão desse município pode ser vista na imagem abaixo.



Imagem da cidade de Mallet - PR²¹

A imagem, além de abranger boa parte do município de Mallet, também mostra a preservação do verde (vegetação), típico das cidades do interior do Paraná. Também é possível notar, nos arredores da cidade, as terras cultivadas, que mostram a cultura agrícola da região.

Voltando-nos para os aspectos culturais religiosos, destacamos que a religião católica é predominante entre os descendentes de poloneses. Conforme Foetsch (2007, p. 69),

logo na chegada à localidade de Rio Claro do Sul, os polacos escolheram o lugar mais alto do povoado para construir uma capela que ficou conhecida como “*CzestochowaParanska*” e tinha uma torre de cinquenta metros de altura e era uma cópia da famosa “*Czestochowa*” do Santuário Nacional da Polônia Católica.

Segundo a mesma autora, o distrito de Rio Claro do Sul, no município de Mallet, mantém vivas as tradições polonesas por meio da religiosidade, do calendário e da própria paisagem que retoma a memória da Polônia.

²¹ Disponível em: <http://turismo.culturamix.com/nacionais/sul/cidade-de-mallet>

Na fala de nossos informantes, pudemos perceber como a religiosidade é influente no dia-a-dia desses descendentes. Vale ressaltar que os 24 informantes de Mallet declararam-se seguidores do catolicismo.

Nas entrevistas selecionadas, também observamos que a maioria dos informantes fez menção do “Oplatek”, um ritual natalino polonês de tradição cristã que consiste na “divisão do pão ázimo, com finalidade de renovar o espírito de fraternidade entre as pessoas, num momento de perdão das culpas mútuas” (PARANÁ, 1986, p. 58). Essa preservação da cultura polonesa (arquitetura, religião, alimentos, danças etc), no município de Mallet, concilia a ideia de que “as comunidades polonesas que se formaram no Brasil durante todo o período de imigração certamente trouxeram consigo um profundo sentimento de patriotismo, fortes laços de religiosidade e uma necessidade constante de preservar sua identidade” (Foetsch, 2006, p. 13).

5.2 A emigração ucraniana

Assim como os poloneses, os ucranianos também apresentam, em sua história, conflitos com os países vizinhos que desejavam apoderar-se de seu extenso território. Sendo assim, “falta de empregos, escassez de terras cultiváveis, superpovoamento no campo, foram fatores que fizeram os ucranianos buscarem uma vida nova num local novo” (Seniuk e Skavronski, 2014, p. 84).

Ainda, de acordo com Ogliari (1999, p. 40),

a história da Ucrânia se tece com relatos de constantes invasões. Em função disso, o país viveu sempre entre dois extremos, ora como importante centro político e cultural europeu, ora completamente destruído, ou reduzido, por várias vezes, a simples província de um condado.

Sendo assim, ao ter contato com as propagandas do solo fértil brasileiro e das condições de vida oferecidas, os ucranianos sentiram-se atraídos e rumaram em direção ao Brasil em busca de melhores condições de sobrevivência.

Durante a suspensão, muitas famílias venderam seus pertences e suas terras (por vezes abaixo do preço) para prover o valor necessário das despesas de viagem por causa de agentes que ainda incentivavam a emigração com promessas duvidosas (SENIUK e SKAVRONSKI, 2014, p. 83).

Por conta da distância, os emigrantes passavam várias semanas navegando até chegar ao Brasil, sendo que, conforme Seniuk e Skavronski (2014), muitos não suportavam a viagem e acabavam morrendo antes da chegada.

Segunda a história, os emigrantes que conseguiam sobreviver à viagem, desembarcavam na Ilha das Flores, no Rio de Janeiro. Lá, aguardavam, em hospedaria, até que todas as formalidades fossem completadas e, enfim, pudessem rumar às zonas de assentamento nas cidades de Paranaguá, Curitiba, Pinheiro e Prudentópolis.

Dentre tantas cidades brasileiras,

foi em Prudentópolis, na época São João de Capanema, na região Centro-Sul (segundo planalto paranaense) do Estado do Paraná que os ucranianos se concentraram. Para os que desejavam migrar para o Brasil, era o local que mais se assemelhava em relação ao clima europeu (SENIUK e SKAVRONSKI, 2014, p. 86).

Ao se colocarem nas novas terras, esses imigrantes iniciaram seu trabalho, construindo casas, abrindo estradas e recomeçando suas vidas, ainda que com muita dificuldade. Aos poucos, aprenderam a língua portuguesa e foram adaptando-se ao clima e às condições de vida encontradas no Brasil.

5.2.1 Prudentópolis e a cultura ucraniana

O município de Prudentópolis que, segundo o último censo do IBGE, conta com 48.792 habitantes, localiza-se no Sul do Brasil, no Estado do Paraná, a 213 km de Curitiba.

Segundo Ogliari (1999), os primeiros grupos étnicos europeus começaram a chegar à Prudentópolis em 1870, já que o Barão de Capanema, na época diretor do Telégrafo nacional, auxiliou nas conversações para que fossem mandados imigrantes para a região a fim de que trabalhassem na lavoura.

Quando a quinta leva étnica, o grupo majoritário dos ucranianos, chegou a Prudentópolis, em 1896, já estava bem concretizada a necessidade da colonização para o estado do Paraná. Por causa disso, havia se estabelecido, na região, desde 1885, o Instituto de Imigração e Colonização, órgão administrado pelo governo Federal. Cândido Ferreira de Abreu, então nomeado diretor da assim chamada colônia federal, muda o nome da região em homenagem ao Presidente da República, Prudente de Moraes (OGLIARI, 1999, p. 74).

Sendo assim, o município de Prudentópolis, desde seu início, teve abertura para o recebimento de imigrantes, pois, ao ver de seus responsáveis, essa abertura serviria para o desenvolvimento da região que necessitava de mão-de-obra nos muitos serviços a serem feitos. “Uma vez que o maior grupo étnico instalado em Prudentópolis foi o ucraniano, então, a chegada desse grupo provocou e promoveu o desenvolvimento, na região, de todos os setores necessários para o bem-estar humano” (OGLIARI, 1999, p. 80).

Como o município recebeu muitos imigrantes ucranianos, é notável que sua cultura causou uma forte influência sobre o lugar. Segundo Guérios (2007, p. 231), “quando um visitante chega a Prudentópolis, a presença de elementos étnicos ucranianos é perceptível imediatamente”.



Imagem da cidade de Prudentópolis - PR²²

Como se vê na imagem, Prudentópolis, além de apresentar elementos étnicos ucranianos, também é um município planejado e isso se deve ao trabalho técnico do Instituto de Imigração e Colonização.

O município foi totalmente planejado, ou melhor, metricamente dividido, tanto no setor urbano, quanto no rural; vê-se hoje, por exemplo, que as principais ruas da sede urbana são retas, largas e, também, que muitas das quadras urbanas são geometricamente definidas (OGLIARI, 1999, p. 74).

Um aspecto fundamental da cultura ucraniana, assim como da cultura polonesa, é a religiosidade. Segundo Seniuk e Skavronski (2014, p. 88), “a religiosidade foi um elemento fundamental de sobrevivência da etnia ucraniana em Prudentópolis”. Dessa forma, os ritos católico-ortodoxos são mantidos até os dias de hoje nas comunidades ucranianas. Na fala de nossos informantes, essa religiosidade é bastante notável, já que a grande maioria relatou ir à igreja frequentemente e também realizar as rezas em casa.

²² Disponível em: <http://www.redesuldenoticias.com.br/home.asp?id=41413>

A religiosidade foi uma prática importante para manter a cultura ucraniana, até porque

a língua e os costumes se mantiveram através dela e a devoção contribuiu para que muitos não abandonassem o Brasil e voltassem para a Ucrânia devido às mesmas dificuldades extremas encontradas lá. Ela contribuiu para manter as identidades de seus representantes, mesmo nos anos de ausência sacerdotal (SENIUK e SKAVRONSKI, 2014, p. 88).

Com isso, a cultura ucraniana passou a fazer parte do cenário de Prudentópolis e continua viva nas práticas desses descendentes. Nas entrevistas, celebrações cristãs como, por exemplo, páscoa e natal, são bastante mencionadas e, nos casamentos, o conhecido *korovai* (um pão doce tradicional com o qual se realiza uma dança típica) continua sendo feito.

Sendo assim, os imigrantes habituaram-se ao Brasil e fizeram desse país sua segunda pátria. “A presença do imigrante ucraniano e de seus descendentes com suas práticas econômicas, políticas e culturais, refletem até os dias de hoje, pois enquanto estes ‘novos brasileiros’ se estabeleciam e se desenvolviam, o país acompanhava-lhes crescendo junto” (SENIUK e SKAVRONSKI, 2014, p. 89).

Essa preservação cultural, principalmente no que diz respeito à preservação da língua materna, foi o que nos levou a escolher essas duas localidades (Mallet e Prudentópolis) como nossas comunidades de fala a fim de observar como esses descendentes fazem uso das preposições *para* e *em* como introdutoras do complemento locativo do verbo *ir de movimento*.

É visto que analisar a fala é um estudo bastante cuidadoso e trabalhoso, já que, conforme Labov (2008 [1972]), existem vários obstáculos a serem enfrentados pelo pesquisador desta área como, por exemplo, a agramaticalidade da fala, as variações, as dificuldades para coletar os dados por meio de gravações etc. Nesse contexto, Labov (2008 [1972], p. 224) insere: “uma vez que se tem feito considerável progresso no estudo abstrato da *langue*, e dadas tais dificuldades de trabalho num contexto natural, não surpreende que a linguística tenha se afastado decididamente da comunidade de fala”. No entanto, o autor afirma que, no estudo abstrato da língua, também há dificuldades.

De acordo com Mollica (2013, p. 117),

Ao escolher seu objeto de observação, o sociolinguista poderá deter-se em algumas famílias, ou em um grupo de indivíduos em relação mais ou menos estreita ou ainda em uma comunidade maior. Não se pode dizer que uma dessas abordagens seja melhor ou pior do que as outras [...] Qualquer que seja a decisão tomada, é necessário penetrar-se na comunidade para observar como esta usa a língua.

Ainda, segundo Labov (2008 [1972], p. 188), “uma comunidade de fala não pode ser concebida como um grupo que compartilha as mesmas formas; ela é mais bem definida como um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua”.

Sendo assim, a partir da observação da língua portuguesa nas comunidades de fala localizadas em Mallet e Prudentópolis, dirigimos o nosso estudo para a análise da variação das preposições *para* e *em*.

6 METODOLOGIA

Observando que, segundo Labov (2008 [1972], p. 242), “em todo empreendimento acadêmico que lide com pesquisa na comunidade de fala, existe sempre muito interesse quanto aos primeiros passos a dar”, reservamos este capítulo para descrevermos a amostra selecionada, bem como os procedimentos adotados para chegarmos aos resultados do fenômeno investigado. Ainda, apoiamo-nos nos parâmetros de procedimentos metodológicos da dissertação de Wiedemer (2008) como norte para a descrição de nossa metodologia.

6.1 Detalhamento da amostra

Para a análise do *corpus*, acessamos o VARLINFE - Variação Linguística de Fala Eslava – um banco de dados vinculado ao Núcleo de Estudos Eslavos da UNICENTRO (NEES) feito por pesquisadores da Unicentro (Universidade Estadual do Centro-Oeste) – *campus* de Irati – que visam analisar as variações linguísticas na oralidade de falantes de descendência eslava. Segundo Costa e Loregian-Penkal (2015, p. 101), “a entrevista, com duração mínima de 40 minutos, deveria versar sobre assuntos de interesse do entrevistado, de modo a levá-lo a falar o mais naturalmente possível”. De acordo com as autoras, a descendência eslava (polonesa e ucraniana) é um dos critérios básicos para o perfil do informante, nesse banco de dados. Os locais estudados são seis cidades do Estado do Paraná: Irati, Rebouças, Rio Azul, Ivaí, Mallet e Prudentópolis. Entre essas cidades, optamos por informantes dos municípios de Mallet, onde a história da cidade e a chegada dos imigrantes eslavos poloneses são inseparáveis e Prudentópolis, município que contém a maior concentração de ucranianos no Brasil, segundo Seniuk e Skavronski (2014).

Conforme Costa e Loregian-Penkal (2015, p. 107),

a constituição do banco de dados VARLINFE tem um papel vital no conhecimento da fala do Sul do Paraná, pois possibilitará futuras pesquisas acerca das contribuições e influências da etnia eslava no português falado nessa região e do português brasileiro fora dos grandes centros econômicos urbanos.

Também é importante ressaltar que os informantes do VARLINFE são rurais e que, em Prudentópolis, todos os informantes são bilíngues e, em Mallet, apenas uma informante não fala polonês e outra não fala, porém, entende. Os demais informantes são todos bilíngues e até trilingües (falam português, polonês e ucraniano). Ainda, vale observar que o polonês e o ucraniano falado por esses descendentes não são, exatamente, as mesmas línguas polonesa e ucraniana faladas na Europa, visto essas línguas terem chegado ao Brasil há mais de cem anos

e, a maioria dos imigrantes era analfabeta e falava dialetos das aldeias. Além disso, essas línguas sofreram influência da língua portuguesa, o que particulariza ainda mais a forma de falar desses descendentes.

Para realizar a pesquisa, selecionamos 48 entrevistas, de informantes de descendência eslava, 24 de Mallet e 24 de Prudentópolis, a fim de examinar como esses falantes fazem uso das preposições *para* e *em* como introdutoras do complemento locativo do verbo *ir de movimento* na oralidade e analisar, além dos fatores internos, se suas línguas maternas (polonês e ucraniano) podem, de alguma forma, interferir nas escolhas e na variação dessas preposições. Destacamos, novamente, que a preposição *a* não foi considerada em nossa análise pelo fato de esta ocorrer - nos dados de Mallet e Prudentópolis - somente três vezes, um número de ocorrências muito baixo para ser analisado.

Os 24 informantes de cada município (Mallet e Prudentópolis) foram organizados em duas faixas etárias (25 – 49 e 50 em diante), três níveis de escolaridade (fundamental I, fundamental II e Ensino Médio), sexo masculino e feminino e etnias polonesa, ucraniana e híbrida (descendência polonesa e ucraniana), de acordo com a estratificação do VARLINFÉ a fim de observar as variações linguísticas na língua portuguesa nas colônias de eslavos presentes nesses municípios. O quadro 08 mostra a distribuição dos informantes.

Quadro 08: Distribuição dos informantes de acordo com a estratificação do VARLINFÉ

MUNICÍPIOS	MALLET	PRUDENTÓPOLIS
Entrevistas	24	24
Faixa etária:		
25 a 49 anos	12	12
50 anos ou mais	12	12
Escolaridade:		
Fundamental I	08	08
Fundamental II	08	08
Ensino Médio	08	08
Sexo:		
Masculino	12	12
Feminino	12	12
Etnias:		
Ucraniana	04	19
Polonesa	18	
Híbrida	02	05

Conforme o quadro acima, é notável, nessa amostra, a predominância de informantes poloneses no município de Mallet e a predominância de informantes ucranianos no município

de Prudentópolis, sendo que nesse último, nas entrevistas selecionadas, não há informantes de descendência polonesa, apenas ucraniana e híbrida.

6.2 Levantamento de dados

O levantamento de dados para investigação do uso de nossa variável foi feita a partir da escuta e transcrição dos contextos de ocorrência das variantes *para/em* como introdutoras do complemento locativo do verbo *ir de movimento* na fala de descendentes de eslavos. De acordo com Coelho et.al (2015, p. 103), “a melhor forma de coletar *bons dados* – que reflitam de forma fidedigna e em boa qualidade sonora o vernáculo – é a gravação de entrevistas individuais”. Nessa perspectiva, depois de selecionadas as entrevistas do VARLINFE, formamos um arquivo constituído das ocorrências identificadas com as preposições *para* e *em*, especificamente no uso do verbo *ir de movimento*, na fala dos informantes, conforme os exemplos a seguir:

(6) *Depois que casei, daí mudou, né? Daí não fui mais pra roça.* (Ma4f1cP)²³.

(7) *Ainda me lembro, a gente ia na missa sem esse véu, não dava pra i comungá.* (Ma29f2pP).

Na intenção de selecionarmos um recorte mais específico para análise, optamos, assim como Mollica (1996) e Wiedemer (2008), por não considerar dados que apresentam o verbo *ir* usado como auxiliar, conforme o exemplo a seguir:

(8) *Eu ia ajudá meus pais na roça* (Ma12ficP).

Também não consideramos dados com o verbo *ir* sem o complemento locativo como em

(9) *Até o pai queria que estudasse em Mallet, mas optei por não i* (Ma17f1gP).

Nos dados considerados, foram feitos testes de alternância entre as variantes *para* e *em*, ou seja, nas sentenças foram testadas as duas preposições a fim de constatar se não

²³ Os códigos entre parênteses apontam os dados do informante, postos da seguinte forma: Ma/Pr = Mallet e Prudentópolis, o número na sequência corresponde ao número da entrevista, f/m = feminino e masculino, 1/2 = primeira e segunda faixa etária, p,g e c = primário, ginásio e colegial, U, P e H = etnias ucraniana, polonesa e híbrida.

haveria mudança na interpretação do sentido de deslocamento do verbo e concluímos que o uso tanto de uma como de outra não altera o sentido de movimento para um determinado locativo.

6.3 Codificação

Concluída a etapa do levantamento de dados, foi feito o processo de codificação conforme o número de variáveis linguísticas e extralinguísticas selecionadas para análise.

Partindo das hipóteses formuladas no início de nossa pesquisa e baseando-nos nos trabalhos de Mollica (1996), Wiedemer (2008) e Vieira (2009), elencamos as seguintes variáveis:

6.3.1 Variável dependente

Apresentamos, nesse trabalho, uma variável dependente binária. Diferente dos autores citados acima, nessa pesquisa, conforme já destacamos, não consideramos a preposição *a* como variante por essa ocorrer apenas três vezes no total de nossos dados.

Variante 1: para

Variante 2: em

Para:

(10) *I daí, eles vão **pra** escola, lá eles falam Português, têm vergonha* (Pr3f1cU).

Em:

(11) *Agora, a gente, as veiz, vai **na** casa dos pais* (Pr1f1gU).

6.3.2 Variáveis independentes

Para essa análise, propomos as seguintes variáveis linguísticas:

1) Pessoa do discurso: P1, P2, P3

Nessa variável, pretendemos analisar se a pessoa do discurso interfere no uso das preposições *para* e *em*, na fala dos descendentes de eslavo. Wiedemer (2008) considera separadamente as pessoas P1(eu, nós) e P4 (a gente), enquanto nós consideramos estas como a mesma pessoa²⁴. Nossa hipótese é de que, no uso de P1, há uma maior tendência para o uso

²⁴ Na análise de nossos resultados, no entanto, realizamos também uma rodada considerando P1 (eu, nós) e P4 (a gente) separadamente.

da preposição *em*, isso porque ao narrar um fato sobre si mesmo, o falante pode apresentar, com mais facilidade, a forma não-padrão, já que as entrevistas foram feitas em ambiente domiciliar e, como já posto, direcionadas sobre assuntos que levassem o falante a utilizar a língua de forma natural.

P1 (eu, nós, a gente):

(12) *Quando **nóis** vamos na escola, era, né, ali no Barão, já* (Pr4f1cU).

P2 (tu, você, vocês):

(13) *I, às veiz, tem alguma coisa pra contá, **você** vai lá na janela, conta* (Ma29f2pP).

P3 (ele, eles, ela, elas, SN sing. e pl.):

(14) *Porque **eles** vão nas comunidade rezá a missa e depois veio um outro padre e não foi mais* (Ma12f1cP).

2) Forma do sintagma nominal sujeito: pronome, sintagma nominal pleno e zero

Wiedemer (2008) propõe essa variável sob a hipótese de que as formas *a/para* ocorram com mais frequência perante o uso do sintagma nominal pleno e a forma *em* perante o uso de pronomes. Observando também nossos dados, levantamos a hipótese de que a preposição *para* aparece com mais frequência nos contextos que apresentam forma do sintagma nominal zero e *em* nos contextos com sintagma pronominal.

Pronome:

(15) *Eu, na minha época mesmo, **eu** fui **na** casa do meu marido* (Pr7f2gU).

Zero:

(16) *Saía de lá sábado cedinho, **Ø** ia **pra** escola ainda* (Pr21m2gU).

Sintagma nominal pleno²⁵:

(17) *A **terceira idade** daqui vai **pra** Dorizon* (Ma17f1gP).

3) Traço semântico: + habitual, - habitual

²⁵Conforme a classificação de Wiedemer (2008), considera-se sintagma nominal pleno nomes próprios e substantivos próprios e comuns.

Nessa variável, observamos a variação das preposições *para* e *em* nos contextos que sugerem uma atividade realizada com mais frequência (habitual) e outras com menos frequência (- habitual). Nossa hipótese é de que a preposição *para* é mais usada em contextos de menos habitualidade e a preposição *em* nos contextos de mais habitualidade. Wiedemer (2008) utiliza os termos *semelfactivo* e *iterativo* para indicar situações de singularidade e de múltipla ocorrência.

+ habitual:

(18) *No sábado de aleluia, nós já **vamo na missa da ressurreição*** (Pr3f1cU).

- habitual:

(19) *Eu fui pra São Paulo i tal. Conhece Aparecida, né?* (Pr15m1cU).

4) Configuração do N locativo: objeto, instituição, instituição personificada, evento, espaço geográfico e outros

Baseando-nos nos fatores elencados por Wiedemer (2008), nessa variável observaremos se há interferência da configuração do locativo no uso das variantes *para* e *em*. Nossa hipótese é de que nas ocorrências de *instituição personificada* e *evento* há uma maior tendência para o uso de *em*. Para *instituição personificada*, ressaltamos o sentido essivo (estado permanente) dessa preposição, conforme Wiedemer (2014) e para o fator *evento*, consideramos que esses locativos são abstratos, ou seja, não representam lugares concretos e, sendo assim, têm mais probabilidade de apresentarem essa preposição como complemento preposicional do verbo *ir de movimento*, na fala de descendentes de eslavos.

Objeto (lugares e objetos sem nome definido):

(20) *Falei: as minina vão pra **casa** i eu ficá?* (Ma28f1gP).

Instituição (lugares com nomes definidos):

(21) *Fui na **rodoviária**, peguei ônibus i vim pa cá* (Ma10m1cU).

Instituição personificada (personificação de lugar e de instituição):

(22) *[Meu avô] sofre de parkinson há uns par de ano, já. Fica se tratando. Vai no **neurologista** cada dois meses* (Pr14mi1gU).

Evento (acontecimentos):

(23) *Todo mundo vai na festa porque já aproveita a tarde dançante, né?* (Ma6m1pP).

Espaço sócio-geográfico (lugares com referência geográfica):

(24) *Eles iam pa Ponta Grossa trazê sal, açúcar, se tivesse açúcar...* (Pr12f2pU).

Outros (locativos de difícil classificação)

(25) *Eu ia pro magistério de chinelo havaiana, né?* (Ma12f1cP).

5) Concretude do complemento locativo: concreto, abstrato

Selecionamos esta variável, baseados nas particularidades das preposições *na* e *Ha*²⁶ das línguas polonesa e ucraniana, regendo o verbo *ir de movimento*. Sendo assim, nossa hipótese é de que, diante dos complementos locativos abstratos haja maior tendência para o uso de *em* como representante das preposições *na* e *Ha*.

Concreto (lugares que indicam qualquer espaço, em geral):

(26) *Só de ir pra Polônia, um dia, esse é o meu sonho* (Ma4f1cP)²⁷.

Abstrato (complementos locativos que indicam um evento ou uma instituição personificada):

(27) *Cada domingo eu vô na missa* (Ma4f1cP).

6) Configuração do espaço: +fechado, -fechado

Mollica (1996), Wiedemer (2008) e Vieira (2009) apresentam essa variável em seus trabalhos e concluem que há mais uso da preposição *em* diante de complementos mais fechados e mais uso da preposição *para* diante de complementos menos fechados. Nessa variável, pretendemos analisar se, na fala de descendentes eslavos, essa característica também se confirma.

+fechado:

²⁶ O leitor poderá conferir essas particularidades no capítulo 3 deste trabalho, no subtítulo “As preposições *para* e *em* no Polonês e no Ucrâniano”.

²⁷ Os códigos entre parênteses apontam os dados do informante, postos da seguinte forma: Ma/Pr = Mallet e Prudentópolis, o número na sequência corresponde ao número da entrevista, f/m = feminino e masculino, 1/2 = primeira e segunda faixa etária, p, g e c = primário, ginásio e colegial, U,P e H = etnias ucraniana, polonesa e híbrida.

(28) *A gente ia na cozinha, lá eles faziam bastante tipo de comida* (Ma0m1gP).

- fechado:

(29) *E assim, quando a gente tá na terceira idade, imo sempre pras praia* (Ma5f2pP).

7) Aspecto frequência: + permanência, - permanência

Nessa variável, objetivamos analisar se, assim como no trabalho de Vieira (2009), a preposição *para* é mais usada em contextos que remetem ao sentido de mais permanência no local.

+ permanência:

(30) *Ele vendeu i foi lá pra Pitanga* (Pr23m2pU).

- permanência:

(31) *Nós fomo lá no interior, mas muito poquinho* (Pr23m2pU).

8) Distância entre o verbo e a preposição: presença de elemento intermediário e ausência de elemento intermediário

Considerando que, em nossos dados, há muitas ocorrências com elementos intermediários entre o verbo e a preposição e baseando-nos na variável elencada por Vieira (2009), essa variável foi selecionada no intento de observar se o (s) elemento (s) posto entre o verbo e a preposição favorece o uso de *para* ou *em*. Nossa hipótese é de que o elemento entre o verbo e a preposição favorece o uso de *em*.

Presença de elemento:

(32) *Porque já tem muita gente que vai lá na missa* (Ma2m2cH).

Ausência de elemento:

(33) *Assim, vai na igreja, né, que tem casamento marcado a que hora, vão jantá, tem uma dança, né?* (Ma25m1cP).

9) Tempo/modo verbal: presente, pretérito perfeito, pretérito imperfeito, infinitivo e gerúndio

Considerando os tempos e modos verbais, nessa variável buscamos analisar se há alguma interferência no uso das preposições *para* e *em*, assim como no trabalho de Wiedemer (2008). Para análise dessa variável, propomos a hipótese de que, no tempo presente, a preposição mais privilegiada é *para*, enquanto *em* é mais usada em contextos que se dirigem a tempos passados.

Presente:

(34) *Primera coisa, cê vai pra missa, depois pode passia no vizinho* (Pr21m2gU).

Pretérito perfeito:

(35) *Eu sofri bastante do começo, quando fui pra escola* (Ma15f2cP).

Pretérito imperfeito:

(36) *Ia nos bailes, assim, aniversários não faziam, antigamente, não é que nem agora* (Ma5f2pP).

Infinitivo:

(37) *Mas, ali é perto pra i pra igreja* (Ma23m1gP).

Outros:

(38) *Depois, arrumei um emprego em Irati. Se tivesse ido pra União, podia ter estudado a faculdade* (Ma22m1cU).

Variáveis sociais

10) Idade

Os fatores considerados nessa variável contemplam apenas pessoas adultas, conforme a estratificação do VARLINFE.

Nossa hipótese é de que os falantes da segunda faixa etária tendem mais ao uso da preposição *em*, enquanto, na fala dos informantes mais jovens predomina o uso de *para*, já que os jovens, atualmente, têm mais acesso aos meios de comunicação, maior contato com outros grupos e, com isso, mais contato com a forma padrão.

25 a 49 anos

50 anos ou mais**11) Sexo**

A hipótese que apresentamos para essa variável é de que as mulheres fazem mais uso da preposição *em* do que os informantes do sexo masculino que, de antemão, apresentam mais tendência ao uso da preposição *para*. Isso porque, segundo Vieira (2010, p. 02), em seu estudo sobre a interferência do gênero feminino nas variações da fala, conclui que “na maior parte das mudanças linguísticas em curso, as mulheres são as que mais utilizam as formas inovadoras”.

MasculinoFeminino**12) Escolaridade**

Observando que os informantes com mais tempo de escolaridade tiveram mais conhecimento da língua portuguesa, levantamos a hipótese de que os informantes com menos tempo de escolaridade tendem mais ao uso da preposição *em* por estarem mais familiarizados com a língua informal.

Fundamental I: 01 a 04 anos de escolaridadeFundamental II: 05 a 08 anos de escolaridadeEnsino Médio: 09 a 11 anos de escolaridade**13) Etnia**

A etnia eslava é um dos fatores externos mais importantes nesse trabalho, já que pretendemos analisar se propriedades das línguas maternas desses descendentes podem influenciar no uso das variantes *para* e *em* na língua portuguesa.

PolonesaUcranianaHíbrida**14) Localidade**

Analisando os dados de cada uma das localidades, observaremos em qual das duas há mais propensão para o uso de *para* ou *em*, considerando as predominâncias polonesas e ucranianas em cada um dos municípios, ou se há uma proximidade nos resultados de ambas.

Mallet

Prudentópolis

O quadro 09 apresenta as variáveis linguísticas e sociais consideradas em nossa análise.

Quadro 09: Variáveis linguísticas e sociais elencadas para análise

VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS	VARIÁVEIS SOCIAIS
<p>1) Pessoa do discurso: <i>P1, P2 e P3</i></p> <p>2) Forma do sintagma nominal: <i>pronome, sintagma nominal pleno e zero</i></p> <p>3) Traço semântico: <i>+ habitual, - habitual</i></p> <p>4) Configuração do N locativo: <i>lugar objeto, lugar instituição, lugar/instituição personificada, lugar/evento, lugar/espço sócio-geográfico e outros</i></p> <p>5) Concretude do complemento locativo: <i>concreto, abstrato</i></p> <p>6) Configuração do espaço: <i>mais fechado, menos fechado</i></p> <p>7) Aspecto frequência: <i>mais permanência, menos permanência</i></p> <p>8) Distância entre o verbo e a preposição: <i>presença de elemento intermediário e ausência de elemento intermediário</i></p> <p>9) Tempo/modo verbal: <i>presente, pretérito perfeito, pretérito imperfeito, infinitivo, gerúndio e outros</i></p>	<p>10) Idade: <i>25 a 49, mais de 50</i></p> <p>11) Sexo: <i>masculino e feminino</i></p> <p>12) Escolaridade: <i>fundamental I, fundamental II e ensino médio</i></p> <p>13) Etnia: <i>polonesa, ucraniana e híbrida</i></p> <p>14) Localidade: <i>Mallet e Prudentópolis</i></p>

O quadro 09 mostra as 14 variáveis elencadas para a análise das preposições *para* e *em* como introdutoras do complemento locativo do verbo *ir de movimento*. Nessa análise, pretendemos estudar os resultados das variáveis, compará-los aos resultados dos trabalhos nos quais nos baseamos para a seleção dos fatores condicionantes e observar se esses fatores repetem-se condicionando essa variação na fala de descendentes de escravos.

6.4 Análise dos dados

Para a análise quantitativa multivariada dos dados, utilizamos o pacote de programas Varbrul (versão GoldvarbX) que fornece a frequência e os pesos relativos das variantes dependentes em cada uma das variáveis testadas. Conforme Guy e Zilles (2007, p. 107), “o Varbrul contribui para a construção de um modelo matemático dos dados – de fato, é desenhado para isso”.

Para obtermos os resultados, foram feitas várias rodas binárias, seguindo a aplicação *para vs em*.

Primeiramente, foi feita uma rodada incluindo as 15 variáveis elencadas para a análise dos dados levantados. Na sequência, realizamos outra rodada, retirando a variável *aspecto frequência*, a fim de observar se outras variáveis seriam selecionadas e se haveria mudanças significativas nos resultados, o que não foi confirmado, já que os resultados, praticamente, repetiram-se, como mostraremos adiante.

Em seguida, foi realizada outra rodada, excluindo a variável *configuração do N locativo*, a fim de observar se a variável *concretude do complemento locativo*, não selecionada na primeira rodada, e para a qual pretendemos dar um maior destaque pelo fato de testarmos se há interferência de características das línguas eslavas atuando sobre a língua portuguesa na escolha das preposições *para* e *em*, seria significativa para os nossos resultados, o que foi confirmado. Na sequência, realizamos mais uma rodada, retirando a *concretude do complemento locativo*.

Também foram realizadas rodadas por localidade, seguindo, praticamente, a mesma ordem das rodadas com todos os dados (Mallet e Prudentópolis conjuntamente) a fim de observarmos se há mudanças significativas nos resultados quando as localidades de Mallet e Prudentópolis são analisadas separadamente.

No capítulo seguinte, apresentaremos os resultados das variáveis selecionadas, conforme a ordem de seleção fornecida pelo programa.

7 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Discorreremos, neste capítulo, sobre os resultados dos usos das preposições e das variáveis selecionadas pelo programa. A princípio, apresentamos os resultados gerais dos dados, com as variáveis selecionadas pelo programa estatístico GoldvarbX.

Na análise geral dos dados, obtivemos um total de 433 ocorrências das preposições *para* e *em*, com 258 ocorrências de *para* (59,6%) e 175 de *em* (40,4%). Conforme já destacamos, a preposição *a* não será considerada nesta análise, pois obtivemos somente três ocorrências dessa preposição em nossos dados.

Primeiramente, realizamos rodadas analisando, conjuntamente, os dados de Mallet e Prudentópolis e, a seguir, foram feitas rodadas, considerando cada uma das localidades.

7.1 Rodadas realizadas com todos os dados

Nesta análise geral, considerando os dados de Mallet e Prudentópolis conjuntamente, realizamos diversas rodadas. Na primeira, controlamos todas as variáveis descritas no capítulo 6: *pessoa do discurso, forma do sintagma nominal sujeito, traço semântico, configuração do N locativo, concretude do complemento locativo, configuração do espaço, aspecto/frequência, distância entre o verbo e a preposição, tempo/modo verbal, idade, sexo, escolaridade, etnia e localidade*.

A seguir, realizamos uma rodada retirando a variável *aspecto frequência* a fim de observar se os resultados mudariam em relação a outras variáveis como, por exemplo, *traço semântico* ou apresentariam outras variáveis não selecionadas anteriormente. Na sequência, foi feita outra rodada, retirando, desta vez, a variável *configuração do N locativo*, que foi a primeira selecionada, nas duas primeiras rodadas, para examinar se haveria uma possível sobreposição de fatores entre esta variável e *concretude do complemento locativo*. Ainda, realizamos uma rodada retirando a variável *concretude do complemento locativo* a fim de verificar se haveria mudanças significativas nas implicações obtidas. Adiante, apresentamos os resultados e as discussões dessas rodadas.

7.1.1 Variáveis selecionadas na rodada geral

Nesta primeira rodada, com todos os grupos de fatores, foram selecionadas, por ordem de significância, pelo GoldvarbX, as seguintes variáveis: 1. *Configuração do N locativo*; 2. *Aspecto/frequência*; 3. *Distância entre o verbo e a preposição*; 4. *Traço*

semântico; 5. *Tempo/modo verbal*; 6. *Pessoa do discurso*. Os resultados são apresentados na tabela 08.

Tabela 08: Variáveis selecionadas na primeira rodada: resultados gerais

VARIÁVEIS	PARA			EM		
	Aplic./total	Freq.	P.R.	Aplic./total	Freq.	P.R.
Configuração do N locativo						
Espaço sócio-geográfico	150/180	83%	0,76	30/180	17%	0,24
Instituição	70/101	69%	0,60	31/101	31%	0,40
Evento	29/88	33%	0,28	59/88	67%	0,72
Instituição personificada	1/16	6%	0,06	15/16	94%	0,94
Objeto	5/42	12%	0,05	37/42	88%	0,95
Aspecto/frequência						
[+permanência]	104/120	87%	0,78	16/120	13%	0,22
[-permanência]	154/313	49%	0,37	159/313	51%	0,63
Distância entre o verbo e a preposição						
Ausência de elemento	212/340	62,5%	0,54	128/340	37,5%	0,46
Presença de elemento	46/93	49,5%	0,34	47/93	50,5%	0,66
Traço semântico						
[+habitual]	142/261	54,4%	0,60	119/261	45,6%	0,40
[-habitual]	116/172	67,4%	0,34	56/172	32,6%	0,66
Tempo/modo verbal						
Infinitivo	28/41	68%	0,62	13/41	32%	0,38
Pret. imperfeito	65/111	58,6%	0,59	46/111	41,4%	0,41
Pret. perfeito	88/122	72%	0,58	34/122	28%	0,42
Outros	10/13	77%	0,43	3/13	23%	0,57
Presente	67/146	46%	0,33	79/146	54%	0,67
Pessoa do discurso						
P3	101/144	70%	0,64	43/144	30%	0,36
P2	7/13	54%	0,49	6/13	46%	0,51
P1	150/276	54,3%	0,42	126/276	45,7%	0,58
Total	258/433	59,6%		175/433	40,4%	
Aplicação: <i>para</i> <i>Input</i> : 0,63 <i>Sig.</i> : 0,008						

Conforme posto na tabela 08, primeiramente, foram selecionadas 06 variáveis, das 14 elencadas para análise. A tabela apresenta essas variáveis e seus respectivos resultados conforme a ordem de seleção dada pelo programa. Podemos observar que as variáveis *forma do sintagma nominal sujeito*, *concretude do complemento locativo* e *configuração do espaço* não foram selecionadas nesta rodada e verificamos também que todas as variáveis selecionadas pelo programa estatístico são linguísticas, ou seja, nenhuma das variáveis sociais foi considerada significativa na análise conjunta dos dados.

Os resultados também mostraram que há um maior uso da preposição *para* na fala dos informantes, pois obtivemos um *input* de 0,63 para essa preposição.

Na sequência, apresentaremos cada uma das variáveis, isoladamente, a fim de analisarmos os resultados, confirmarmos ou não as hipóteses iniciais, bem como compararmos nossos resultados com os de Mollica (1996), Wiedemer (2008) e Vieira (2009).

7.1.1.1 Configuração do N locativo

A variável *configuração do N locativo* foi a primeira selecionada, ou seja, a variável mais significativa nesta rodada. Para esta variável, tínhamos a hipótese inicial de que a preposição *em* seria mais usada diante dos fatores *instituição personificada* e *evento*. De acordo com os resultados, essa hipótese foi confirmada, pois, nos dados analisados há uma tendência muito maior para o uso de *em* nos dois contextos em destaque do que para o uso de *para*. No entanto, a preposição *para* predominou diante dos locativos que indicam *espaço sócio-geográfico* e também foi mais usada ante os locativos que remetem a *instituição*.

A tabela 09 mostra os resultados estatísticos desta variável.

Tabela 09: Resultados da aplicação *para* vs *em* na variável *configuração do N locativo*

<i>Configuração do N locativo</i>	PARA			EM		
	Aplic./total	Freq.	P.R.	Aplic./total	Freq.	P.R.
Espaço sócio-geográfico	150/180	83%	0,76	30/180	17%	0,24
Instituição	70/101	69%	0,60	31/101	31%	0,40
Evento	28/88	33%	0,28	59/88	67%	0,72
Instituição personificada	1/16	6%	0,06	15/16	94%	0,94
Objeto	5/42	12%	0,05	37/42	88%	0,95

Além de confirmarem nossa hipótese inicial, conforme a tendência para a preposição *em* diante dos fatores *evento* e *instituição personificada* (0,72 e 0,94, respectivamente), podemos observar que, no caso de ocorrência de *instituição personificada*, das 16 ocorrências, a preposição *para* foi usada em apenas uma, dando quase que uma totalidade de ocorrências com a preposição *em*, o que ocorre de forma parecida nos locativos que indicam *objeto* (0,95).

Os exemplos a seguir mostram estas ocorrências na fala dos informantes.

(39) *É, vai **na missa**. Os jovens não têm o que fazê...*(Ma12f1cP) [evento]

(40) *Eu saio, mais não muito, porque sempre cheio de visita. Às vez, vô **na mãe**.* (Pr1f1gU)
[instituição personificada]

(41) *Não, eu ia **na sala** pra observá...* (Ma15f2cP) [objeto]

Em vista das preposições *para* e *em*, comparado aos resultados de Wiedemer (2008), os resultados se parecem quanto à tendência para o uso de *em* diante de *objeto* e *instituição personificada*.

Em relação ao uso de *para*, em nossos dados, o uso dessa preposição predominou ante *espaço sócio-geográfico* (0,76) e *instituição* (0,60), resultados que também se assemelham aos obtidos por Wiedemer (2008), conforme ilustram os próximos exemplos.

(42) *Quando vai pra cidade que então conversa mais em português...* (Pr5f1pU) [espaço sócio-geográfico]

(43) *Porque o filho tá na escola. Ele vai direto da escola pra faculdade.* (Pr10f2cH) [instituição]

Embora nossos resultados apresentem semelhanças com os de Wiedemer, diferenciam-se, em nosso trabalho, as tendências no uso de *em* diante de locativos que indicam *evento*, que, no trabalho desse autor, favoreceu a preposição *a* e no nosso favoreceu a preposição *em*, como já ilustrado no exemplo (40). Esta diferença mostra que os fatores que condicionam a variação linguística nem sempre são os mesmos, pois cada comunidade de fala apresenta determinadas particularidades que podem influenciar no uso de uma ou outra das variantes. No caso dos descendentes de eslavos, esta escolha pela preposição *em* diante de locativos que indicam *evento* pode ser investigada a partir da mesma perspectiva linguística da influência de suas línguas maternas na fala do Português, já que os complementos locativos com sentido de *evento* podem ser entendidos como lugares abstratos, como um acontecimento ou lugar indefinido e, por isso, pode haver uma preferência pela mudança da preposição que relativiza o verbo *ir de movimento* ao complemento locativo²⁸.

7.1.1.2 Aspecto/frequência

Para esta variável, inicialmente, lançamos a hipótese de que a preposição *para* seria mais favorecida nos contextos que indicassem *mais permanência*. Olhando para os resultados, verificamos que essa hipótese foi confirmada, já que a preposição *para* é mais usada nos

²⁸ Conforme as explicações sobre as preposições *Na* e *Há*, nas línguas eslavas, postas no capítulo 03.

contextos de *mais permanência*, enquanto a preposição *em* é mais favorecida nos contextos de *menos permanência*.

A tabela 10 mostra os resultados obtidos na análise dessa variável.

Tabela 10: Resultado da aplicação *para* vs *em* na variável *aspecto/frequência*

<i>Aspecto frequência</i>	PARA			EM		
	Aplic./total	Freq.	P.R.	Aplic./total	Freq.	P.R.
[+permanência]	104/120	87%	0,78	16/120	13%	0,22
[-permanência]	154/313	49%	0,37	159/313	51%	0,63

É notável a predominância de *para* (0,78) sobre *em* (0,22) nos contextos de *mais permanência*, assim como nos resultados de Vieira (2009), e a predominância da preposição *em* nos contextos de *menos permanência* (0,63). Nos exemplos (44) e (45) é perceptível a variação destas preposições nos contextos desta variável.

(44) *Ela já falô que acaba istudo aqui em Rio Claro, daí ela vai pra Mallet, em alguma parte, daí acha serviço, vai pra cidade...* (Ma14f1pP) [+permanência]

(45) *Mais minhas irmã i minhas cunhada, aqui de pertinho, que vem em casa todo dia ou eu vô na casa delas.* (Ma11f2cP) [-permanência]

Esta tendência ao uso de *em*, nos contextos de *menos permanência*, pode ser justificada pela explicação gramatical desta proposição indicar lugar “onde” e, sendo assim, na língua portuguesa, indica menos ideia de movimento e deslocamento do que *para*. Por isso, nas sentenças, que podem ter um sentido de mais deslocamento de um lugar para outro, *para* se sobressai a *em* na fala dos informantes.

7.1.1.3 Distância entre o verbo e a preposição

Nesta variável estudamos a variação das preposições *em* e *para* diante do distanciamento entre o verbo e a preposição regente.

A hipótese que, inicialmente, postulamos para esta variável era de que, nos casos de *presença de elemento* entre o verbo e a preposição, a preposição que tenderia mais a reger o verbo *ir de movimento* seria *em*. Olhando para os nossos resultados, essa hipótese foi confirmada, pois, a preposição *em*, na fala desses informantes, predomina quando há *presença*

de elemento entre o verbo e a preposição, já a preposição *para* aparece mais nos dados em que não há presença de elemento entre o verbo e a preposição.

A tabela 11 apresenta os resultados obtidos nesta variável.

Tabela 11: Resultado da aplicação *para* vs *em* na variável *distância entre o verbo e a preposição*

<i>Distância entre o verbo e a preposição</i>	PARA			EM		
	Aplic./total	Freq.	P.R.	Aplic./total	Freq.	P.R.
Ausência de elemento	212/340	62,5%	0,54	128/340	37,5%	0,46
Presença de elemento	46/93	49,5%	0,34	47/93	50,5%	0,66

Não podemos comparar nossos resultados com os de Vieira (2009) pelo motivo desta variável não ter sido selecionada nos seus resultados. Diferente da nossa análise em que esta variável foi a terceira selecionada, na primeira rodada.

Os números da tabela 11 comprovam que, quando há *presença de elemento* entre o verbo e a preposição, a preposição *em* é mais favorecida (0,66), enquanto que *para* predomina quando há *ausência de elemento* (0,54), como mostram os exemplos (46) e (47).

(46) *No otro ano, já, nós **fomo lá no** otro tio.* (Ma5f2pP) [presença de elemento]

(47) *Cada quinta-feira i cada sexta nós **vamos pra** igreja, porque quinta-feira tem a via sacra i sexta-feira tem a hora santa.* (Pr4f1cU) [ausência de elemento]

É importante ressaltar que, em nossos dados, há exemplos de ocorrências com mais de um elemento entre o verbo e a preposição, como mostra o exemplo (48) e, da mesma forma, há mais uso de *em*, nesses casos.

(48) *Eu fui co meu marido lá na firma...* (Pr6f1pU)

Sendo assim, podemos observar que, possivelmente, na fala de descendentes de escravos, a preposição *para* é mais favorecida nos contextos em que não há elemento entre a preposição e o complemento locativo.

7.1.1.4 Traço semântico

Nesta variável, nosso intento é observar como as preposições *para* e *em* são usadas, regendo o verbo *ir de movimento* diante de contextos de mais e de menos habitualidade. Como hipótese inicial, propomos que *em* tenderia a aparecer com mais frequência nos contextos mais habituais e *para* nos contextos menos habituais. Essa hipótese não foi confirmada nos resultados estatísticos, pois houve maior propensão ao uso da preposição *para* nos contextos de mais habitualidade e maior uso de *em* nos contextos de menos habitualidade. Portanto, a hipótese inicial foi refutada diante dos resultados.

A tabela 12 apresenta os resultados dessa variável.

Tabela 12: Resultado da aplicação *para* vs *em* na variável traço semântico

<i>Traço semântico</i>	PARA			EM		
	Aplic./total	Freq.	P.R.	Aplic./total	Freq.	P.R.
[+habitual]	142/261	54,4%	0,60	119/261	45,6%	0,40
[-habitual]	116/172	67,4%	0,34	56/172	32,6%	0,66

Os números apontam o favorecimento ao uso da preposição *para* diante de contextos *mais habituais* (0,60) e maior favorecimento da preposição *em* diante dos contextos de *menos habitualidade* (0,66). Os exemplos (49) e (50) ilustram esses resultados.

(49) A mãe **ia pra roça**, dexava a gente pra cuidá do outro irmão mais novo, sabe?
(Ma31f2gU) [+habitual]

(50) Até, otro dia, **nós fomo na casa do tio do meu marido**, que ele mora em Concórdia...
(Pr10f2cH) [-habitual]

Embora, na aplicação total e na frequência, os resultados mostrem mais propensão à preposição *para* nos contextos *menos habituais*, observamos que, no cruzamento desta variável com a variável *aspecto/frequência*, os resultados foram alterados, afinal, o programa faz vários cálculos e relativiza os resultados de acordo com o número de dados levantados. Sendo assim, a preposição *em* foi selecionada como mais usada nos contextos de *menos habitualidade*.

7.1.1.5 Tempo/modo verbal

Considerando nossa hipótese de que, nos contextos que indicam tempo *presente*, a tendência seria de mais frequência à preposição *para* e, nos contextos que indicam tempo *passado*, haveria mais frequência da preposição *em*, essa hipótese, diante dos resultados, não se confirma, já que os contextos de tempo *passado* favoreceram a preposição *para*, enquanto o tempo *presente* favoreceu o uso de *em*.

Esses resultados são verificados na tabela 13.

Tabela 13: Resultado da aplicação *para* vs *em* na variável *tempo/modo verbal*

<i>Tempo/modo verbal</i>	PARA			EM		
	Aplic./total	Freq.	P.R.	Aplic./total	Freq.	P.R.
Infinitivo	28/41	68%	0,62	13/41	32%	0,38
Pret. imperfeito	65/111	58,6%	0,59	46/111	41,4%	0,41
Pret. perfeito	88/122	72%	0,58	34/122	28%	0,42
Outros	10/13	77%	0,43	3/13	23%	0,57
Presente	67/146	46%	0,33	79/146	54%	0,67

Comparado aos resultados de Wiedemer (2008), nesta variável, podemos observar que, conforme os resultados do autor, os nossos também mostraram que os tempos do *passado* (*pret. imperfeito* e *pret. perfeito*) favorecem o uso de *para* (0,59 e 0,58, respectivamente). No entanto, esperávamos, assim como Wiedemer (2008), que a preposição *em* aparecesse mais diante de verbos no passado, pelo fato de considerarmos que esses verbos estão mais ligados à narratividade, e esses discursos narrativos poderiam motivar o uso mais frequente da forma inovadora não padrão *em*, o que, como já posto, não foi confirmado em nossos dados, como mostram os exemplos a seguir.

(51) *O noivo pegava a noiva i daí iam pra casa dele.* (Pr23m2pU) [pret. imperfeito]

(52) *Fui já pro Pai Eterno, lá pra Trindade, Goiás. Daí, fui pra Aparecida. Já perdi a conta quantas veiz...* (Pr11f2pH) [pret. perfeito]

Já a preposição *em* é mais usada com verbos no tempo *presente* (0,67), resultando o contrário do que esperávamos e, também, predominou diante do fator *outros* (0,57), para o qual, de início, não tínhamos uma hipótese formulada.

Ainda notamos, em nossos dados, que os verbos no *infinitivo* favorecem a preposição *para* (0,62). Observando as aplicações e as frequências desta variante, percebemos que os números mostraram-se ainda mais pendentes ao uso de *para*.

Os exemplos que dispomos na sequência exibem a ocorrência destas variações, na fala dos informantes.

(53) *Depois que eu faço a limpeza, daí eu vô no quintal. E às vezes, fico um pouco com a neta.*

(Ma15f2cP) [presente]

(54) *Daí, não precisa tá indo nos mercado, né?* (Ma11f2cP) [outros]

(55) *Pra i pra cidade, aí já tem que não ter nada, né?* (Ma7m2pP) [infinitivo]

A análise desta variável mostra a importância de se considerar os tempos e modos verbais como condicionadores de variação no caso das preposições que regem o verbo *ir de movimento*. Os resultados abrem caminho para novas análises, com outros verbos de movimento, que podem ser comparados aos já concluídos.

7.1.1.6 Pessoa do discurso

Das variáveis selecionadas, na primeira rodada, esta foi a sexta e última selecionada. Inicialmente, propomos que, nesta variável, quando há uso da primeira pessoa do discurso (eu, nós, a gente), a preposição que mais rege o verbo *ir de movimento* é *em*. Olhando para os resultados, essa hipótese foi confirmada, já que o peso relativo de *em*, nos contextos com a primeira pessoa do discurso, foi maior do que o peso relativo de *para*. O único fator que favoreceu o uso de *para* foi a terceira pessoa do discurso (P3) e há uma disputa entre *para* e *em* nos contextos com a segunda pessoa do discurso (P2).

Os resultados na tabela 14 evidenciam as tendências de *em* e *para*, nesta variável.

Tabela 14: Resultado da aplicação *para* vs *em* na variável *pessoa do discurso*

<i>Pessoa do discurso</i>	PARA			EM		
	Aplic./total	Freq.	P.R.	Aplic./total	Freq.	P.R.
P3	101/144	70%	0,64	43/144	30%	0,36
P2	7/13	54%	0,49	6/13	46%	0,51
P1	150/276	54,3%	0,42	126/276	45,7%	0,58

Como podemos observar, a terceira pessoa do discurso (*P3*) favoreceu mais o uso de *para* (0,64) do que *em* (0,36), assim como nos resultados de Wiedemer (2008) em que também há um maior uso de *para* nos contextos com *P3*. Com *P1*, a preposição *em* é mais favorecida (0,58) e *P2* apresenta resultados próximos ao ponto neutro (0,49 e 0,51, respectivamente), demonstrando, assim, que há uma disputa entre *em* e *para* nesse contexto.

Em seguida, apresentamos exemplos a fim de elucidar ainda mais o uso destas variantes, em nossos dados.

(56) *Igual pro meu filho i pra Mato Grosso, porque podia tê mais emprego aqui em Prudentópolis.* (Pr10f2cH) [P3]

(57) *Sabe, nós fomo no Cristo. A senhora conhece o Cristo lá de União da Vitória?* (Ma5f2pP) [P1]

Como os resultados de *P2* ficaram próximos do ponto neutro, apresentamos um exemplo, com *para* e *em*, introduzindo o complemento locativo, na fala do mesmo informante, no intento de ilustrar a ocorrência dos dois casos na fala desses descendentes de escravos.

(58) *Não tem, às veiz, o que fazê, né? Você vai prum rio, coisa assim. Não é por pegá peixe, mais a gente passa o tempo, né? Que você vai na bera do rio, parece que muda as coisa.* (Pr16m1cH) [P2]

Para a análise desta variável, inicialmente, havíamos realizado uma rodada considerando os seguintes fatores: *P1* (eu, nós), *P2* (tu, você (s)), *P3* (ele(s), ela(s), SN) e *P4* (a gente), conforme realizado por Wiedemer (2008). Porém, considerando que *P1* (eu, nós) e *P4* (a gente) remetem a mesma pessoa do discurso, decidimos amalgamar esses fatores e realizar outra rodada, somente com *P1*, *P2* e *P3*, conforme os resultados apresentados na tabela 08.

Os resultados das rodadas foram, praticamente, os mesmos, tanto em relação à ordem de seleção das variáveis, quanto em relação aos pesos relativos atribuídos aos diferentes fatores. Somente a variável *pessoa do discurso* apresentou alterações nos resultados, conforme mostra a tabela 15.

Tabela 15: Comparação dos resultados da variável *pessoa do discurso* em rodadas *com e sem P4*²⁹

Pessoa do discurso	Rodada sem P4		Rodada com P4	
	PARA	EM	PARA	EM
	P.R.	P.R.	P.R.	P.R.
P3	0,64	0,36	0,63	0,37
P2	0,49	0,51	0,48	0,52
P1	0,42	0,58	0,44	0,56
P4			0,37	0,63
Aplicação: <i>para</i>	Input.: 0,63 Sig.: 0,008		Input: 0,63 Sig.: 0,014	

Com base nos resultados obtidos, notamos que não houve diferença significativa com a separação dos dois fatores (*P1* e *P4*), já que os pesos relativos relacionados aos fatores *P3* e *P2* permaneceram como na rodada anterior, sendo que *P3* foi mais favorável ao uso de *para* (0,63) e os números mostraram uma concorrência entre *em* e *para*, nos contextos com *P2*. Já *P1* e *P4* favoreceram o uso da preposição *em* (0,56 e 0,63, respectivamente), assim como na rodada com *P1* e *P4* amalgamados (0,58), aproximando-se, portanto, dos resultados obtidos anteriormente.

A seguir, com o objetivo de testarmos a influência de determinadas variáveis e uma possível sobreposição de fatores na análise de nossos dados, realizamos novas rodadas.

Primeiramente, para testarmos se a variável *aspecto/frequência* poderia estar influenciando nos resultados da variável *traço semântico*, realizamos uma rodada sem *aspecto/frequência*. Na sequência, considerando uma possível sobreposição de fatores entre as variáveis *configuração do N locativo* e *concretude do complemento locativo*, realizamos duas novas rodadas, uma retirando a variável *configuração do N locativo* e outra retirando a *concretude do complemento locativo*. Os resultados dessas rodadas são apresentados a seguir.

7.1.2 Variáveis selecionadas na rodada sem aspecto/frequência

Como esta variável foi selecionada em todas as rodadas, foi feita uma rodada retirando-a a fim de analisar se haveria mudanças significativas nos números e se outras variáveis, como *traço semântico*, por exemplo, poderiam apresentar alterações significativas. No entanto, nesta rodada, ao contrário do esperado, a variável *traço semântico* não foi selecionada, o que parece indicar a não interferência nos resultados de uma variável sobre a outra. Podemos observar as variáveis selecionadas nas duas rodadas no quadro 10.

²⁹Os resultados da rodada geral, considerando *P1*, *P2*, *P3* e *P4* podem ser observados na tabela 39, nos anexos.

Quadro 10: Variáveis selecionadas nas rodadas *com e sem aspecto/frequência*

Rodada com todas as variáveis	Rodada sem <i>aspecto/frequência</i>
1. Configuração do N locativo 2. Aspecto/frequência 3. Distância entre o verbo e a preposição 4. Traço semântico 5. Tempo/modo verbal 6. Pessoa do discurso Sig.: 0,008	1. Configuração do N locativo 2. Distância entre o verbo e a preposição 3. Tempo/modo verbal 4. Pessoa do discurso Sig.:0.007

O quadro 10 mostra que a retirada da variável *aspecto/frequência* da rodada ocasionou a não seleção pelo programa estatístico da variável *traço semântico*, ao contrário do que esperávamos, ou seja, com a retirada de *aspecto/frequência*, a variável *traço semântico* deixou de ser considerada significativa na análise das preposições *para/em*. Sendo assim, nossa suspeita de que uma variável poderia estar interferindo sobre a outra não obteve êxito.

Em relação às demais variáveis, a ordem de seleção e os resultados atribuídos aos diferentes fatores, ao que se vê no quadro 10, praticamente, não foram alterados³⁰.

7.1.3 Variáveis selecionadas na rodada sem a variável configuração do N locativo

Como já posto, nesta rodada, retiramos a variável *configuração do N locativo*, já que intentamos analisar se a variável *concretude do complemento locativo* seria selecionada, pois, na primeira rodada, observamos que, testando as duas variáveis juntas, ocasionava sobreposição de fatores.

A partir dos resultados obtidos, observamos que a variável *concretude do complemento locativo*, não selecionada na rodada com a variável *configuração do N locativo*, foi selecionada, nesta rodada. Sendo assim, tornou-se possível nosso estudo da interferência de características das línguas eslavas atuando sobre a escolha das preposições *para* e *em*, na fala de descendentes de eslavos. No quadro 11, apresentamos as variáveis selecionadas na primeira rodada, com a variável *configuração do N locativo*, e na rodada sem essa variável.

³⁰Os resultados da rodada sem a variável *aspecto/frequência* podem ser observados na tabela 40, nos anexos.

Quadro 11: Variáveis selecionadas nas rodadas *com e sem configuração do N locativo*

Rodada – com todas as variáveis	Rodada – sem <i>configuração do N locativo</i>
1. Configuração do N locativo 2. Aspecto/frequência 3. Distância entre o verbo e a prep. 4. Traço semântico 5. Tempo/modo verbal 6. Pessoa do discurso	1. Configuração do espaço 2. Concretude do compl. locativo 3. Aspecto/ Frequência 4. Traço semântico 5. Distância entre o verbo e a prep. 6. Forma do SN 7. Tempo/modo verbal
Aplicação: <i>para</i> <i>Input: 0,63 Sig.: 0,008</i>	Aplicação: <i>para</i> <i>Input: 0,63 Sig.: 0,035</i>

Podemos observar que quatro das variáveis foram selecionadas nas duas rodadas: *aspecto/frequência, distância entre o verbo e a preposição, traço semântico e tempo/modo verbal*. Já as variáveis *configuração do espaço e concretude do complemento locativo*, não selecionadas na primeira rodada, nesta, sem a *configuração do N locativo*, foram selecionadas como as variáveis mais significativas, em primeira e segunda posição, respectivamente. Também a variável *forma do sintagma nominal* foi selecionada nessa última rodada, substituindo, em 6.^a posição, a *pessoa do discurso*, não mais considerada significativa.

Em relação à significância, que corresponde à margem de erro da comparação realizada³¹, observamos que esta rodada, sem a variável *configuração do N locativo*, apresentou uma significância de 0,035, o que representa uma maior margem de erro comparado à rodada anterior, considerando esta variável (0,008).

Assim como nos resultados anteriores, dispomos de uma tabela com resultados gerais, na ordem de seleção do programa e, na sequência, apresentamos tabelas isoladas das variáveis cujos resultados não foram comentados na análise anterior, com todas as variáveis. Procuramos, ainda, comparar nossos resultados aos dos autores usados como referência.

³¹ O ideal é que a significância seja igual ou inferior a 0,050.

Tabela 16: Variáveis selecionadas na rodada sem configuração do N locativo

VARIÁVEIS	PARA			EM		
	Aplic./total	Freq.	P.R.	Aplic./total	Freq.	P.R.
Configuração do espaço						
[-fechado]	155/194	80%	0,70	39/194	20%	0,30
[+fechado]	103/239	43%	0,33	136/239	57%	0,67
Concretude do comp. locativo						
Concreto	225/323	70%	0,56	98/323	30%	0,44
Abstrato	33/110	30%	0,31	77/110	70%	0,69
Aspecto/frequência						
[+permanência]	104/120	87%	0,75	16/120	13%	0,25
[-permanência]	154/313	49%	0,39	159/313	51%	0,61
Traço semântico						
[+habitual]	142/261	54,4%	0,62	119/261	45,6%	0,38
[-habitual]	116/172	67,4%	0,32	56/172	32,6%	0,68
Distância verbo e preposição						
Ausência de elemento	212/340	62,4%	0,55	128/340	37,6%	0,45
Presença de elemento	46/93	49,5%	0,32	47/93	50,5%	0,68
Forma do sintagma nominal						
Zero	117/176	66,5%	0,57	59/176	33,5%	0,43
SN pleno	29/46	63%	0,57	17/46	37%	0,43
Pronome	112/211	53%	0,41	99/211	47%	0,59
Tempo/moço verbal						
Pret. perfeito	88/122	72%	0,59	34/122	28%	0,41
Infinitivo	28/41	68%	0,57	13/41	32%	0,43
Pret. imperfeito	65/111	58,6%	0,54	46/111	41,4%	0,46
Outros	10/13	77%	0,54	3/13	23%	0,46
Presente	67/146	46%	0,37	79/146	54%	0,63
Aplicação: <i>para</i> <i>Input: 0,63 Sig.: 0,035</i>						

Conforme já destacamos, das sete variáveis selecionadas, na segunda rodada, podemos notar que *aspecto frequência*, *traço semântico*, *distância entre o verbo e a preposição* e *tempo/moço verbal* foram novamente selecionadas. Já as variáveis *configuração do espaço*, *concretude do complemento locativo* e *forma do sintagma nominal*, que não haviam sido selecionadas, na primeira rodada, mostraram-se significativas, nesse segundo momento de análise.

A seguir, apresentamos os resultados das variáveis *configuração do espaço*, *concretude do complemento locativo* e *forma do sintagma nominal*, não selecionadas na primeira rodada. Os resultados das demais variáveis não serão retomados, pois são praticamente os mesmos dos apresentados na primeira rodada, conforme podemos observar na tabela 08.

7.1.3.1 Configuração do espaço

Diferente dos resultados da primeira rodada, esta variável apareceu como primeira selecionada, na rodada em que foi retirada a variável *configuração do N locativo*.

Nossa hipótese para esta variável era de que, nos contextos de espaço *mais fechado*, a tendência penderia mais para o uso de *em*, enquanto, nos contextos de espaço *mais aberto*, predominaria o uso de *para*. Isso porque, retomando Said Ali (1971) e outros autores, a preposição *em* está mais ligada ao sentido de interioridade. Castilho (2014, p. 606), em relação a esta preposição e às demais que indicam espaço interior, assinala que “estas preposições situam a figura no interior do espaço representado pelo ponto de referência”. E, segundo Wiedemer (2008, p.90), a preposição *em*, “além da noção de movimento quando acompanha o verbo *ir*, também conota o sentido ‘estar dentro’ associado ao traço [+fechado]”.

Nos resultados de Mollica (1996), Wiedemer (2008) e Vieira (2009), prevaleceu o uso de *em* nos contextos relacionados a espaços mais fechados. A tabela 17 mostra que nossos resultados assemelham-se aos dos autores citados.

Tabela 17: Aplicação de *para* vs *em* na variável *configuração do espaço*

<i>Configuração do espaço</i>	PARA			EM		
	Aplic./total	Freq.	P.R.	Aplic./total	Freq.	P.R.
[-fechado]	155/194	80%	0,70	39/194	20%	0,30
[+fechado]	103/239	43%	0,33	136/239	57%	0,67

Observando os números contidos nessa tabela, certificamo-nos de que nossa hipótese foi confirmada, pois a preposição *em*, como apresentam os resultados, foi mais usada diante de locativos *mais fechados* (0,67), enquanto *para* predominou nos contextos de espaços *menos fechados* (0,70), consonante aos resultados de Mollica (1996), Wiedemer (2008) e Vieira (2009). Os exemplos a seguir mostram essa variação em nossos dados.

(59) *Sim, fui pra São Paulo, fui pra Curitiba. Não é tão, tão longe assim...* (Ma10m1cU) [-fechado]

(60) *Não. Eu fui num colégio, internato lá...* (Pr19m1pU) [+fechado]

Os exemplos acima evidenciam a variação entre *em* e *para* nos contextos em que há ocorrência de locativos *menos fechados* e *mais fechados*. Podemos observar que os locativos “São Paulo” e “Curitiba” configuram-se como espaços abertos, ou seja, em que não há cobertura ou cercado, diferente dos locativos “colégio” e “internato” que se configuram como espaços fechados, ou seja, apresentam cobertura, paredes, cercado etc. As escolhas por *para* e *em* mostram a motivação da *configuração do espaço* na fala dos informantes.

7.1.3.2 Concretude do complemento locativo

De acordo com os estudos sobre as preposições *na* e *Ha*³², das línguas eslavas, nossa hipótese era de que, assim como no Polonês e no Ucrâniano, a preposição tendesse a mudar diante de complementos abstratos (baile, festa, missa, etc), ou seja, a preposição *para* seria mais usada diante de complementos concretos, enquanto *em* apareceria mais diante dos abstratos.

A tabela 18 mostra os resultados obtidos nesta variável.

Tabela 18: Aplicação de *para* vs *em* na variável *concretude do complemento locativo*

<i>Concretude do complemento locativo</i>	PARA			EM		
	Aplic./total	Freq.	P.R.	Aplic./total	Freq.	P.R.
Concreto	225/323	70%	0,56	98/323	30%	0,44
Abstrato	33/110	30%	0,31	77/110	70%	0,69

Segundo os números contidos na tabela, podemos observar que nossa hipótese foi confirmada, pois o uso de *em* diante de complementos de locativo abstratos é muito significativa (0,69), enquanto *para* é mais usado diante dos complementos concretos (0,56). Os exemplos (61) e (62) evidenciam essas ocorrências na fala dos informantes.

(61) *Até pra bênção da páscoa, eles iam **pra cidade** com a cesta de páscoa pra benzê.*
(Pr16m1cH) [concreto]

(62) *Não, a gente vai **na missa**, vai **numa festa**, se tivê.* (Ma29f2pP) [abstrato]

Sendo assim, esses resultados, bem como os exemplos, indicam uma possível interferência linguística das línguas eslavas condicionando essa variação na fala desses

³²A explicação mais detalhada dessas preposições encontra-se no capítulo 03 deste trabalho.

descendentes, visto que, dos 48 informantes, são muito poucos os que não conservam o Polonês ou o Ucraniano como primeira língua.

É notável que “cidade” é um locativo concreto e definido, enquanto “missa” e “festa” não se concretizam, objetivamente, como um lugar, mas sim, como um evento ou acontecimento, o que nos remete, novamente, à explicação de Niewiadomski sobre a mudança da preposição, nas línguas eslavas, diante de locativos abstratos. Dessa forma, os exemplos mostram essa possibilidade, como já posto, de interferência linguística eslava sobre a fala dos informantes dessa descendência.

7.1.3.3 Forma do sintagma nominal

Em relação a esta variável, a princípio, levantamos a hipótese de que, nos contextos em que não há ocorrência de sintagma nominal pleno e nem pronominal, a preposição mais favorecida seria *para*, enquanto, nos contextos em que há *sintagma pronominal*, haveria mais tendência para o uso de *em*. Embora nossa hipótese tenha se confirmado, os resultados mostraram que a preposição *para* também é mais usada nos contextos em que há ocorrência de *sintagma nominal pleno*, como veremos nos números da tabela a seguir.

Tabela 19: Aplicação de *para* vs *em* na variável *forma do sintagma nominal*

<i>Forma do sintagma nominal</i>	PARA			EM		
	Aplic./total	Freq.	P.R.	Aplic./total	Freq.	P.R.
Zero	117/176	66,5%	0,57	59/176	33,5%	0,43
SN pleno	29/46	63%	0,57	17/46	37%	0,43
Pronome	112/211	53%	0,41	99/211	47%	0,59

Os números da tabela 19 confirmam nossa hipótese, mostrando que, na ocorrência de sintagmas pronominais, há mais tendência para o uso de *em* (0,59) e, na ausência de sintagma nominal, a preposição mais favorecida é *para*. No entanto, podemos notar que, nos contextos de *sintagma nominal pleno*, a tendência ao uso de *para* igualou-se aos resultados de quando há *sintagma nominal zero* (0, 57 e 0,57, respectivamente), como ilustram os próximos exemplos.

(63) *Tipo, ali pra cima de São Paulo, Ø indo pra Rio de Janeiro, Aparecida, né?*
(Ma10m1cU) [zero]

(64) *Meu irmão foi lá pra Cambé, daí trouxe e pra cá.* (Ma29f2pP) [SN pleno]

(65) *I daí, eles iam numa casa que tinha uma fornaia bem grande.* (Pr8f2gH) [pronome]

Os exemplos evidenciam a preferência pela preposição *para* na ocorrência de *SN pleno* e também quando não há ocorrência de sintagma nominal (*zero*), bem como mostra a preferência por *em* nos contextos com *sintagma pronominal*. Sendo assim, nossos resultados assemelham-se aos de Wiedemer (2008), comprovando a interferência desses fatores na variação dessas preposições.

Esta rodada sem a variável *configuração do N locativo* obteve resultados importantes para nossa pesquisa, já que pudemos analisar os resultados da variável *concretude do complemento locativo*, variável esta muito relevante para nossos estudos sobre a possível interferência das características linguísticas eslavas na variação das preposições *para* e *em* na fala de descendentes de poloneses e ucranianos. Também pudemos analisar os resultados da variável *configuração do espaço*, relevante nos trabalhos de Mollica (1996), Wiedemer (2008) e Vieira (2009) e estabelecer comparações, o que, inicialmente, não foi possível, já que na rodada com todos os grupos de fatores, esta variável não havia sido selecionada e, no entanto, nesta, sem a *configuração do N locativo*, foi a primeira das sete selecionadas. E ainda pudemos analisar os resultados da variável *forma do sintagma nominal*, que também, na primeira rodada, o programa não selecionou. Sendo assim, com a retirada de *configuração do N locativo*, as variáveis *configuração do espaço*, *concretude do complemento locativo* e *forma do sintagma nominal sujeito* passaram a ser significativas, enquanto a variável *pessoa do discurso*, nesta rodada, não foi classificada.

A próxima rodada, da qual retiramos a variável *concretude do complemento locativo*, foi sugerida pela banca a fim de comparar os resultados com os da rodada anterior e analisar se haveria mudanças na seleção do programa. Os resultados desta rodada podem ser observados a seguir.

7.1.4 Variáveis selecionadas na rodada sem a variável concretude do complemento locativo

Esta rodada foi realizada sem a variável *concretude do complemento locativo* a fim de analisarmos se haveria mudanças nos resultados e se novas variáveis seriam selecionadas. No entanto, não houve diferenças significativas nos resultados, já que a variável *configuração do N locativo* continuou sendo a primeira selecionada e a variável *aspecto frequência* voltou a aparecer como em todas as demais rodadas em que foi controlada. Sendo assim, os resultados

dessa rodada foram exatamente os mesmos da rodada em que consideramos todas as variáveis. O quadro 12 mostra as variáveis selecionadas nas diferentes rodadas.

Quadro 12: Variáveis selecionadas nas rodadas com *todas as variáveis*, sem *configuração do N locativo* e sem *concretude do complemento locativo*

1.^a Rodada com todas as variáveis	2.^a Rodada sem <i>config. N locativo</i>	3.^a Rodada sem <i>concretude do complemento locativo</i>
1. Conf. do N locativo 2. Aspecto/frequência 3. Distância verbo e prep. 4. Traço semântico 5. Tempo/modo verbal 6. Pessoa do discurso	1. Configuração do espaço 2. Concretude compl. loc. 3. Aspecto/ Frequência 4. Traço semântico 5. Distância verbo e prep.. 6. Forma do SN 7. Tempo/modo verbal	1. Conf. do N locativo 2. Aspecto/frequência 3. Distância verbo e prep. 4. Traço semântico 5. Tempo/modo verbal 6. Pessoa do discurso
Sig.: 0,008	Sig.: 0,035	Sig.: 0,009

Como posto no quadro acima, podemos observar que a rodada com todas as variáveis e a rodada sem a *concretude do complemento locativo* obtiveram, exatamente, os mesmos resultados, tanto em relação às variáveis consideradas significativas quanto em relação à ordem de seleção dessas variáveis. Já na rodada realizada sem a *configuração do N locativo*, notamos alterações relevantes, pois as variáveis *configuração do espaço*, *concretude do complemento locativo* e *forma do sintagma nominal*, que não foram selecionadas nas outras rodadas, nessa foram selecionadas e mostraram-se, principalmente as duas primeiras, bastante significativas para a análise. Dessa forma, os resultados da rodada *sem a configuração do N locativo* indicam uma possível interferência desta variável sobre as demais e, também, uma possível sobreposição de fatores entre as variáveis, o que pretendemos analisar futuramente.

Na sequência, apresentamos os resultados obtidos nas rodadas por localidade, ou seja, nas rodadas realizadas com os dados de Mallet e Prudentópolis separadamente.

7.2 Resultados por localidade: Mallet

Nesta seção, analisamos os resultados do uso das proposições em Mallet. Nessa localidade, obtivemos um total de 235 ocorrências das preposições *para* e *em*, com 134 ocorrências de *para* (57%) e 101 de *em* (43%). Esses resultados mostram que o uso de *para* predomina sobre o uso de *em*, no município de Mallet.

Assim como foi feito na rodada geral dos dados, realizamos a mesma sequência de rodadas considerando cada uma das localidades separadamente. De início, realizamos uma

rodada com todas as variáveis, na sequência, uma sem *configuração do N locativo* e outra sem *concretude do complemento locativo*. Apresentamos, inicialmente, as rodadas de Mallet e, a seguir, as de Prudentópolis.

7.2.1 Variáveis selecionadas na rodada de Mallet

Nesta rodada, com todos os grupos de fatores, observamos os resultados obtidos com os dados do município de Mallet, onde a maior parte da população é constituída por poloneses. Nos resultados das variáveis selecionadas pelo programa, buscamos também analisar se há mudança nos resultados ou se esses se mantêm de acordo com os resultados das rodadas realizadas com todos os dados, ou seja, de Mallet e Prudentópolis conjuntamente.

Assim como foram organizados os resultados anteriores, dispomos de uma tabela geral de resultados e, na sequência, apresentamos os resultados de cada uma das variáveis selecionadas, isoladamente, a fim de estudarmos e compararmos mais detalhadamente os resultados obtidos.

Na primeira rodada de Mallet, com todos os grupos de fatores, foram selecionadas, por ordem de significância, as seguintes variáveis: 1. *Configuração do N locativo*; 2. *Aspecto/frequência*; 3. *Traço semântico*; 4. *Tempo/modo verbal*; 5. *Configuração do espaço*. A tabela 20 apresenta os resultados desta rodada.

Tabela 20: Variáveis selecionadas na rodada por localidade – Mallet

VARIÁVEIS	PARA			EM		
	Aplic./total	Freq.	P.R.	Aplic./total	Freq.	P.R.
Configuração do N locativo						
Instituição	34/51	67%	0,74	17/51	33%	0,26
Espaço sócio-geográfico	78/98	80%	0,56	20/98	20%	0,44
Evento	16/55	29%	0,38	39/55	71%	0,62
Objeto	3/17	17,6%	0,16	14/17	82,4%	0,84
Instituição personificada	1/10	10%	0,09	9/10	90%	0,91
Aspecto/frequência						
[+permanência]	54/66	82%	0,76	12/66	18%	0,24
[-permanência]	80/169	47%	0,38	89/169	53%	0,62
Traço semântico						
[+habitual]	79/145	54,5%	0,63	66/145	45,5%	0,37
[-habitual]	55/90	61%	0,28	35/90	39%	0,72
Tempo/modo verbal						
Infinitivo	16/23	69,6%	0,72	7/23	30,4%	0,28
Pret. perfeito	48/68	70,6%	0,58	20/68	29,4%	0,42
Pret. imperfeito	31/53	58,5%	0,57	22/53	41,5%	0,43
Presente	34/83	41%	0,34	49/83	59%	0,66
Outros	5/8	62,5%	0,28	3/8	37,5%	0,72

Configuração do espaço						
[-fechado]	81/106	76,4%	0,70	25/106	23,6%	0,30
[+fechado]	53/129	41%	0,32	76/129	59%	0,68
TOTAL	134/235	57%		101/235	43%	
Aplicação: <i>para</i> <i>Input</i> : 0,58 <i>Sig.</i> : 0,040						

Observamos, inicialmente, que a preposição *para*, com um *input* de 0,58, predominou na fala dos informantes de Mallet, o que confirma os resultados em percentagens (57%).

Em relação às variáveis, das cinco selecionadas nos dados do município de Mallet, podemos observar que as variáveis *configuração do N locativo*, *aspecto/frequência*, *traço semântico* e *tempo/modo verbal* foram repetidas, sendo, portanto, variáveis significativas na rodada geral (com Mallet e Prudentópolis conjuntamente) e também na de Mallet.

A seguir, apresentamos cada uma das variáveis selecionadas nessa rodada, com seus respectivos resultados, analisando a confirmação ou negação das hipóteses iniciais, estabelecendo comparações com os resultados das rodadas anteriores, bem como com os resultados dos autores usados como referência.

7.2.1.1 Configuração do N locativo

Assim como na primeira rodada, esta variável foi a primeira selecionada pelo programa. Da mesma forma, os resultados também foram mantidos, semelhantes aos de Wiedemer (2008), com exceção do fator *evento* que, em nosso trabalho, favoreceu a preposição *em*, conforme os resultados da tabela 21.

Tabela 21: Aplicação de *para* vs *em* na variável *configuração do N locativo* – Mallet

<i>Configuração do N locativo</i>	PARA			EM		
	Aplic./total	Freq.	P.R.	Aplic./total	Freq.	P.R.
Instituição	34/51	67%	0,74	17/51	33%	0,26
Espaço sócio-geográfico	78/98	80%	0,56	20/98	20%	0,44
Evento	16/55	29%	0,38	39/55	71%	0,62
Objeto	3/17	17,6%	0,16	14/17	82,4%	0,84
Instituição personificada	1/10	10%	0,09	9/10	90%	0,91

De acordo com os números, observamos que os resultados assemelham-se aos da primeira rodada, os fatores *instituição* (0,74) e *espaço sócio-geográfico* (0,56) favoreceram a preposição *para*; já a preposição *em* foi favorecida pelo fator *evento* (0,62) e pelos fatores

objeto e instituição personificada, que apresentam pesos relativos bastante elevados para o uso de *em* (0,84 e 0,91, respectivamente), assim como os apresentados na tabela 09.

7.2.1.2 Aspecto/frequência

Esta variável foi selecionada na rodada geral com todas as variáveis, na rodada sem *configuração do N locativo* e, novamente, selecionada na rodada de Mallet, mostrando-se uma variável bastante relevante para a análise da variação das preposições *para* e *em*, já que também foi selecionada no trabalho de Vieira (2009).

Olhando para os resultados das rodadas anteriores, com todos os dados, podemos perceber que os resultados se mantêm, pois, nos contextos de *mais permanência*, houve maior uso de *para* e, nos contextos de *menos permanência*, houve mais uso de *em*, confirmando nossa hipótese inicial.

A tabela 22 contém os resultados desta variável.

Tabela 22: Aplicação de *para* vs *em* na variável *aspecto/frequência* – Mallet

<i>Aspecto frequência</i>	PARA			EM		
	Aplic./total	Freq.	P.R.	Aplic./total	Freq.	P.R.
[+permanência]	54/66	82%	0,76	12/66	18%	0,24
[-permanência]	80/169	47%	0,38	89/169	53%	0,62

De acordo com os números, é notável como os falantes fizeram maior uso de *para* diante de contextos que indicam *mais permanência* (0,76) e de *em* diante dos contextos de *menos permanência* (0,62), assemelhando-se aos resultados de Vieira (2009).

7.2.1.3 Traço semântico

A variável *traço semântico* foi selecionada em todas as rodadas que realizamos, exceto na rodada sem *aspecto/ frequência*, mostrando-se também bastante relevante para nossas análises. Da mesma forma que nos primeiros resultados, a preposição *para* foi mais usada em contextos de mais habitualidade, não confirmando nossa hipótese inicial, conforme mostram os números da tabela 23.

Tabela 23: Aplicação de *para* vs *em* na variável *traço semântico* – Mallet

<i>Traço semântico</i>	PARA			EM		
	Aplic./total	Freq.	P.R.	Aplic./total	Freq.	P.R.
[+habitual]	79/145	54,5%	0,63	66/145	45,5%	0,37
[-habitual]	55/90	61%	0,28	35/90	39%	0,72

Os resultados da tabela 23 mostram que a preposição *para* é mais usada diante de locativos mais habituais (0,63), enquanto *em* aparece mais diante de locativos menos habituais (0,72), permanecendo os resultados obtidos anteriormente.

7.2.1.4 Tempo/modo verbal

Esta variável também foi selecionada em todas as rodadas anteriores, obtendo resultados importantes para o nosso estudo.

Da mesma forma que os resultados de Wiedemer (2008), os verbos no passado (pretérito perfeito e imperfeito), novamente, favoreceram a preposição *para*, enquanto o tempo presente favoreceu o uso de *em*, negando, portanto, nossa hipótese de que os verbos no passado favoreceriam o uso de *em*.

Os resultados podem ser observados na tabela a seguir.

Tabela 24: Aplicação de *para* vs *em* na variável *tempo/modo verbal* – Mallet

<i>Tempo/modo verbal</i>	PARA			EM		
	Aplic./total	Freq.	P.R.	Aplic./total	Freq.	P.R.
Infinitivo	16/23	69,6%	0,72	7/23	30,4%	0,28
Pret. perfeito	48/68	70,6%	0,58	20/68	29,4%	0,42
Pret. imperfeito	31/53	58,5%	0,57	22/53	41,5%	0,43
Presente	34/83	41%	0,34	49/83	59%	0,66
Outros	5/8	62,5%	0,28	3/8	37,5%	0,72

Como já mencionamos, os verbos no tempo passado apresentaram mais propensão ao uso de *para* (0, 58 e 0, 57, respectivamente). Já o tempo presente favoreceu o uso de *em* (0,66). Sendo assim, nossos resultados assemelharam-se, novamente, aos de Wiedemer (2008) em que o tempo passado mostrou-se como o principal favorecedor do uso de *para*.

7.2.1.5 Configuração do espaço

Esta variável mostrou-se muito significativa na rodada geral (com Mallet e Prudentópolis conjuntamente) sem a variável *configuração do N locativo*, sendo a primeira selecionada. Nos dados de Mallet, das cinco variáveis, foi a última selecionada.

Nesta rodada, nossa hipótese de que os contextos com espaço *mais fechado* favoreceriam o uso de *em*, enquanto, nos contextos em que ocorrem espaços *menos fechados*

haveria mais tendência para o uso de *para*, foi novamente confirmada, como apontam os números da tabela 25.

Tabela 25: Aplicação de *para* vs *em* na variável *configuração do espaço* – Mallet

<i>Configuração do espaço</i>	PARA			EM		
	Aplic./total	Freq.	P.R.	Aplic./total	Freq.	P.R.
[-fechado]	81/106	76,4%	0,70	25/106	23,6%	0,30
[+fechado]	53/129	41%	0,32	76/129	59%	0,68

Comparando estes resultados com os resultados desta variável na rodada geral dos dados (sem *configuração do N locativo*), observamos que os números são quase idênticos. Verificamos que o peso relativo de *para*, em contextos *mais fechados*, foi igual nas duas rodadas (0,70) e, em contextos *menos fechados*, predominou o uso de *em*, com pesos relativos também muito próximos em ambas as rodadas (0,68 e 0,67, respectivamente).

Este resultado confirma, novamente, a importância desta variável para a análise das preposições em estudo, igualando-se às conclusões de Mollica (1996), Wiedemer (2008) e Vieira (2009).

A seguir, apresentamos os resultados das rodadas sem a variável *configuração do N locativo* e sem a *concretude do complemento locativo*, nos dados de Mallet.

7.2.2 Variáveis selecionadas na rodada sem *configuração do N locativo* – Mallet

Assim como realizado na análise geral dos dados (com Mallet e Prudentópolis conjuntamente), nos dados de Mallet também realizamos uma rodada retirando a variável *configuração do N locativo* a fim de testar se outras variáveis seriam selecionadas e se apresentariam novos resultados relevantes para nossa análise. Nesta rodada, também tentamos observar se a variável *concretude do complemento locativo*, não selecionada na rodada anterior, seria selecionada, já que supomos uma possível interferência entre os resultados das duas variáveis mencionadas.

Como esperávamos, a variável *concretude do complemento locativo* foi a primeira selecionada, nesta rodada, enquanto as demais variáveis resultantes da análise foram, exatamente, as mesmas da rodada anterior, com todos os grupos de fatores, mudando apenas a ordem de seleção do programa, porém, sem alteração dos resultados. O quadro a seguir faz a comparação entre as variáveis selecionadas nas duas rodadas.

Quadro 13: Variáveis selecionadas nas rodadas *com* e *sem* configuração do N locativo – Mallet

Rodada com todas as variáveis	Rodada sem configuração do N locativo
1. Configuração do N locativo	1. Concretude do complemento locativo
2. Aspecto/frequência	2. Aspecto/frequência
3. Traço semântico	3. Configuração do espaço
4. Tempo/modo verbal	4. Traço semântico
5. Configuração do espaço	5. Tempo/modo verbal
Sig.: 0,040	Sig.: 0,021

Como mostra o quadro, das cinco variáveis selecionadas na rodada com todos os grupos de fatores, quatro foram mantidas na rodada sem *configuração do N locativo*. Houve apenas uma inversão na ordem das variáveis *traço semântico*, *tempo/modo verbal* e *configuração do espaço*. O que trouxe mudança nos resultados foi a seleção, e em primeira posição, da variável *concretude do complemento locativo*. A tabela 26 apresenta os resultados obtidos para esta variável.

Tabela 26: Aplicação de *para* vs *em* na variável *concretude do complemento locativo* – Mallet

<i>Concretude do complemento locativo</i>	PARA			EM		
	Aplic./total	Freq.	P.R.	Aplic./total	Freq.	P.R.
Concreto	115/166	69,3%	0,58	51/166	30,7%	0,42
Abstrato	19/69	27,5%	0,30	50/69	72,5%	0,70
Aplicação: <i>para</i> Input.: 0,58 Sig.: 0,021						

Conforme a tabela, nossa hipótese inicial para essa variável foi confirmada. Nos contextos em que há complemento de locativo *concreto*, a preposição mais usada é *para* (0,58) e, nos contextos em que há complemento de locativo *abstrato*, predomina a proposição *em* (0,70). Esses resultados são muito semelhantes aos da rodada geral (*sem a configuração do N locativo*), já que quanto ao uso de *para*, nas duas rodadas, houve maior uso de locativos *concretos* (0,56 e 0,58, respectivamente) e diante de locativos *abstratos* predominou a preposição *em* (0,69 e 0,70, respectivamente). Como podemos observar, é notável a proximidade entre os pesos relativos obtidos na rodada com todos os dados e na rodada somente com os dados de Mallet. Esses resultados parecem comprovar nossa hipótese de uma possível interferência linguística das línguas eslavas na escolha das preposições *para* e *em* na fala dos informantes de Mallet, já que houve uma significativa preferência pelo uso da preposição *em* diante de complementos *abstratos*.

Ainda, esses resultados parecem indicar uma interferência entre as variáveis *configuração do N locativo* e *concretude do complemento locativo*, já que a retirada de uma variável ocasionou a seleção da outra na mesma ordem de seleção do programa, ou seja, houve uma substituição de uma variável pela outra, o que pode apontar, na análise com todas as variáveis, uma possível sobreposição de fatores.

7.2.3 Variáveis selecionadas na rodada sem concretude do complemento locativo – Mallet

Como a rodada anterior trouxe-nos a seleção da variável que esperávamos, realizamos outra rodada, somente com os dados de Mallet, a fim de observar se, com a retirada da variável *concretude do complemento locativo*, o programa faria seleção de variáveis diferentes ou apresentaria mudança nos resultados.

No entanto, os resultados mostraram que, retirando a variável *concretude do complemento locativo*, o programa voltou a selecionar as mesmas variáveis selecionadas na rodada com todas as variáveis, sem alterações significativas nos números e na mesma ordem de seleção. O que esta rodada trouxe de novidade para nossa análise foi a seleção da variável *pessoa do discurso*, não selecionada nas duas rodadas anteriores. Sendo assim, para melhor observarmos os resultados de Mallet, apresentamos um quadro comparativo das variáveis selecionadas na primeira rodada, com todas as variáveis, na segunda, sem a *configuração do N locativo* e na terceira rodada, sem a *concretude do complemento locativo*.

Quadro 14: Variáveis selecionadas nas rodadas com todas as variáveis, sem configuração do N locativo e sem concretude do complemento locativo – Mallet

Rodada com todas as variáveis	Rodada sem configuração do N locativo	Rodada sem concretude do complemento locativo
1. Configuração do locativo 2. Aspecto frequência 3. Traço semântico 4. Tempo/modo verbal 5. Configuração do espaço	1. Concretude do compl. 2. Aspecto/frequência 3. Configuração do espaço 4. Traço semântico 5. Tempo/modo verbal	1. Configuração do locativo 2. Aspecto frequência 3. Traço semântico 4. Tempo/modo verbal 5. Configuração do espaço 6. Pessoa do discurso
Sig.: 0,040	Sig.: 0,021	Sig.: 0,046

O quadro 14 mostra que a ordem de seleção do programa foi, exatamente, a mesma na primeira e na última rodada. Já na segunda, embora as variáveis selecionadas sejam as mesmas, a ordem de seleção foi alterada e a variável *concretude do complemento locativo*

também é selecionada, e em primeira posição, ou seja, como a mais significativa. O quadro mostra ainda que a variável *configuração do N locativo*, na terceira rodada, voltou a ser a primeira selecionada, como em todas as outras rodadas em que foi controlada. Somente a variável *pessoa do discurso* apareceu diferenciando os resultados desta rodada em relação às duas anteriores. Os resultados dessa variável são apresentados na tabela 27.

Tabela 27: Aplicação de *para* vs *em* na variável *pessoa do discurso* – Mallet

<i>Pessoa do discurso</i>	PARA			EM		
	Aplic./total	Freq.	P.R.	Aplic./total	Freq.	P.R.
P3	48/73	66%	0,65	25/73	34%	0,35
P2	2/5	40%	0,54	3/5	60%	0,46
P1	84/157	53,5%	0,42	73/157	46,5%	0,58
Aplicação: <i>para</i> Input.: 0,58 Sig.: 0,046						

Comparando os resultados obtidos nesta variável com os resultados da primeira rodada geral com todos os dados, observamos que, no geral, os resultados se mantêm, pois *P3* continua favorecendo a preposição *para* (0,65) e *P1* favorecendo a preposição *em* (0,58). Podemos, contudo, notar uma pequena diferença nos resultados da variante *P2* que, nesta rodada, apresentou maior tendência ao uso de *para* (0,54), enquanto, na primeira rodada geral, apresentou uma concorrência entre as duas preposições, com resultados mais próximos ao ponto neutro. No entanto, não deixamos de observar que, nos dados de Mallet, houve apenas 05 ocorrências com *P2*, sendo um número bastante reduzido de dados para análise.

A seguir, apresentamos os resultados das rodadas realizadas com os dados do município de Prudentópolis a fim de comparar com os resultados já obtidos e analisar se há diferenças significativas entre as duas localidades.

7.3 Resultados por localidade: Prudentópolis

Para concluirmos as rodadas de análise das variáveis, apresentamos os resultados obtidos das rodadas realizadas somente com os dados do município de Prudentópolis, onde a maioria da população é de descendência ucraniana. Das implicações resultantes, pretendemos estabelecer comparações com os resultados das rodadas anteriores e observar quais variáveis repetem-se e quais se diferenciam.

Em Prudentópolis, o total de dados foi de 198, com 124 ocorrências da preposição *para* (62,6%) e 74 de *em* (37,4%). Esses resultados indicam um predomínio da preposição *para* na fala dos informantes de Prudentópolis.

Da mesma forma que realizamos as análises dos dados de Mallet, procedemos com os dados do município de Prudentópolis. De início, como já mencionado anteriormente, foi feita uma rodada com todas as variáveis, na sequência, outra rodada, retirando a variável *configuração do N locativo* e, por fim, outra rodada, retirando a variável *concretude do completo locativo*.

7.3.1 Variáveis selecionadas na rodada de Prudentópolis

Na primeira rodada de Prudentópolis, com todos os grupos de fatores, foram selecionadas as seguintes variáveis, por ordem de significância: 1. *Configuração do N locativo*; 2. *Distância entre o verbo e a preposição*; 3. *Aspecto frequência*; 4. *Forma do sintagma nominal*; 5. *Tempo/modo verbal*.

Como nos demais resultados anteriores, apresentamos uma tabela geral de resultados e, posteriormente, tabelas isoladas de cada uma das variáveis selecionadas.

Tabela 28: Variáveis selecionadas na rodada por localidade: Prudentópolis

VARIÁVEIS	PARA			EM		
	Aplic./total	Freq.	P.R.	Aplic./total	Freq.	P.R.
Configuração do N locativo						
Espaço sócio-geográfico	72/82	88%	0,77	10/82	12%	0,23
Instituição	36/50	72%	0,65	14/50	28%	0,35
Evento	13/33	39,4%	0,28	20/33	60,6%	0,72
Objeto	2/25	8%	0,01	23/25	92%	0,99
Dist. entre o verbo e a preposição						
Ausência de elemento	106/156	68%	0,60	50/156	32%	0,40
Presença de elemento	18/42	43%	0,16	24/42	57%	0,84
Aspecto frequência						
[+permanência]	50/54	92,6%	0,85	4/54	7,4%	0,15
[-permanência]	74/144	51,4%	0,34	70/144	48,6%	0,66
Forma do sintagma nominal						
SN pleno	14/22	63,6%	0,68	8/22	36,4%	0,32
Zero	57/76	75%	0,64	19/76	25%	0,36
Pronome	53/100	53%	0,34	47/100	47%	0,66
Tempo/modo verbal						
Imperfeito	34/58	58,6%	0,65	24/58	41,4%	0,35
Perfeito	40/54	74%	0,57	14/54	26%	0,43
Presente	33/63	52,4%	0,35	30/63	47,6%	0,65
Infinitivo	12/18	66,7%	0,30	6/18	33,3%	0,70
TOTAL	124/198	62,6%		74/198	37,4%	
aplicação: <i>para</i> input.: 0,72 Sig.: 0,034						

Nesta rodada, com todos os grupos de fatores, foram selecionadas cinco variáveis. Como percebemos, as cinco são linguísticas e nenhuma variável social foi relevante para a análise. Observamos, também, que as variáveis *configuração do N locativo*, *aspecto frequência* e *tempo/modo verbal* foram, novamente, selecionadas, o que indica a importância desses grupos de fatores para nossa pesquisa. Adiante, apresentamos os resultados de cada uma das variáveis selecionadas.

7.3.1.1 Configuração do N locativo

Exceto nas rodadas em que foi retirada, esta variável foi a primeira selecionada em todas as rodadas, mostrando-se, assim como no trabalho de Wiedemer (2008), bastante relevante para nossos estudos sobre a variação das preposições *para* e *em*.

Tabela 29: Aplicação de *para* vs *em* na variável *configuração do N locativo* – Prudentópolis

<i>Configuração do N locativo</i>	PARA			EM		
	Aplic./total	Freq.	P.R.	Aplic./total	Freq.	P.R.
Espaço sócio-geográfico	72/82	88%	0,77	10/82	12%	0,23
Instituição	36/50	72%	0,65	14/50	28%	0,35
Evento	13/33	39,4%	0,28	20/33	60,6%	0,72
Objeto	2/25	8%	0,01	23/25	92%	0,99

De acordo com os resultados obtidos, observamos que os resultados são mantidos como nas rodadas anteriores, pois, novamente, os fatores *espaço sócio-geográfico* e *instituição* favoreceram o uso de *para* (0,77 e 0,65, respectivamente), enquanto *evento* e *objeto* favoreceram o uso de *em* (0,72 e 0,99), e esse último com um peso relativo quase categórico. Esses resultados confirmam a relevância desses fatores na análise da variação preposicional em nossos dados.

7.3.1.2 Distância entre o verbo e a preposição

Esta variável, também selecionada na primeira rodada geral (com todos os grupos de fatores), manteve os resultados já obtidos. Sendo assim, nossa hipótese foi, novamente, confirmada, já que, em contextos nos quais não há elemento entre o verbo e a preposição, há mais tendência à ocorrência de *para* (0,60). Já, nos contextos em que há elemento entre o verbo e a preposição, há uma forte propensão ao uso de *em* (0,84), conforme mostra a tabela a seguir.

Tabela 30: Aplicação de *para* vs *em* na variável *distância entre o verbo e a preposição* – Prudentópolis

<i>Distância entre o verbo e a preposição</i>	PARA			EM		
	Aplic./total	Freq.	P.R.	Aplic./total	Freq.	P.R.
Ausência de elemento	106/156	68%	0,60	50/156	32%	0,40
Presença de elemento	18/42	43%	0,16	24/42	57%	0,84

Considerando os resultados da tabela acima, é notável que o peso relativo de *em* na *presença de elemento* (0,84) é ainda maior que o peso relativo obtido para este fator, na primeira rodada (0,66). Sendo assim, notamos que os informantes do município de Prudentópolis apresentam ainda mais tendência ao uso de *em*, neste contexto.

7.3.1.3 Aspecto/frequência

Conforme já salientamos, esta variável pode ser considerada muito significativa para nossa análise, já que foi selecionada tanto nas rodadas gerais, quanto nas rodadas por localidade.

Como podemos notar, nossa hipótese foi outra vez confirmada, mostrando que os contextos que remetem a sentidos de *mais permanência* favorecem o uso da preposição *para* e os que remetem a sentidos de *menos permanência* apresentam mais propensão ao uso de *em*. A tabela 31 mostra os resultados obtidos nesta variável.

Tabela 31: Aplicação de *para* vs *em* na variável *aspecto/frequência* – Prudentópolis

<i>Aspecto frequência</i>	PARA			EM		
	Aplic./total	Freq.	P.R.	Aplic./total	Freq.	P.R.
[+permanência]	50/54	92,6%	0,85	4/54	7,4%	0,15
[-permanência]	74/144	51,4%	0,34	70/144	48,6%	0,66

De acordo com os resultados das rodadas anteriores, os resultados se mantêm, pois para o fator *mais permanência* houve maior ocorrência de *para* (0,85) e para o fator *menos permanência* houve mais ocorrência de *em* (0,66). É importante ressaltar que o peso relativo no uso de *para* (0,85) harmoniza com a aplicação dessa preposição que, das 54 ocorrências, obteve 50 com esta preposição, permitindo-nos confirmar ainda mais a preferência pelo uso de *para* em contextos de *mais permanência*.

7.3.1.4 Forma do sintagma nominal

De acordo com os resultados postos na tabela 32, observamos que os resultados se mantêm e confirmam nossa hipótese inicial de que, nos contextos em que há ocorrência do fator *zero*, há mais tendência ao uso de *para* e, nos contextos em que há sintagma pronominal, há mais propensão ao uso de *em*, conforme os resultados a seguir.

Tabela 32: Aplicação de *para* vs *em* na variável *forma do sintagma nominal* – Prudentópolis

<i>Forma do sintagma nominal</i>	PARA			EM		
	Aplic./total	Freq.	P.R.	Aplic./total	Freq.	P.R.
SN pleno	14/22	63,6%	0,68	8/22	36,4%	0,32
Zero	57/76	75%	0,64	19/76	25%	0,36
Pronome	53/100	53%	0,34	47/100	47%	0,66

Assim como nos resultados anteriores, na ocorrência de sintagma pronominal, houve maior tendência ao uso de *em* (0,66) e, diante de contextos em que não há sintagma nominal (zero) e em que há *sintagma nominal pleno* houve mais favorecimento ao uso de *para* (0,68 e 0,64, respectivamente). Essas implicações mostram que o fator *pronome* é um dos motivadores da escolha da preposição *em*, já nos outros casos, a preposição *para* foi mais usada.

7.3.1.5 Tempo/modo verbal

Esta foi a quinta e última variável selecionada nesta rodada. Como nos demais resultados anteriores, novamente, e assim como nos resultados de Wiedemer (2008), os tempos do passado (*pretérito imperfeito* e *pretérito perfeito*) favoreceram a preposição *para*, enquanto o *presente* e o *infinitivo* favoreceram a preposição *em*. A tabela 33 mostra os resultados estatísticos para esta variável.

Tabela 33: Aplicação de *para* vs *em* na variável *tempo/modo verbal* – Prudentópolis

<i>Tempo/modo verbal</i>	PARA			EM		
	Aplic./total	Freq.	P.R.	Aplic./total	Freq.	P.R.
Pret. imperfeito	34/58	58,6%	0,65	24/58	41,4%	0,35
Pret. perfeito	40/54	74%	0,57	14/54	26%	0,43
Presente	33/63	52,4%	0,35	30/63	47,6%	0,65
Infinitivo	12/18	66,7%	0,30	6/18	33,3%	0,70

Consideramos esta variável muito importante para nossa análise, já que foi selecionada em todas as rodadas. Quanto aos resultados, como já mencionado, foram mantidos, indicando que há uma regularidade nos fatores que condicionam a variação preposicional na fala desses descendentes de eslavos.

A seguir, apresentaremos os resultados da rodada, com os dados de Prudentópolis, sem a variável *configuração do N locativo*.

7.3.2 Variáveis selecionadas na rodada sem a variável configuração do N locativo: Prudentópolis

Como esta variável também foi a primeira selecionada nos dados de Prudentópolis, realizamos uma rodada retirando-a a fim de observar se o programa faria seleção de outras variáveis e se a variável *concretude do complemento locativo* seria selecionada.

Os resultados apresentaram três variáveis não selecionadas na rodada anterior, com todas as variáveis, *configuração do espaço*, *concretude do complemento locativo* e *escolaridade*. O quadro 15 mostra que a variável *concretude do complemento locativo* foi selecionada pelo programa e, sendo assim, esse resultado pode indicar que, nos dados de Prudentópolis, também pode haver uma interferência entre as variáveis *configuração do N locativo* e *concretude do complemento locativo*, já que a retirada de uma ocasionou, novamente, a seleção da outra.

Quadro 15: Variáveis selecionadas nas rodadas com e sem *configuração do N locativo* – Prudentópolis

Rodada com todas as variáveis	Rodada sem <i>configuração do N locativo</i>
1. Configuração do N locativo 2. Aspecto frequência 3. Distância entre verbo e preposição 4. Forma do sintagma nominal 5. Tempo/modo verbal	1. Aspecto frequência 2. Configuração do espaço 3. Distância entre verbo e preposição 4. Concretude do complemento locativo 5. Forma do sintagma nominal 6. Escolaridade
Aplicação: <i>para</i> Input.: 0,72 Sig.: 0,034	Aplicação: <i>para</i> Input.: 0,69 Sig.: 0,024

Consideramos esta rodada bastante importante para nossos estudos por ser a única, em todo o trabalho, que selecionou uma variável social - *escolaridade*, tornando possível a análise desta variável externa à língua. Além desta variável, ainda foi selecionado o grupo de fatores *configuração do espaço* e, como esperávamos, *concretude do complemento locativo*. Também observamos que, com a retirada da *configuração do N locativo*, a variável *aspecto frequência* assumiu a primeira posição. Como nas variáveis que se repetiram não houve

mudanças significativas nos resultados, apresentaremos somente os resultados das três variáveis não selecionadas anteriormente.

7.3.2.1 Configuração do espaço

Como já apresentamos nos resultados para esta variável nas análises anteriores, a nossa hipótese era de que, em contextos com locativos *mais fechados*, haveria preferência pelo uso da preposição *em* e, nos contextos com locativos *menos fechados*, haveria mais tendência ao uso de *para*. Os números postos na tabela 34 mostram que, mais uma vez, nossa hipótese foi confirmada.

Tabela 34: Aplicação de *para* vs *em* na variável *configuração do espaço* – Prudentópolis

<i>Configuração do espaço</i>	PARA			EM		
	Aplic./total	Freq.	P.R.	Aplic./total	Freq.	P.R.
-fechado	74/88	84%	0,67	14/88	16%	0,33
+fechado	50/110	45,5%	0,35	60/110	54,5%	0,65

Os resultados obtidos nesta variável evidenciam a preferência pela preposição *em*, nos contextos com locativos *mais fechados* (0,65), e a preferência pela preposição *para*, nos contextos com locativos *menos fechados* (0,67), repetindo, portanto, as implicações anteriores para esta variável e também as semelhanças com os resultados de Mollica (1996), Wiedemer (2008) e Vieira (2009).

7.3.2.2 Concretude do complemento locativo

Da mesma forma que nos resultados da rodada geral (com todos os dados) e na de Mallet, esta variável foi selecionada com a retirada da *configuração do N locativo*, o que parece confirmar nossa suspeita de sobreposição de fatores entre essas variáveis.

Quanto aos resultados, nossa hipótese, mais uma vez, foi confirmada, já que o fator *concreto* favoreceu a preposição *para* e o fator *abstrato* favoreceu a preposição *em*, como apontam os números da tabela 35.

Tabela 35: Aplicação de *para* vs *em* na variável *concretude do complemento locativo* – Prudentópolis

<i>Concretude do complemento locativo</i>	PARA			EM		
	Aplic./total	Freq.	PR	Aplic./total	Freq.	PR
Concreto	110/157	70%	0,56	47/157	30%	0,44
Abstrato	14/41	34%	0,28	27/41	66%	0,72

Os resultados obtidos para esta variável na rodada geral (com todos os dados), na rodada com os dados de Mallet e, por fim, com os dados de Prudentópolis, abrem-nos espaços interpretativos da possível interferência linguística das línguas eslavas na variação das preposições *para* e *em*, na fala de descendentes de eslavos. Podemos notar que, além do peso relativo referente à *para* nos contextos com locativos *concretos* (0,56), a aplicação e a frequência são muito significativas para esta preposição. O mesmo acontece com a preposição *em* que foi favorecida nos contextos com locativo *abstrato* (0,72). Sendo assim, observamos a preferência pela preposição *em* diante dos locativos *abstratos*, assim como nas línguas eslavas, em que há a troca de preposição, como já explicado anteriormente, diante dos locativos concretos e abstratos.

7.3.2.3 Escolaridade

Para esta variável, nossa hipótese inicial era de que os informantes com menos tempo de escolaridade apresentariam maior propensão ao uso de *em*, enquanto os informantes com mais tempo de escolaridade apresentariam mais tendência ao uso de *para*, por terem um pouco mais de contato com a forma padrão. Essa hipótese foi confirmada parcialmente, nos dados de Prudentópolis, já que os informantes com ensino médio fizeram mais uso de *para* e os informantes com fundamental I também apresentaram um leve favorecimento desta preposição. Quanto aos informantes com ensino fundamental II, apresentaram um resultado com maior uso da preposição *em* diante dos complementos de locativo do verbo de *ir de movimento*, como mostra a tabela a seguir.

Tabela 36: Aplicação de *para* vs *em* na variável *escolaridade* – Prudentópolis

<i>Escolaridade</i>	PARA			EM		
	Aplic./total	Freq.	P.R.	Aplic./total	Freq.	P.R.
Ensino Médio	43/60	71,7%	0,63	17/60	28,3%	0,37
Fundamental I	55/83	66,3%	0,53	28/83	33,7%	0,47
Fundamental II	26/55	47,3%	0,31	29/55	52,7%	0,69

Os resultados mostram que a nossa hipótese, baseada na ideia de que o tempo de escolaridade definiria mais ou menos o contato com a forma padrão e, com isso, resultaria em maior preferência pelo uso de *para*, foi parcialmente refutada, pois, os informantes com o fundamental I, fizeram mais uso da forma padrão (0,53) do que os informantes com fundamental II, que favoreceram a preposição *em* (0,69). Sendo assim, em Prudentópolis,

podemos observar que a variação entre *para* e *em* não é definida somente por mais ou menos tempo de escolaridade, ou de contato com a forma padrão, como apresentaram os resultados.

Adiante, apresentamos os resultados da rodada sem a variável *concretude do complemento locativo*.

7.3.3 Variáveis selecionadas na rodada sem concretude do complemento locativo – município de Prudentópolis

Esta última rodada foi realizada a fim de, como nas anteriores, observar os resultados obtidos sem controlar a variável *concretude do complemento locativo*.

Os resultados mostraram que, retirando esta variável, não houve mudanças significativas na seleção das variáveis, que foram as mesmas da rodada com todas as variáveis, e, além disso, até a significância das duas rodadas foi igual. O quadro 16 apresenta as variáveis selecionadas nas três rodadas realizadas com os dados de Prudentópolis: a rodada com todos os grupos de fatores, a rodada sem a *configuração do N locativo* e a rodada sem a *concretude do complemento locativo*.

Quadro 16: Variáveis selecionadas nas rodadas com todas as variáveis, sem configuração do N locativo e sem concretude do complemento locativo – Prudentópolis

Rodada com todas as variáveis	Rodada sem configuração do N locativo	Rodada sem concretude do complemento locativo
1. Configuração do locativo 2. Distância verbo e prep. 3. Aspecto frequência 4. Forma do SN 5. Tempo/modo verbal	1. Aspecto frequência 2, Configuração do espaço 3. Distância verbo e prep.. 4. Concretude do locativo 5. Forma do SN 6. Escolaridade	1. Configuração do locativo 2. Distância verbo e prep. 3. Aspecto frequência 4. Forma do SN 5. Tempo/modo verbal
Aplicação: <i>para</i> Input.: 0,72 Sig.: 0,034	Aplicação: <i>para</i> Input.: 0,69 Sig.: 0,024	Aplicação: <i>para</i> Input.: 0,72 Sig.: 0,034

Como podemos observar, as variáveis selecionadas na rodada com todos os grupos de fatores foram novamente selecionadas na rodada sem a *concretude do complemento locativo*, com exatamente os mesmos resultados. Já na segunda rodada, sem a variável *configuração do N locativo*, observamos que as variáveis *configuração do espaço*, *concretude do complemento locativo* e *escolaridade*, não selecionadas nas demais rodadas, passam a ser consideradas variáveis significativas. Esse resultado parece indicar, novamente, uma sobreposição de fatores entre as variáveis *configuração do N locativo* e *concretude do complemento locativo*, pois a retirada da primeira, em todas as rodadas, ocasionou a seleção

da segunda. Verificamos, portanto, que sem a variável *configuração do N locativo*, em todas as rodadas, a *concretude do complemento locativo* passa a ser considerada uma variável significativa na análise da variação preposicional *para/em*.

7.4 Comparação dos resultados de Mallet e Prudentópolis

Para concluir nossas análises, apresentamos as comparações entre os resultados de Mallet e Prudentópolis a fim de observar o uso das preposições *para* e *em* nessas localidades e quais grupos de fatores se mantiveram nas rodadas e quais se diferenciaram. Com isso, pretendemos analisar se o grupo de informantes com maioria de descendência polonesa mostra diferenças significativas quanto ao uso das preposições *para* e *em* do grupo de informantes com maioria de descendência de ucranianos.

Em Mallet, obtivemos um total de 235 ocorrências das preposições *para* e *em*, com 134 ocorrências de *para* (57%) e 101 de *em* (43%). Em Prudentópolis, o total de dados foi de 198, com 124 ocorrências da preposição *para* (62,6%) e 74 de *em* (37,4%). Esses resultados mostram que o uso de *para* foi predominante sobre o uso de *em*, tanto no município de Mallet quanto no de Prudentópolis.

No quadro 17 expomos as variáveis selecionadas nas rodadas gerais, com todos os grupos de fatores, em Mallet e Prudentópolis.

Quadro 17: Variáveis selecionadas nas rodadas por localidade

MALLET	PRUDENTÓPOLIS
1. Configuração do N locativo 2. Aspecto/frequência 3. Traço semântico 4. Tempo/modo verbal 5. Configuração do espaço	1. Configuração do N locativo 2. Distância entre o verbo e a preposição 3. Aspecto/frequência 4. Forma do sintagma nominal 5. Tempo/modo verbal
Aplicação: <i>para</i> Input.: 0,58 Sig.: 0,040	Aplicação: <i>para</i> Input.: 0,72 Sig.: 0,034

Verificamos, inicialmente, um *input* de 0,72 para a preposição *para* em Prudentópolis e de 0,58 em Mallet, ou seja, em ambas as localidades a preposição *para* predominou, e em Prudentópolis seu uso foi mais elevado que em Mallet.

Considerando as cinco variáveis selecionadas em cada uma das rodadas por localidade, três se repetem: *configuração do N locativo*, *aspecto frequência* e *tempo/modo verbal*. As outras variáveis diferenciam-se, mostrando que os resultados mudam separando-se as localidades.

Como mostra o quadro 17, a variável *configuração do N locativo* foi a primeira selecionada nas duas rodadas, assim como em todas as demais em que foi controlada, indicando ser um grupo de fatores de muita relevância para a análise da variação das preposições *para* e *em* como introdutoras de locativo do verbo *ir de movimento*. Nos resultados de Wiedemer (2008), conforme já destacamos, essa variável também apresentou resultados bastante significativos para a análise dessas preposições na fala de Santa Catarina.

A tabela a seguir traz os resultados estatísticos das variáveis selecionadas nos dois municípios, na aplicação da preposição *para*.

Tabela 37: Atuação das variáveis significativas por localidade sobre o uso da preposição PARA

VARIÁVEIS	MALLET			PRUDENTÓPOLIS		
	Aplic./total	Freq.	P.R.	Aplic./total	Freq.	P.R.
Configuração do N locativo						
Instituição	34/51	67%	0,74	36/50	72%	0,65
Espaço sócio-geográfico	78/98	80%	0,56	72/82	88%	0,77
Evento	16/55	29%	0,38	13/33	39,4%	0,28
Objeto	3/17	17,6%	0,16	2/25	8%	0,01
Instituição personificada	1/10	10%	0,09			
Distância entre o verbo e a preposição						
Ausência de elemento				106/156	68%	0,60
Presença de elemento				18/42	43%	0,16
Aspecto/frequência						
[+permanência]	54/66	82%	0,76	50/54	92,6%	0,85
[-permanência]	80/169	47%	0,38	74/144	51,4%	0,34
Forma do sintagma nominal						
SN pleno				14/22	63,6%	0,68
Zero				57/76	75%	0,64
Pronome				53/100	53%	0,34
Traço semântico						
[+habitual]	79/145	54,5%	0,63			
[-habitual]	55/90	61%	0,28			
Tempo/modo verbal						
Infinitivo	16/23	69,6%	0,72	12/18	66,7%	0,30
Pret. perfeito	48/68	70,6%	0,58	40/54	74%	0,57
Pret. imperfeito	31/53	58,5%	0,57	34/58	58,6%	0,65
Presente	34/83	41%	0,34	33/63	52,4%	0,35
Outros	5/8	62,5%	0,28			
Configuração do espaço						
[-fechado]	81/106	76,4%	0,70			
[+fechado]	53/129	41%	0,32			
TOTAL	134/235	57%		124/198	62,6%	
	Input.: 0,58 Sig.: 0,040			Input.: 0,72 Sig.: 0,034		

Comparando os resultados de Mallet e Prudentópolis, verificamos que três variáveis foram selecionadas nas duas rodadas: *configuração do N locativo*, *aspecto frequência* e *tempo/modo verbal*. Na primeira, os resultados mantiveram-se, mostrando que os fatores *espaço sócio-geográfico* e *instituição* favoreceram a preposição *para* nas duas localidades e os fatores *evento* e *objeto* favoreceram a preposição *em*. Na rodada de Prudentópolis, foi retirada a variante *instituição personificada* por não obtermos dados com esse fator. Os resultados da variável *aspecto/frequência* também foram semelhantes já que, em ambas as rodadas, para o fator *mais permanência* houve maior tendência ao uso de *para* e para *menos permanência* houve maior uso de *em*. Na variável *tempo/modo verbal*, o fator *outros* foi retirado da análise de Prudentópolis pela insuficiência de dados. Quanto aos outros fatores, houve apenas uma diferença no fator que corresponde ao tempo *infinitivo* que, na rodada de Mallet, apresentou resultados favoráveis à preposição *para* e, na rodada de Prudentópolis, favoreceu a preposição *em*. Apesar do resultado desse fator, a comparação das variáveis *configuração do N locativo*, *aspecto frequência* e *tempo/modo verbal*, selecionadas em ambas as localidades, mostra que as preposições *para* e *em* apresentam praticamente as mesmas tendências de uso em Mallet e Prudentópolis.

Observamos, no entanto, algumas diferenças interessantes em relação às variáveis selecionadas em somente uma ou outra das localidades. Em Mallet, as variáveis *traço semântico* e *configuração do espaço* também foram selecionadas; já em Prudentópolis, o programa considerou significativas as variáveis *distância entre o verbo e a preposição* e *forma do sintagma nominal*. A seleção dessas variáveis indica que o uso das preposições *para* e *em* na localidade de Mallet está mais condicionado por fatores *associadas ao espaço*, enquanto em Prudentópolis destacam-se também fatores *associados ao verbo e ao sujeito*.

A seguir, a fim de mostrarmos a relevância da variável *concretude do complemento locativo* para nossa pesquisa, apresentamos as variáveis selecionadas em Mallet e Prudentópolis, nas rodadas sem a *configuração do N locativo*.

Quadro 18: Variáveis selecionadas nas rodadas sem a configuração do N locativo

MALLET	PRUDENTÓPOLIS
1. Concretude do complemento locativo 2. Aspecto/frequência 3. Configuração do espaço 4. Traço semântico 5. Tempo/modo verbal	1. Aspecto frequência 2. Configuração do espaço 3. Distância entre verbo e preposição 4. Concretude do complemento locativo 5. Forma do sintagma nominal 6. Escolaridade
Sig.: 0,021	Sig.: 0,024

Como mostra o quadro, com a retirada da *configuração do N locativo* das rodadas, a variável *concretude do complemento locativo* passa a ser selecionada nas duas localidades. Em Mallet, essa variável é selecionada em primeira posição, ou seja, como a mais significativa, e, em Prudentópolis, em quarta posição. Além disso, as variáveis *configuração do espaço* e *escolaridade* também são selecionadas em Prudentópolis.

Para finalizarmos nossa análise, apresentamos uma tabela comparativa dos resultados da variável *concretude do complemento locativo* em Mallet e Prudentópolis, variável essa selecionada em todas as rodadas em que retiramos a *configuração do N locativo* da análise.

Tabela 38: Atuação da variável concretude do complemento locativo por localidade sobre o uso da preposição PARA

Concretude do N locativo	MALLET			PRUDENTÓPOLIS		
	Aplic./total	Freq.	P.R.	Aplic./total	Freq.	P.R.
Concreto	115/166	69,3%	0,58	110/157	70%	0,56
Abstrato	19/69	27,5%	0,30	14/41	34%	0,28

Como mostram os resultados obtidos nas duas localidades, nossa hipótese de que a preposição *em* seria mais favorecida diante dos contextos com locativos *abstratos*, assim como as preposições *Na* e *Ha* das línguas eslavas, foi confirmada. Conforme a tabela, os locativos de caracterização *concreta* favoreceram o uso de *para* (0,58 e 0,56, respectivamente); já os locativos *abstratos* mostram-se condicionadores muito significativos para o uso de *em*, apresentando pesos relativos bastante elevados para essa preposição (0,70 e 0,72, respectivamente).

Ressaltamos ainda que essa variável foi selecionada em todas as rodadas em que retiramos a *configuração do N locativo*. Sendo que, na rodada com os dados de Mallet, foi a primeira selecionada, ou seja, a variável mais significativa, o que também parece comprovar a possível sobreposição de fatores na análise conjunta dessas variáveis.

Sendo assim, a partir da análise do uso das preposições *para* e *em* na variável *concretude do complemento locativo*, principalmente, podemos confirmar a possível interferência das línguas eslavas no português falado pelos descendentes de poloneses e ucranianos em Mallet e Prudentópolis.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos esta sessão final retomando nosso tema que se define como a investigação do uso das preposições *para* e *em* como introdutoras do complemento locativo do verbo *ir de movimento* na fala descendentes de eslavos.

Como fundamentação teórica, embasamo-nos na teoria da Sociolinguística Variacionista postulada por Labov (2008 [1972]) e Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]). Segundo esses autores, “muito antes de se poder esboçar teorias preditivas da mudança linguística, será necessário aprender a ver a língua – seja de um ponto de vista diacrônico ou sincrônico – como um objeto constituído de heterogeneidade ordenada” (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006 [1968], p. 35). Sendo assim, entendemos a língua, antes de tudo, como heterogênea, ligada aos contextos sociais e históricos, o que nos leva a estudar as variações dentro do sistema linguístico.

Inicialmente, no capítulo 1, apresentamos o tema dessa pesquisa, bem como nossos objetivos e hipóteses. A seguir, no capítulo 2, buscamos salientar, de forma sucinta, os pressupostos teóricos que fundamentaram este trabalho, como já posto no parágrafo anterior. Na sequência, no capítulo 3, apresentamos as definições de alguns gramáticos como Almeida (1959), Macambira (1974), Castilho (2003 e 2014), Rocha Lima (1986), Said Ali (1969), Cunha (1976) e Neves (2000) sobre as preposições *para* e *em*, no Latim e na língua portuguesa. Também apresentamos as preposições no polonês e no ucraniano a partir das informações cedidas pela professora Sônia Niewiadomski. A fim de estudarmos o que outros autores já haviam concluído sobre a variação dessas preposições, traçamos uma breve síntese sobre os trabalhos já feitos nessa área (capítulo 4), o que nos deu um bom embasamento teórico e metodológico para a formulação de nossas hipóteses. Adiante, traçamos um breve percurso histórico sobre as nossas comunidades de fala (Mallet e Prudentópolis) e a influência das culturas polonesa e ucraniana nessas localidades (capítulo 5). Nosso capítulo 6 apresenta a metodologia utilizada nesse trabalho e o capítulo 7 contém nossos resultados estatísticos obtidos por meio das análises, sendo que, neste capítulo, também apresentamos muitas de nossas conclusões a respeito das variáveis.

Realizamos este trabalho a partir de três hipóteses iniciais: a primeira propõe que a variação das preposições *para* e *em* como complemento preposicional do verbo *ir de movimento* é condicionada por fatores linguísticos e sociais, o que nos permite um estudo variacionista, fundamentado na teoria laboviana. A segunda pressupõe que, pelo fato de a preposição *para* ser considerada padrão em relação à *em*, os informantes das comunidades de

fala tenderiam a fazer mais uso de *para*. Por fim, a terceira propõe uma interferência de características das línguas eslavas como condicionadoras da variação entre *para* e *em* na fala desses descendente de poloneses e ucranianos.

Em relação à primeira hipótese, podemos dizer que esta foi confirmada, já que as análises mostraram a interferência, principalmente, dos fatores linguísticos que motivam o uso de *para* e *em* dentro de contextos que indicam movimento para um determinado locativo. Desses fatores, as variáveis mais significativas dessa análise foram: *configuração do N locativo* – que foi a primeira selecionada em todas as rodadas em que foi controlada, sendo, portanto, a variável mais significativa desse trabalho; *aspecto frequência* – que também foi selecionada em todas as rodadas em que foi controlada, mostrando ser um grupo de fatores bastante significativo para a análise da variação das preposições *para* e *em*; *tempo/modo verbal* – que foi selecionada na rodada geral (Mallet e Prudentópolis conjuntamente) com todos os dados e também nas rodadas de Mallet e Prudentópolis separadamente, o que nos mostra que o tempo verbal pode ser um importante motivador do uso de *para* ou *em*; *concretude do complemento locativo* – que, embora não tenha sido selecionada nas rodadas em que foi controlada juntamente com *configuração do N locativo*, nas rodadas em que esse grupo de fatores foi retirado, a variável *concretude do complemento locativo* foi selecionada, chegando a ocupar a primeira posição na rodada com os dados de Mallet, mostrando a possível sobreposição de fatores de uma variável sobre a outra. Os fatores sociais foram pouco relevantes para nossa análise, pois, somente a variável *escolaridade* foi selecionada em uma das rodadas de Prudentópolis. As demais, conforme os resultados obtidos pelo programa, não foram significativas. Futuramente, poderemos pesquisar e abordar com mais precisão os motivos que podem ter desencadeado a não-interferência destes fatores.

Do grupo de fatores *configuração do N locativo*, observamos que a preposição *para* foi mais favorecida nos contextos com *espaço sócio-geográfico* e *instituição*. Os fatores *evento* e *instituição personificada* e *objeto* favoreceram, de forma bastante notável, a preposição *em*. Na variável *aspecto frequência*, os contextos que apresentaram sentido de *mais permanência* mostraram mais tendência ao uso de *para* e os locativos com sentido de *menos permanência* ao uso de *em*. Em relação aos fatores de *tempo/modo verbal*, em geral, o tempo presente favoreceu o uso de *em*, enquanto os verbos no passado favoreceram o uso de *para*, assim como nos resultados de Wiedemer (2008). Para a variável *concretude do complemento locativo*, os resultados mantiveram a maior tendência ao uso de *para* diante de locativos *concretos* e maior tendência ao uso de *em* diante de locativos *abstratos*.

Nossa segunda hipótese também foi confirmada, pois, de acordo com os resultados, tivemos um *input* de 0,63 no uso de *para* na rodada geral (Mallet e Prudentópolis conjuntamente), *input* de 0,58 na rodada de Mallet e de 0,72 na rodada de Prudentópolis. Esses resultados mostram que, tanto na localidade de Mallet, quanto na de Prudentópolis, houve mais uso da preposição *para*, como havíamos proposto inicialmente.

Dos resultados por localidade, notamos que as variáveis *configuração do N locativo*, *aspecto frequência* e *tempo/modo verbal* repetiram-se nas duas localidades. No entanto, diferenciam-se a seleção das variáveis *traço semântico* e *configuração do espaço* nos resultados de Mallet e *distância entre o verbo e a preposição* e *forma do sintagma nominal* nos resultados de Prudentópolis. Ainda, observamos que, em Mallet, na rodada sem *concretude do complemento locativo*, foi selecionada a variável *pessoa do discurso* e, em Prudentópolis, na rodada sem *configuração do N locativo*, foi selecionada a variável *escolaridade*. Esses resultados por localidade poderão ser discutidos e analisados em trabalho investigativo posterior.

Ainda, diante dos resultados obtidos, nossa terceira hipótese também foi confirmada, já que, como esperávamos, em nossos dados, houve maior uso de *para* diante de complementos concretos – assim como as preposições *do* (polonês) e *До* (ucraniano) – e mais uso de *em* diante de complementos abstratos – assim como as preposições *Na* (polonês) e *Ha* (ucraniano), o que nos mostra uma possível interferência de uma característica das línguas eslavas atuando na língua portuguesa, motivando a variação de *para* e *em* diante de locativos concretos e abstratos.

Outro resultado importante que obtivemos nessa análise foi o não-uso da preposição *a*, pois, de todos os dados levantados, houve apenas três ocorrências com essa preposição, o que mostra, assim como insere Castilho (2014), o desaparecimento dessa preposição e a sua substituição por *para* e *em*.

Sendo assim, concluímos que há variação entre as preposições *para* e *em* na fala de descendentes de eslavos, nas localidades de Mallet e Prudentópolis e essa variação não é aleatória, mas sim, motivada, principalmente, por fatores linguísticos. Embora a preposição *em* esteja competindo com *para* em vários contextos, em nossos dados houve mais uso de *para* do que *em*, mostrando que, na fala desses informantes, no que diz respeito ao uso dessas preposições, predomina a forma padrão. Conforme os resultados, houve maior uso de *para* em Prudentópolis (*input* 0,72) do que em Mallet (*input* 0,58), indicando que, neste último, há mais concorrência entre as preposições *para* e *em*. A preposição *a*, praticamente, não é utilizada entre esses informantes e há uma interferência linguística eslava atuando como

motivadora na variação das preposições *para* e *em* como complemento preposicional do verbo *ir de movimento*. Em geral, considerando as variáveis analisadas neste trabalho, nossos resultados assemelham-se aos de Mollica (1996), Wiedemer (2008) e Vieira (2009).

Por fim, esperamos oferecer um trabalho que contribua para o conhecimento, tanto linguístico no que diz respeito à variação das preposições em estudo, quanto histórico no que diz respeito às comunidades de fala e à influência da cultura eslava no Estado do Paraná. O assunto de que tratamos é bastante proveitoso e apresenta um amplo campo de possíveis análises, portanto, é bastante convidativo aos pesquisadores que desejam contribuir para o crescimento dos estudos nesta área.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Noções fundamentais da língua latina**. 9. ed. São Paulo: Saraiva, 1959.

_____. **Gramática metódica da língua portuguesa**: curso único e completo. 27. ed. São Paulo: Saraiva, 1978.

_____. **Gramática latina**: curso único e completo. 26. ed. São Paulo: Saraiva, 1995.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1979.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual de sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.

CASTILHO, Ataliba T de. Análise multissistêmica das preposições do eixo transversal no português brasileiro. In: RAMOS, J.; ALCKMIN, M. (Org). **Para a história do português brasileiro**: Estudos sobre mudança linguística e história social. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2003, p. 53 – 132.

_____. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014.

COELHO, Izete et al. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

COSTA, Luciane Trennephol da.; LOREGIAN-PENKAL, Loremi. A coleta de dados do banco VARLINFE – Variação linguística de fala eslava: peculiaridades e características. **Conexão**. Ponta Grossa, v. 11, n. 1. Janeiro de 2015, p. 100 – 109.

CUNHA, Celso Ferreira da. **Gramática da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: FENAME, 1976.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI Escolar: O minidicionário da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FOETSCH, Alcimara Aparecida. Paisagem, cultura e identidade: os poloneses em Rio Claro do Sul, Mallet (PR). **Caminhos de Geografia**. Uberlândia, v. 8, n. 21. Junho de 2007, p. 59 – 72.

_____. **Paisagem, cultura e identidade: Os poloneses em Rio Claro do Sul**. Dissertação (Mestrado em Geografia), Curitiba, UFPR, 2006.

GUÉRIOS, Paulo Renato. **Memória, identidade e religião entre imigrantes rutenos e seus descendentes no Paraná**. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Rio de Janeiro, UFRJ, 2007.

GUY, Gregory Riordan; ZILLES, Ana. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

ILARI, Rodolfo. **Linguística românica**. São Paulo: Ática, 1992.

KLUG, Melânia B. **Língua portuguesa: minidicionário escolar**. Blumenau: Vale das letras, 2010.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

MACAMBIRA, José Rebouças. **A estrutura morfo-sintática do português: aplicação do estruturalismo linguístico**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1974.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Breve excursão sobre a Linguística no século XX. In: _____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008, p. 26 – 46.

MOLLICA, Maria Cecília. A regência variável do verbo ir de movimento. In: SILVA, Giselle Machline de Oliveira e; SCHERRE, Maria Marta Pereira. (orgs.) **Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: Departamento de Linguística e Filologia, UFRJ, 1996, p. 149 – 167.

_____. Influência dos fatores sociais sobre a regência variável do verbo ir de movimento. In: SILVA, Giselle Machline de Oliveira e.; SCHERRE, Maria Marta Pereira (orgs.) **Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: Departamento de Linguística e Filologia, UFRJ, 1996, p. 285 – 307.

MOLLICA, Maria Cecilia; BRAGA, Maria Luiza (orgs). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. São Paulo: UNESP, 2000.

OGLIARI, Marlene Maria. **As condições de resistência e vitalidade de uma língua minoritária no contexto sociolinguístico brasileiro**. Tese (Doutorado em Linguística), Florianópolis, UFSC, 1999.

PAIVA, Maria da Conceição A. de; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Quarenta anos depois: a herança de um programa na sociolinguística brasileira. In: WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Traduzido por Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968], p. 131 – 151.

PARANÁ, Secretaria da Cultura e do Esporte. **A represa e os colonos**. Curitiba, 1986.

PORTAL, Roger. **Os eslavos: povos e nações**. Lisboa: Cosmos, 1968.

RAVELLI, Juliana. Por que todo mundo não fala a mesma língua? **Diário do grande ABC**. Disponível em: <http://www.dgabc.com.br/Noticia/166644/por-que-todo-mundo-nao-fala-a-mesma-lingua->, 2009.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 27. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

SAID ALI, M. **Gramática histórica da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971.

_____. **Gramática secundária da língua portuguesa**. 8. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1969.

SALLES, Ricardo C. **O legado de Babel: as línguas e seus falantes**. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1993.

SENIUK, Talita; SAKAVRONSKI, Maria Inês Antonio. Imigração ucraniana e colonização em Prudentópolis (1895 – 1945). **Ateliê de História**. UEPG, 2014, p. 81 – 91.

VIEIRA, Maria José Blaskovski. Variação das preposições em verbos de movimento. **Signum**. Londrina, v. 12, n. 1, julho de 2009, p. 423 – 445.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Traduzido por Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

WIEDMER, Marcos Luiz. **A regência variável do verbo ir de movimento na fala de Santa Catarina**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – UFSC, Florianópolis, 2008.

_____. Para uma visão conceptual das preposições que complementam verbos de movimento no português brasileiro. **Veredas atemática**, Juiz de Fora, v. 18, n. 2, 2014, p. 102 – 122.

_____. O desenvolvimento das preposições de complemento de verbos de movimento: do Latim ao Português. **Sociodialeto**, Campo Grande, v. 4, n. 12, 2014, 365 – 386.

ANEXOS

Tabela 39: Variáveis selecionadas na rodada com P1 e P4

VARIÁVEIS	PARA			EM		
	Aplic./total	Freq.	PR	Aplic./total	Freq.	PR
Configuração do N locativo						
Espaço sócio-geográfico	150/180	83%	0,76	30/180	17%	0,24
Lugar/instituição	70/101	69%	0,60	31/101	31%	0,40
Lugar/evento	29/88	33%	0,28	59/88	67%	0,72
Lugar/objeto	5/42	12%	0,05	37/42	88%	0,95
Lugar/instituição personificada	1/16	6%	0,06	15/16	94%	0,94
Aspecto frequência						
[+permanência]	104/120	87%	0,78	16/120	13%	0,22
[-permanência]	154/313	49%	0,38	159/313	51%	0,62
Distância entre o verbo e a preposição						
Ausência de elemento	212/340	62,5%	0,54	128/340	37,5%	0,46
Presença de elemento	46/93	49,5%	0,34	47/93	50,5%	0,66
Traço semântico						
[+habitual]	142/261	54,4%	0,60	119/261	45,6%	0,40
[-habitual]	116/172	67,4%	0,35	56/172	32,6%	0,65
Tempo/modo verbal						
Infinitivo	28/41	68%	0,64	13/41	32%	0,36
Pret. imperfeito	65/111	58,6%	0,59	46/111	41,4%	0,41
Pret. perfeito	88/122	72%	0,57	34/122	28%	0,43
Outros	10/13	77%	0,44	3/13	23%	0,56
Presente	67/146	46%	0,34	79/146	54%	0,66
Pessoa do discurso						
P3	101/144	70%	0,64	43/144	30%	0,46
P2	7/13	54%	0,49	6/13	46%	0,51
P1	118/202	58,4%	0,45	84/202	41,6%	0,55
P4	32/74	43%	0,37	42/74	57%	0,63
Total	258/433	59,6%		175/433	40,4%	
Aplicação: <i>para</i> <i>Input: 0,63</i> <i>Sig.: 0,014</i>						

Tabela 40: Aplicação de para vs em na rodada sem a variável aspecto frequência

VARIÁVEIS	PARA			EM		
	Aplic./total	Freq.	PR	Aplic./total	Freq.	PR
Configuração do N locativo						
Espaço sócio-geográfico	150/180	83%	0,77	30/180	17%	0,23
Instituição	70/101	69%	0,59	31/101	31%	0,41
Evento	29/88	33%	0,25	59/88	67%	0,75
Objeto	5/42	12%	0,07	37/42	88%	0,93
Instituição personificada	1/16	6%	0,04	15/16	94%	0,96
Dist. entre o verbo e a preposição						
Ausência de elemento	212/340	62,4%	0,54	128/340	37,6%	0,46
Presença de elemento	46/93	49,5%	0,34	47/93	50,5%	0,66
Tempo/modo verbal						
Imperfeito	65/111	58,6%	0,57	46/111	41,4%	0,43
Perfeito	88/122	72%	0,60	34/122	28%	0,40
Presente	67/146	46%	0,33	79/146	54%	0,67
Infinitivo	28/41	68%	0,60	13/41	32%	0,40
Outros	10/13	77%	0,49	3/13	23%	0,51
Pessoa do discurso						
P3	101/144	70%	0,64	43/144	30%	0,36
P1	150/276	54,3%	0,42	126/276	45,7%	0,58
P2	7/13	54%	0,45	6/13	46%	0,55
Aplicação: para Input.: 0,61 Sig.: 0,007	258/433	59,6%		175/433	40,4%	